

Espiritualidade, religião e cuidados no fim de vida

Informações úteis sobre atitudes e crenças



Apoio integral a pessoas com doenças avançadas

Espiritualidade, religião e cuidados no fim de vida

Informações úteis sobre atitudes e crenças



ASSOCIACIÓ UNESCO PER AL
DIALOG INTERRELIGIOS
ASSOCIATION OF WORLD RELIGIOUS PROFESSIONALS
ASSOCIATION UNAMCO POUR LE DIALOGUE INTERRELIGIEUX
UNESCO ASSOCIATION FOR INTERRELIGIOUS DIALOGUE



BPI



Fundação "la Caixa"

EDIÇÃO

Fundação “la Caixa”

COORDENAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Xavier Sobrevia e Francesc Torradeflot

AUTORES

Budismo (Buddha Dharma), Hinduísmo (Sanatana Dharma), Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), Islão Xiita, Islão Sunita, Judaísmo, Siquismo, Tradições Chinesas (Confucianismo e Taoísmo): Centro UNESCO da Catalunha – Unescocat; **Ateísmo:** Joan Carles Marset; **Fé Bahá’í:** Antonio Camps; **Catolicismo:** Xavier Sobrevia; **Cristianismo ortodoxo:** Arcipreste Joan Garcia; **Protestantismo, incluindo Evangelicalismo:** Mariano Blázquez; **Crenças ciganas:** Sergi Rodríguez; **Testemunhas de Jeová:** Aníbal Matos

AUTORES DO CENTRO UNESCO DA CATALUNHA - UNESCOCAT

Said Karam, Elisabeth Lheure, Manuel Pérez e Francesc Torradeflot

DESIGN GRÁFICO

Amélie Ponce

IMPRESSÃO

Novoprint

2024, edição revisada

© dos textos, os autores e consultores

© das fotografias, os autores

© da edição, Fundação “la Caixa”, 2018

Av. Diagonal, 621 - 08028 Barcelona

Depósito Legal: B 18719-2018

CONSULTORES

Budismo (Buddha Dharma): Rafael Ferrer e Florencio Serrano; **Hinduísmo (Sanatana Dharma):** Bhakti Das, Juan Carlos Ramchandani e Gundicha Das; **Catolicismo:** Bispo Rafael Palmero e Abilio Fernández, sacerdote; **Protestantismo, incluindo Evangelicalismo:** Daniel Rodríguez; **Cristianismo Ortodoxo:** Bispo Timoteo Luran e Arcipreste Aurel Bunda; **Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons):** Sergio Flores e Elder Faustino López; **Islão Xiita:** Yafar González; **Islão Sunita:** Riay Tatary; **Judaísmo:** Ezequiel Sakal e León Benmayor; **Siquismo:** Hardev Singh e Kartar Singh; **Tradições Chinesas (Confucianismo e Taoísmo):** Tian Cheng Yang e Arthur Mateu.

ASSESSORES DE SAÚDE

Xavier Busquet, Pilar Claret, Cecília Farrús, Cristina Llagostera, José Martín de Rosales, Yolanda Santesteban, Ainhoa Videgain e Joan Viñas.

Também agradecemos a especial colaboração de José Carlos Bermejo, Jesús Etayo e Miguel Martín.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

ÍNDICE

■	Prefácio	8
■	Prólogo	10
■	Introdução	12
■	Catolicismo	19
■	Protestantismo, incluindo Evangelicalismo	37
■	Islão Sunita	49
■	Islão Xiita	63
■	Judaísmo	75
■	Budismo (Buddha Dharma)	91
■	Cristianismo Ortodoxo	109
■	Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons)	121
■	Testemunhas de Jeová	129
■	Fé Bahá'í	139
■	Hinduísmo (Sanatana Dharma)	155
■	Siquismo	169
■	Tradições Chinesas (Confucianismo e Taoismo)	183
■	Ateísmo	195
	Apêndice	203
■	A morte e o luto na religiosidade cigana	

Prefácio

A Fundação “la Caixa” lançou em 2008 o Programa para o Apoio Integral a Pessoas com Doenças Avançadas, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida destas pessoas em situação de especial vulnerabilidade, oferecendo apoio emocional, social e espiritual a doentes e aos seus familiares, bem como assistência aos profissionais de saúde. Em 2018, a Fundação “la Caixa” alargou a sua atividade a Portugal, criando o Programa Humaniza, que inclui iniciativas com provas dadas em Espanha, adaptadas à realidade portuguesa, bem como iniciativas específicas para Portugal, orientadas para tornar os cuidados paliativos um exemplo de apoio humanizado na sociedade portuguesa.

As pessoas com doenças avançadas requerem cuidados integrais que abordem uma série de aspetos, tanto médicos e psicológicos como sociais e espirituais, e que abranjam o bem-estar dos cuidadores e a preparação para o luto. Neste sentido, os profissionais de cuidados paliativos exercem uma função vital e o objetivo do Programa para o Apoio Integral a Pessoas com Doenças Avançadas da Fundação “la Caixa” consiste em complementar o seu trabalho, realizando uma **intervenção psicossocial e espiritual** através de 5 equipas domiciliárias de cuidados paliativos e 11 equipas de apoio psicossocial (EAPS), que prestam apoio em hospitais, no domicílio e estruturas residenciais para pessoas idosas em Portugal.

É especialmente importante abordar os aspetos transcendentais e espirituais no fim de vida, e o Programa procura proporcionar apoio de alta qualidade às pessoas, adaptando-se às suas necessidades específicas e demonstrando sempre o máximo respeito pelas suas crenças e convicções pessoais.

Este guia básico da espiritualidade e religião nos cuidados de fim de vida é oferecido como uma ferramenta para ajudar ao trabalho realizado por profissionais de cuidados paliativos nos âmbitos hospitalar, residencial e domiciliário,

com o bem-estar dos doentes sempre como objetivo principal.

A Fundação "la Caixa" gostaria de agradecer os esforços envidados pela Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso, responsável pela coordenação desta publicação, bem como a contribuição realizada pelos consultores de saúde e religiosos, e por inúmeras outras pessoas e instituições que, ao longo deste processo, apresentaram as suas opiniões para melhorar este guia, cujo objetivo último consiste em melhorar o apoio proporcionado às pessoas com doenças avançadas e às suas famílias, bem como aos profissionais que as atendem.



BPI



Fundação "la Caixa"

Prólogo

A morte e a diversidade religiosa

A morte é interpretada e experimentada de formas muito diferentes, dependendo das convicções religiosas de cada pessoa quando chega ao fim da sua vida, bem como das preferências dos seus familiares e das tradições da comunidade em que se encontra. Nas sociedades antigas, os códigos religiosos relacionados com a doença e com a morte eram definidos de acordo com as normas estabelecidas pela religião predominante. No entanto, no mundo atual, caracterizado por uma crescente diversidade de religiões e por uma maior sensibilidade em relação às pessoas que se definem como agnósticas, ateias ou que não se identificam com nenhum sistema, doutrina ou convicção religiosa, existe uma necessidade de atualizar os critérios aplicados ao apoio espiritual e religioso proporcionado às pessoas no fim das suas vidas.

É importante reconhecer o direito de todos os seres humanos e comunidades com crenças e convicções fundamentais a que os seus desejos de falecer de acordo com as suas práticas ideológicas e religiosas sejam respeitados. A liberdade religiosa é uma conquista inalienável da dignidade humana. A hora da nossa morte tende a ser um momento altamente significativo para expressar qualquer convicção sentida fora do universo religioso. A sociedade tem de respeitar escrupulosamente as escolhas realizadas por cada pessoa, pela sua família e pela sua cultura.

Os cuidados no fim de vida proporcionados às pessoas são perfeitamente compatíveis com a utilização de recursos espirituais e com a celebração de ritos de diferentes tradições religiosas, bem como de convicções não religiosas. As cerimónias associadas com a morte estão altamente desenvolvidas em todas as culturas. Os códigos estabelecidos por cada sistema de crenças definem um enquadramento que proporciona as interpretações, sugere as ações, propõe a socialização do evento, canaliza o luto, acompanha a dor, e oferece orientação sobre o significado da morte e diretrizes para recordar quem nos deixou. Estas contribuições são extremamente valiosas no processo de

cura das feridas deixadas pela morte de um ente querido. Também ajudam a evitar a improvisação e aliviam o mal-estar causado pela morte. Estes códigos são úteis sempre que soubermos como os aplicar em cada caso específico.

A Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso possui uma vasta experiência na promoção do diálogo e da tolerância entre religiões, na defesa da liberdade religiosa, no aconselhamento sobre como enfrentar as diversas crenças e convicções, na mediação entre comunidades e na sensibilização sobre as diferentes tradições religiosas.

Juntamente com a Fundação “la Caixa”, a Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso produziu esta publicação sobre as principais tradições religiosas da nossa sociedade e as suas principais crenças e práticas espirituais relacionadas com os últimos estádios da vida e com a morte. No entanto, não deixa de ser uma breve apresentação cujo objetivo consiste em proporcionar uma visão geral da diversidade religiosa e umas diretrizes gerais para as práticas de cada sistema de crenças em termos de apoio espiritual.

Fèlix Martí Ambel

Presidente Honorário do Centro UNESCO da Catalunha

Introdução

A religião é importante para muitas pessoas durante as suas vidas, mas costuma tornar-se especialmente relevante quando o fim se aproxima.

É normal que as pessoas gravemente doentes se tornem mais abertas às crenças espirituais ou ao regresso à religião. Esta tendência é lógica porque essas crenças ajudam a dar significado à vida, à doença e à frequente pergunta sobre o que acontece depois da morte.

Em termos gerais, as pessoas com doenças avançadas requerem cuidados paliativos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define os cuidados paliativos como “uma abordagem que visa melhorar a qualidade de vida dos doentes e das famílias que enfrentam problemas decorrentes de uma doença incurável e/ou grave e com prognóstico limitado, através da prevenção e alívio do sofrimento, com recurso à identificação precoce e ao tratamento rigoroso dos problemas não só físicos, como a dor, mas também dos psicossociais e espirituais”^a.

A espiritualidade deve portanto ser tida em consideração para proporcionar um apoio verdadeiramente integral, para garantir o bem-estar da pessoa doente e para a ajudar a morrer em paz.

Apesar de as convicções espirituais e existenciais poderem ser desenvolvidas sem qualquer referência direta a crenças religiosas, as pessoas doentes apresentam uma tendência a experimentar a sua doença através da religião. No entanto, por muito diferentes razões, esta dimensão é frequentemente esquecida, ignorada ou evitada. O objetivo deste guia consiste em ajudar a melhorar a qualidade do apoio prestado às pessoas em situação de fim de vida e às suas famílias, especificamente ajudando a perceber a área da religião e da espiritualidade como uma oportunidade a aproveitar, respeitando as convicções de cada indivíduo.

a. *Organização Mundial da Saúde. Programas Nacionais de Controlo de Doenças Oncológicas: Políticas e Diretrizes de Gestão, 2ª edição. Genebra, 2*

Uma publicação para melhorar e aumentar a informação

Este guia está centrado essencialmente na informação que os profissionais de saúde (medicina, enfermagem, psicologia, serviço social e gestão hospitalar) podem necessitar para melhorar o apoio integral prestado às pessoas com doenças avançadas e às suas famílias.

O seu objetivo consiste em melhorar e aumentar a informação disponível sobre os diversos sistemas de crenças e mundivisões, uma situação cuja diversidade e complexidade não para de aumentar, requerendo uma união das forças de todos os implicados. Este conhecimento pode ajudar a melhorar a nossa capacidade de empatizar, detetar, explorar e responder às necessidades dos doentes em termos espirituais.

Foi dedicado um capítulo específico a cada religião ou sistema de convicções, e foram incluídos dois apêndices no final: um sobre o sistema de crenças cigano e outro com estatísticas sobre as diferentes religiões do mundo. Este guia centra-se especialmente nas mais importantes religiões e sistemas de crenças em Portugal em termos sociológicos, em detrimento de outros sistemas que podem ser importantes a nível global, mas que são relativamente menores neste país, como o zoroastrismo ou o jainismo.

De modo geral, cada capítulo está composto por diversas secções: o nome da religião ou do sistema de convicções; a sua origem e/ou fundador; as suas doutrinas e crenças; moralidade, conduta e obrigações; práticas e ritos; os principais dias festivos; objetos úteis e/ou rituais; a organização da religião e os cuidados que presta aos doentes; informações de contacto; bibliografia essencial; algumas orações e textos espirituais para reconfortar e orar por ou com os doentes; os especialistas consultados para a religião em questão e, nalguns casos, um glossário final relativo às palavras marcadas com um asterisco.

Algumas secções contêm diretrizes específicas relativas à doença, ao fim de vida, à vida depois da morte e ao luto,

e também foram incluídos alguns textos espirituais de cada religião, especialmente úteis pela sua capacidade de proporcionar sentido ou significado ao sofrimento e à doença, um significado que é frequentemente bem conhecido pelos doentes, pelos seus familiares e comunidades, mas com que os profissionais de saúde podem não estar familiarizados. O nosso objetivo foi portanto ajudar estes profissionais a compreender e respeitar essas crenças, proporcionando-lhes a capacidade de melhor apreciar os efeitos positivos que podem ter no equilíbrio mental e espiritual do doente.

Os capítulos foram ordenados de acordo com o enquadramento legal espanhol. Como consequência, o primeiro capítulo aborda o Catolicismo, que possui acordos a nível internacional, seguido por outras tradições religiosas e sistemas de convicções, cobrindo primeiro os mais proeminentes e depois os outros por ordem alfabética. A seguir, é apresentado o capítulo sobre o Ateísmo, que é a única tradição não religiosa com algum tipo de proeminência institucional entre os sistemas de convicções seculares.

Existem motivos válidos para a inclusão de um capítulo sobre o Ateísmo num guia cujo objetivo consiste na melhoria do tratamento da diversidade religiosa nos cuidados paliativos proporcionados às pessoas gravemente doentes. A Organização das Nações Unidas inclui a discussão sobre a diversidade no enquadramento dos princípios e direitos a liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Nesta categoria estão incluídas obviamente as crenças religiosas, mas também as não religiosas, e a mundivisão ateísta teria de ser incluída em qualquer publicação dirigida a melhorar o diálogo.

A religião como um potencial para a paz

A Organização das Nações Unidas acredita que as religiões são essenciais para a harmonia na Terra. O artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que “Todos os seres humanos têm direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este

direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.” Este direito protege as crenças e convicções das pessoas e das comunidades, e tem de ser interpretado no seu sentido mais amplo, como estabelece o Comité de Direitos Humanos, sem quaisquer restrições arbitrárias ou discriminatórias.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconhece o valor da diversidade cultural e religiosa, bem como do diálogo entre as culturas, as religiões e as crenças. A UNESCO define a cultura como “o conjunto de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais distintivas de uma sociedade ou um grupo social, que engloba não apenas arte e literatura, mas também estilos de vida, modos de conviver, sistemas de valores, tradições e crenças”.^b

Como se indica no Preâmbulo da Constituição da UNESCO^c, as defesas da paz terão de ser construídas na mente dos homens. A paz é um requisito inevitável e essencial, e a religião não pode permanecer à margem deste desafio.

Algumas agências das Nações Unidas possuem materiais, pessoal e grupos de referência especializados na diversidade e no diálogo interreligioso, merecendo especial atenção a importância da religião no projeto de “Qualidade de Vida” da OMS.

As Nações Unidas e a UNESCO também realçam o valor e a necessidade de diálogo intercultural, e muito especialmente de diálogo interreligioso. Esta é uma

b. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, Preâmbulo, 2002. Disponível em: http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=13179&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html.*

c. *“(…) dado as guerras começarem nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que as defesas da paz terão de ser construídas”. Preâmbulo da Constituição da UNESCO. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=15244&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html.*

questão fundamental para a paz mas também para a segurança. Através da sua Divisão Cultural, a UNESCO estabeleceu um programa de diálogo intercultural e interreligioso^d que desenvolveu a rede de Cátedras UNESCO em Relações Interculturais e Interreligiosas, bem como a celebração regular de seminários e conferências com especialistas e representantes das diferentes religiões e tradições espirituais, para tratar especialmente questões relacionadas com a contribuição das religiões à cultura da paz e à ética mundial, à educação na tolerância e à cultura religiosa^e.

Parece óbvio que a Organização das Nações Unidas reconhece e aprecia o papel único desempenhado pelas tradições religiosas e espirituais, bem como pelas crenças não religiosas, em áreas específicas, incluindo a saúde.

Metodologia

A Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso trabalhou com a Fundação “la Caixa” na elaboração da presente publicação sobre a espiritualidade, a religião e os cuidados no fim de vida, do ponto de vista de cada sistema de crenças.

O presente guia é o resultado do trabalho árduo, mas delicado e também estimulante, cuja principal característica consiste numa procura constante do acordo. A pesquisa bibliográfica foi realizada por especialistas em ciências da religião e a primeira versão foi apresentada com muitos capítulos que incluíram numerosas contribuições subsequentes. Os especialistas em cada tradição religiosa ou sistema de crenças atuaram como consultores, e o trabalho contou com a contribuição de diversos assessores procedentes do setor da saúde. O processo contou com a coordenação conjunta da Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso e da Fundação “la Caixa”.

d. Consulte-se <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/dialogue/intercultural-dialogue/interreligious-dialogue/>

e. TORRADEFLOT, Francesc (ed.), *Diálogo entre religiones – Textos fundamentales*, Madrid, Trotta, 2002; ou em www.unescocat.org.

Os coordenadores evitaram dar especial ênfase a qualquer teologia ou filosofia em detrimento das restantes, além de garantirem respeito pela forma como os autores, consultores e assessores se expressaram, sempre que as suas palavras pudessem ser facilmente compreendidas por leitores do sector da saúde que não contassem com quaisquer conhecimentos prévios da área em questão.

A presente publicação foi elaborada para poder ser consultada quando os profissionais estiverem a cuidar de uma pessoa com uma mundivisão ou umas crenças que não conhecerem bem. Tentou-se proporcionar informação útil e garantir que o texto é: a) claro, para poder ser lido rapidamente; b) básico, proporcionando informação essencial para qualquer pessoa que não esteja familiarizada com a tradição religiosa em questão; c) breve, cobrindo os aspetos mais importantes dessa religião; d) relevante para os profissionais de saúde (medicina, enfermagem, psicologia, serviço social e gestão hospitalar, etc.); e) apropriado para os cuidados prestados aos doentes em situação de fim de vida e às suas famílias; e f) prático, para que possa ser efetivamente utilizado para melhorar o apoio dado a quem necessita. Em resumo, procurámos apresentar os aspetos essenciais das religiões e um conjunto de diretrizes que possam melhorar o bem-estar das pessoas após uns breves minutos de leitura desta publicação.

Também nos limitámos ao espaço adequado para um manual de bolso que seja fácil de levar e acessível para os profissionais de saúde. Há algumas diferenças entre os conteúdos dos diferentes capítulos, devidas tanto à própria natureza das tradições religiosas como ao estilo pessoal dos diversos autores e editores responsáveis por cada capítulo.

Também gostaríamos que o presente guia ajudasse a sensibilizar os seus leitores sobre a importância das crenças e convicções das pessoas quando se encontram gravemente doentes, e promover um interesse em habilitar ou melhorar as experiências religiosas dos doentes e das

suas famílias, tornando-as em “aliadas” dos seus cuidados de saúde.

Finalmente, temos de agradecer aos autores, aos consultores para as principais tradições religiosas e aos assessores em questões de saúde, bem como a todas as restantes pessoas que tornaram esta publicação possível, pela sua ajuda, paciência, colaboração e, principalmente, pelo seu empenho em chegar a acordos, um exemplo prático da nova cultura de diálogo que todos desejamos criar juntos.

Xavier Sobrevia, Assessor do Programa para o Apoio Integral a Pessoas com Doenças Avançadas da Fundação “la Caixa”

Francesc Torradeflot, Diretor da Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso

Coordenadores da publicação

Os números em expoente no texto referem-se à secção de **Notas** no final de cada capítulo.

Catolicismo



*Basilica da Sagrada Família, Barcelona (Espanha).
Arquivo do Arcebispado de Barcelona.*

Denominação

Catolicismo

Origem e fundador

Jesus Cristo.

Deus quis mostrar a sua bondade e o seu amor, e oferecer a salvação do ser humano, escolhendo o povo judeu, surgido do patriarca Abraão há cerca de 3800 anos, para comunicar diretamente com a humanidade.

Além disso, tanto era o amor de Deus pelo mundo que se fez homem: em Jesus Cristo, nascido em Belém de Judeia, há cerca de 2000 anos. Jesus Cristo anunciou, em Israel, o Reino de Deus e instou a humanidade a abandonar o mal. Escolheu doze apóstolos, assinalou São Pedro como fundamento da Igreja, e enviou-os a anunciar o amor e o perdão de Deus a toda a humanidade.

Doutrinas e crenças

- Os cristãos católicos acreditam que Deus é amor¹ e que por amor criou o ser humano. Nunca se esquece do homem e quer que este, livremente, participe da Sua felicidade.
- Cada pessoa é única e irrepetível, e é conhecida e amada pessoalmente por Deus. O homem procura e anseia por sentido e felicidade. Deus, pela sua parte, dá-se a conhecer e atrai as pessoas para que encontrem em Si a plenitude da verdade e felicidade que desejam.²
- A fé é a adesão pessoal do homem a Deus e o assentimento livre da Sua verdade revelada.³
- O credo é a oração com as principais crenças. Estas são:
 - A existência de um único Deus, origem de tudo, que é trino. Há três pessoas com uma mesma natureza divina: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mistério da Santíssima Trindade).

- Jesus é Deus e homem. A sua vida é explicada nos quatro evangelhos. É o Messias esperado pelo povo judeu, o Cristo (Jesus Cristo = Jesus é o Cristo). Traz a libertação do pecado e da morte. Com a sua vida, o seu sofrimento, a sua morte na cruz e a sua ressurreição, demonstrou a bondade de Deus e dá a vida eterna às pessoas que acreditam em Ele e cumprem os seus ensinamentos.
- Santa Maria é a mãe de Jesus e pode ser chamada “Mãe de Deus”⁴. O seu culto é “essencialmente diferente do culto de adoração”, que só se oferece a Deus.⁵
- A Igreja é o Povo de Deus, o conjunto dos “filhos de Deus”, dos batizados. Quem goza de Deus no céu, os santos, são modelos no seguimento de Jesus Cristo e podem receber pedidos de ajuda para interceder perante Deus.
- A unidade com o papa é fundamental, porque é o sucessor de São Pedro. Jesus Cristo disse: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”.⁶
- A Bíblia e a tradição apostólica contêm a mensagem que Deus comunicou à humanidade e que a Igreja transmite. Jesus Cristo mostra quem é Deus e também quem é o ser humano.⁷

A doença. Jesus Cristo atendeu muitos doentes e lutou contra a doença e tudo o que a causa. Curou cegos, leprosos, paráliticos... Ensinou que o que se faz a um doente é como se lhe fosse feito a ele pessoalmente: “estive doente e visitaram-me”⁸. Também deu exemplo de como viver o sofrimento durante a sua paixão e morte.

A morte. Quando o corpo deixa de ter vida, a alma espiritual subsiste e apresenta-se perante Deus para ser julgada pessoalmente. Segundo a fé e as obras, a alma participa da glória de Deus (céu), ou tem de ser purificada antes de entrar na glória (purgatório) ou fica afastada de Deus para sempre (inferno). No fim dos tempos virá Jesus

Cristo e ressuscitarão os corpos, para voltar a formar uma unidade com a alma.

Moral, comportamentos e compromissos

Para o que é que estamos na terra?

- Estamos na terra para conhecer e amar a Deus,
- para fazer o bem segundo a sua vontade e
- para ir um dia para o céu.⁹

O católico procura imitar e identificar-se com Jesus Cristo. Desde o batismo está chamado a unir-se a Jesus Cristo e ser santo: amar e agir como Ele. Para esta finalidade é necessária a ajuda de Deus, dada, sobretudo, pelos sacramentos.

O amor tem de guiar o comportamento: amor a Deus e amor ao próximo. Desejar e fazer o bem, tanto a amigos como inimigos, é obrigatório¹⁰. Um amor que chega até dar a vida pelo outro¹¹.

Ama quem cumpre os Mandamentos¹². Os mandamentos são dez¹³ e são complementados com as Bem-aventuranças. É pecado qualquer palavra, ato ou intenção, com que a pessoa atenta, consciente e voluntariamente, contra a verdadeira ordem das coisas, prevista assim pelo amor de Deus¹⁴.

Deus tem paciência com todos e sempre espera o regresso de quem se afastou de Si. Nenhuma ofensa é tão grande que não possa ser perdoada. A Sua misericórdia é infinita e isso encoraja a reconciliação com Ele, mesmo que seja no último momento da vida.

Saber que nem tudo acaba com a morte e que Deus é misericordioso dá muita esperança e força para viver.

A doença. Todos têm de se preocupar pelos doentes, procurar a sua cura e aliviar os seus sofrimentos. A vida é um dom de Deus que é preciso cuidar e cada doente tem de colaborar com os profissionais de saúde: tomar a medicação indicada, os calmantes necessários e realizar as provas ou os tratamentos adequados. Contudo, o

sofrimento livremente assumido pode ser um modo de se unir a Jesus Cristo¹⁵, que sofreu pela salvação de todos na cruz, e é um modo de contribuir para a salvação do mundo¹⁶.

O sofrimento, a doença e a morte podem provocar crises de fé, frustrações ou decepções. No entanto, podem ser percebidas de um modo diferente ao contemplar Jesus Cristo na cruz e, também, recordando as dificuldades que marcaram as vidas de muitos santos, especialmente de Santa Maria, a pessoa mais amada por Deus. Estes exemplos podem servir para reconduzir sentimentos de culpabilidade, abandono ou acusações contra Deus.

Práticas e ritos

Jesus Cristo convida a comunicar ou falar com Deus, ou seja, rezar. Isto pode ser feito com orações estabelecidas (Pai Nosso, Ave Maria, etc.), lendo a Bíblia, conversando espontaneamente como se faria com um amigo, etc.

Há uns momentos especiais para celebrar a fé e o encontro pessoal com Deus: os sacramentos. “Os sacramentos são sinais sensíveis (que se veem, se ouvem, se tocam, se cheiram) e eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, através dos quais se nos outorga a vida divina”¹⁷. São sete:

- **Batismo.** É celebrado com água e é o primeiro sacramento que se recebe. Converte a pessoa em “filho de Deus”, em cristão, e elimina todos os pecados.
- **Confirmação.** É uma especial efusão do Espírito Santo que enche de força para seguir Jesus Cristo.
- **Eucaristia ou Comunhão.** Na celebração da Santa Missa o pão e o vinho são transformados no corpo e a sangue de Cristo. A Eucaristia é o “corpo de Cristo”, alimento espiritual para viver cristãmente. Na Última Ceia Jesus Cristo disse: «Tomai e comei todos; este é o meu Corpo»¹⁸. “A Eucaristia é fonte e colmo de toda a vida cristã”¹⁹. Para tomar a Comunhão é preciso ter fé e estar sem consciência de pecado grave. Se uma

pessoa há muito tempo que não se confessa, convém recordar se o deseja fazer antes de receber a Comunhão.

- Reconciliação, Penitência ou Confissão. Manifesta a misericórdia infinita de Deus, perdoa qualquer pecado e enche de alegria. O sacerdote dá a absolvição e guarda absoluto segredo sobre o conhecido em confissão.
- Unção dos Enfermos²⁰. A unção do óleo dá “uma graça especial ao cristão que experimenta as dificuldades inerentes ao estado de doença grave ou velhice”²¹. É um sacramento de vivos, ora-se pela saúde do doente e para que lhe outorgue “força, paz, ânimo e também o perdão dos pecados, se o doente não pôde confessar-se”²².
- Ordem Sacerdotal. Quem a recebe é configurado à imagem de Jesus Cristo como sacerdote.
- Casamento. Excepcionalmente pode ser celebrado no hospital, se um dos contraentes estiver em perigo de morte.

Unicamente os bispos e os sacerdotes podem celebrar a santa missa, confessar e administrar a unção dos doentes.

A doença. Há pacientes que desejam ser acompanhados espiritualmente e receber os sacramentos. Participar na santa missa ou receber a comunhão são grandes ajudas e convém perguntar se o doente está interessado. Ver ou ouvir, no rádio ou na televisão, a santa missa, o rezo do rosário, etc., também pode dar um grande bem-estar ao crente.

Qualquer fiel que começa a encontrar-se em perigo de morte por doença ou velhice pode receber a unção dos doentes. Quando se agrava o seu estado se pode receber a unção de novo. É muito conveniente que o paciente esteja consciente e possa rezar, por isso é necessário evitar esperar que a morte seja iminente para solicitar este sacramento.

A Unção dá uma grande paz e prepara para passar para a Casa do Pai (céu). A celebração deste sacramento tem de ser precedida, sempre que for possível, pela Confissão²³. Mesmo que o doente esteja inconsciente pode receber a unção. Também dá uma grande paz aos familiares sentir que se fez o que correspondia segundo as convicções do paciente.

Para morrer em paz e ir para o céu é muito importante estar livre de pecados. O perdão dos pecados ordinariamente é dado com a confissão e a absolvição do sacerdote. Por estes motivos é muito recomendável propor ao doente a possibilidade de falar com um sacerdote.

A morte. O cadáver tem de ser tratado sempre com respeito, mas não há uns rituais específicos para depois da morte. Pode haver diferenças nas práticas funerárias segundo os costumes sociais e culturais de cada lugar. As orações dos vivos ajudam os defuntos a participar na glória do céu. Se a oração exequial for sem missa, normalmente, oferece-se uma missa pelo defunto uns dias depois.

Recomenda-se enterrar o cadáver à semelhança de Jesus Cristo, embora a cremação seja permitida desde 1983.

A alimentação

- Não é proibido nenhum tipo de alimento.
- Jejuia-se uma hora antes de receber a comunhão. No entanto, os doentes e os seus cuidadores não estão obrigados ao jejum²⁴.
- Jejuia-se parcialmente dois dias do ano: Quarta-feira de Cinzas e Sexta-feira Santa. Este preceito é cumprido desde os 18 até aos 59 anos.
- Abstinência de comer carne durante as sextas-feiras da Quaresma e a Quarta-feira de Cinzas. Este preceito é cumprido a partir dos 14 anos.

Festas

- Todos os domingos do ano é celebrada a ressurreição de Jesus Cristo. Concretiza-se na santa missa.

- Páscoa de Ressurreição: o dia pode variar entre o 22 de março e o 25 de abril.
- Pentecostes: vinda do Espírito Santo. Cinquenta dias depois da Páscoa.
- Outras festas de preceito: 1/1, Mãe de Deus; 6/1, a Epifania (Reis); 15/8, Assunção da Virgem; 1/11, Todos os Santos; 8/12, Imaculada Conceção da Virgem Maria; 25/12, Nascimento de Jesus.

■ **Objetos**

- Uma cruz ou um crucifixo.
- O rosário.
- Estampas, imagens ou figuras que representam Jesus Cristo, a Virgem Maria ou outros santos.
- O escapulário da Virgem do Carmo.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

A igreja católica está dividida em dioceses, que são porções de território que têm um bispo como líder espiritual. O bispo nomeia um delegado para atender melhor os temas relacionados com os doentes (Pastoral da Saúde).

As dioceses estão divididas em paróquias. Cada pároco tem a responsabilidade de atender os crentes e especialmente os doentes. Para esta finalidade conta com a colaboração de voluntários da paróquia. Sempre se pode ligar à paróquia para pedir assistência religiosa.

Os centros hospitalares públicos, e muitos dos privados, contam com uma capelania ou serviço religioso católico para apoio aos doentes.

Livros

- A Bíblia (Antigo Testamento e Novo Testamento).
- Catecismo da Igreja Católica.
- Compêndio do Catecismo da Igreja Católica.

Textos

Credo dos Apóstolos²⁵ (Símbolo da fé)

Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra;
e em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.
Creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. *Ámen.*

Orações para todos

Sinal da Cruz

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. *Ámen.*

Pai Nosso (é a melhor oração, a que ensinou Jesus Cristo)

Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso Nome; venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu. Pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. *Ámen.*

Glória ao Pai

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. *Ámen.*

Ave Maria

Ave Maria, cheia de graça. O senhor é convosco.
Bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto
do vosso ventre, Jesus.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores,
agora e na hora da nossa morte. Ámen.

Para os doentes

Oração do doente (beato João Paulo II)

Senhor, Tu conheces a minha vida e sabes a minha dor, viste os meus olhos chorar, o meu rosto entristecer-se, o meu corpo cheio de dolências, e a minha alma trespassada pela angústia. O mesmo que te passou a ti quando, a caminho da cruz, todos te abandonaram. Faz-me compreender os teus sofrimentos e com eles o amor que nos tens. E que eu também aprenda que, unindo as minhas dores às tuas dores, têm um valor redentor para os meus irmãos. Ajuda-me a sofrer com amor, até com alegria. Se não for possível, que passe de mim este cálice. Peço por todos os que sofrem: pelos doentes como eu, pelos pobres, pelos abandonados, pelos desvalidos, pelos que não têm carinho nem compreensão e se sentem sozinhos. Senhor, sei que também a dor a permites Tu para maior bem dos que te amamos. Faz que estas dolências que me achacam me purifiquem, me tornem mais humano, me transformem e me aproximem mais de Ti. Ámen.

Oração de confiança²⁶

Senhor Jesus, agradeço-te o dom da vida. Tu conheces as pessoas e as circunstâncias que me formaram tanto física como emocional e espiritualmente. Elas, e as mais íntimas experiências da minha mente e do meu coração, fizeram de mim a pessoa que sou agora.

Perdoa-me, Senhor, por todas as vezes que te falhei, pelos meus fracassos contra mim mesmo e contra os outros. Ao mesmo tempo, perdoo todos os que me falharam de alguma maneira e me feriram. Ajuda-

me a ver que a minha doença tem uma parte muito importante na minha vida. Que me ajudará a ser plenamente a pessoa que Tu queres que eu seja. Não permitas que eu perca ou desperdice o que Tu queres fazer comigo para fazer completa a minha vida nesta terra e para preparar a minha vida contigo no Céu. Agora não posso orar da maneira que gostaria. (Estou dorido, cansado, confundido). Peço-Te que aceites cada fôlego meu como um ato de amor e de confiança em Ti.

Tu és o meu Salvador. Quero descansar sobre o teu amante coração na segurança e na paz, como uma criança nos braços do pai. Sei que Tu não me abandonarás.

Amo-te, Senhor, quero amar-te com todo o meu coração. Ámen.

Para os familiares e amigos

Oração por um doente

Senhor Jesus, aquele/aquela que amas está doente. Tu podes tudo; peço humildemente que lhe devolvas a saúde. Mas, se forem outros os teus desígnios, peço que lhe concedas a graça de suportar cristãmente a sua doença.

Nos caminhos da Palestina tratavas os doentes com tal delicadeza que todos vinham a ti, dá-me essa mesma doçura, esse sentimento que é tão difícil de ter quando se tem saúde.

Que eu saiba dominar o meu nervosismo para não o incomodar, que saiba sacrificar uma parte das minhas ocupações para o acompanhar, se for o seu desejo. Eu estou cheio de vida, Senhor, e agradeço-Te por isso. Mas faz que o sofrimento dos outros me santifique, formando-me na abnegação e na caridade. Ámen.

Orações para depois do falecimento

Levem-te os Anjos ao Paraíso, à tua chegada recebam-te os Mártires e te conduzam à cidade santa de Jerusalém.

Receba-te o coro dos Anjos e com Lázaro, pobre na terra, tenhas descanso eterno no Céu.

Outras orações

Sob a tua proteção²⁷ (século II)

Sob a Tua proteção buscamos refúgio, Santa Mãe de Deus: não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre, de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

Oração de são Francisco²⁸

Senhor, faz de mim um instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver trevas, que eu leve a luz.
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Mestre, faz com que eu procure mais
consolar do que ser consolado;
compreender do que ser compreendido;
amar do que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se nasce para a vida eterna!
Ámen.

Outros textos bíblicos para confortar na doença

Bem-aventuranças²⁹

Bem-aventurados os pobres em espírito, porque é deles o Reino dos céus. Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles não de obter misericórdia. Bem-aventurados os corações puros, porque eles verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque eles serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque é deles o Reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando vos insultarem e

perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por causa de Mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus.

Do Evangelho segundo São Mateus³⁰

Jesus disse: “Vinde a Mim, todos vós que vos afadigais e vos dobrais sob o fardo, e Eu vos aliviarei. Tomai o Meu jugo sobre vós e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis repouso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve”.

Parábola do bom samaritano³¹

Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» E Jesus, tomando a palavra, disse: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, tendo-o despojado e tendo-lhe feito feridas, fugiram, deixando-o meio morto. Ora, por acaso, um sacerdote descia pelo mesmo caminho e tendo-o visto, passou de lado. Iguamente um levita, passando por aquele lugar e tendo-o visto, passou de lado. Mas um samaritano que ia de viagem, passou perto dele e tendo-o visto, moveu-se de compaixão. E aproximando-se, ligou-lhe as feridas, deitando azeite e vinho e tendo-o colocado sobre o seu jumento, levou-o à estalagem e teve cuidado dele. No dia seguinte, tirou dois dinheiros, deu-os ao estalajadeiro e disse: Tem cuidado dele e o que tiveres gasto a mais, dar-to-ei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?» E ele respondeu: «Aquele que praticou misericórdia para com ele». E Jesus disse-lhe: «Vai e faz tu do mesmo modo».

Salmo 30³²

Senhor, confio em ti; nunca me deixes ficar desiludido. Salva-me, porque tu és justo. Ouve-me com atenção e livra-me depressa.

Sê tu a minha rocha protetora;

sê tu o meu castelo de refúgio e salvação! Tu és a minha rocha e o meu castelo!

Guia-me e protege-me, honrando o teu bom nome.
Tira-me da armadilha que prepararam contra mim,
pois tu és o meu refúgio! Coloco-me inteiramente nas
tuas mãos;
salva-me, Senhor, porque tu és fiel!

Outros recursos

Canções

- Color esperanza (“Da cor da esperança”) D. Torres.
- *El pescador* C. Gabarain.
- *Glória Te, Cristo Gesù* (Hino do Grande Jubileu 2000).
J. P. Lécot.
- *Jesus Christ You are my life*. M. Frisina.

Música

- *Ave Maria* F. Schubert.
- *Ave Verum Corpus, K. 618*. W.A. Mozart.
- *Cantata 147*. J. S. Bach.
- “Disco para los enfermos” (“Disco para os Doentes”).
C. Erdozáin.
- *Hino à Alegria Nona Sinfonia*. L. van Beethoven.
- *O Lago dos Cisnes* P. I. Tchaikovsky.
- *As Quatro Estações* A. L. Vivaldi.
- *Prelúdio BWV 853*. J. S. Bach.

Hiperligações de interesse

- www.vatican.va
- <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/>

Bibliografia

- Comissão Episcopal Pastoral. *La Asistencia Religiosa en el Hospital. Orientaciones Pastorales*. Madrid, Edice, 1987.
- Comissão Episcopal Pastoral. *Orar en la Enfermedad. ¿Un tiempo de gracia?* Madrid, Edice, 1997.

- Conselho Pontifício da Pastoral para os Agentes da Saúde http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/hlthwork/index.htm
- Álvarez, F., Bermejo, J.C. (Ed.) *Diccionario de Pastoral de la Salud y Bioética*. Madrid, San Pablo 2009.
- João Paulo II “*Salvifici Doloris*”. *Sobre o sentido cristão do sofrimento humano* (apresentado a 14.2.1984). w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.htm
- Pangrazzi, A. *En mi dolor te invoco, Señor. Oraciones en la enfermedad y el dolor*. Santander, Sal Terrae 2002.

Autores e consultores

Rafael Palmero, bispo emérito de Orihuela-Alicante. Responsável pelo Departamento de Pastoral da Saúde da Conferência Episcopal Espanhola.

Abilio Fernández, sacerdote. Diretor do Departamento de Pastoral da Saúde da Conferência Episcopal Espanhola.

Xavier Sobrevia, sacerdote e doutor em Medicina. Diocese de Sant Feliu de Llobregat.

Notas

1. João 4:8.
2. Catecismo da Igreja Católica: N° 150.
3. Catecismo da Igreja Católica: N° 150.
4. Concílio de Éfeso (ano 431).
5. Concílio Vaticano II. Lumen Gentium n° 66 (ano 1965).
6. Mateus 16:18.
7. Concílio Vaticano II. Gaudium et Spes n° 22 (ano 1965) “Realmente, o mistério do homem só se esclarece no mistério do Verbo encarnado”.
8. Mateus 25:36.
9. YOUCAT. Catecismo Jovem da Igreja Católica. Q. 1.
10. Mateus 5:44.
11. João 15:13.

12. João 15:10; 1 João 2:3-6.
13. 1. Eu sou o Senhor teu Deus, Não terás outros deuses perante Mim. 2. Não invocarás em vão o Nome do Senhor teu Deus, 3. Lembrar-te do dia do Sábado para o santificar. 4. Honra pai e mãe, 5. Não matarás. 6. Não cometerás adultério. 7. Não roubarás. 8. Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo. 9. Não desejarás a mulher do próximo. 10. Não cobiçarás os bens do próximo. De: Catecismo da Igreja Católica. www.vatican.va/archive/ccc_css/archive/catechism/command.htm
14. YOUCAT: Catecismo Jovem da Igreja Católica. Q. 315.
15. 1 Pedro 4:13
16. Colossenses 1:24
17. Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, Q. 224
18. Mateus 26:26.
19. Catecismo da Igreja Católica , nº 1324.
20. Anteriormente conhecida como a “Extrema Unção”, um termo que atualmente não se recomenda.
21. Catecismo da Igreja Católica , nº 1528.
22. Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, Q. 319.
23. Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, Q. 316.
24. Código de Direito Canónico Can. 919 §3.
25. Compêndio do Catecismo da Igreja Católica. www.vatican.va/archive/ccc_css/archive/catechism/credo.htm
26. Fonte: <http://www.iglesia.cl/especiales/diaenfermo/oraciones.html>
27. Compêndio do Catecismo da Igreja Católica: Apêndice A, Orações comuns
28. Autor anónimo.
29. Mateus 5:3-12.
30. Mateus 11:28-30.
31. Lucas 10:29-37.
32. Há pequenas diferenças na numeração dos Salmos entre a versão hebraica e a versão grega (e latina). A numeração aqui apresentada observa a versão grega.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Protestantismo, incluindo Evangelicalismo



*Igreja St. Michaelis, Hamburgo (Alemanha).
MiJoZi em Wikimedia Commons.*

Denominação

Protestantismo, incluindo Evangelicalismo

Origem e fundador

A Igreja cristã evangélica ou protestante* surgiu no século I e até ao século XVI partilhou uma história comum com a Igreja católica.

A Igreja cristã tem a sua origem na obra e nos ensinamentos de Jesus Cristo, que fundou uma única Igreja, constituída por todos os que acreditaram, acreditam e acreditarão nele. Esta Igreja cristã é universal, foi constituída pelos apóstolos no século I e estende-se até hoje, formada por cada uma das igrejas e organizações criadas ao longo da história. Entre estas encontram-se as Igrejas protestantes ou evangélicas. Todas as Igrejas cristãs estão chamadas a ser fiéis aos ensinamentos de Jesus Cristo, que será quem julgue o grau de fidelidade de cada uma delas.

Doutrinas e crenças

- As Igrejas evangélicas ou protestantes aceitam os textos da Bíblia como inspirados por Deus e os seus princípios e ensinamentos como norma de fé e conduta.
- São trinitárias, ou seja, acreditam num Deus que são três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Rezam o mesmo Credo Apostólico¹ que católicos e ortodoxos.
- Não reconhecem nenhuma autoridade humana como infalível.
- Procuram viver a experiência da sua fé pessoal em comunidades, de forma diversa e contextualizada na realidade social. Defendem a liberdade organizativa de cada comunidade e a intercomunhão das suas igrejas sempre que respeitem os preceitos da Bíblia.

* *Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.*

- Acreditam no valor sagrado da vida humana, que pertence a Deus desde a sua origem até ao final dos seus dias. Por isso defendem e protegem a vida.

A dor, a doença e a morte fazem parte da vida. A vida não termina com a morte, mas transcende-a: existe uma vida de felicidade futura para aqueles que, depositando a sua confiança em Deus, são feitos seus filhos e amigos e por isso atuam segundo os princípios da Sua palavra.

Deus dirige os tempos e conhece a nossa vida. É sábio e ajuda a que tudo o que nos acontece possa finalmente reverter no nosso bem.

A dor pela separação dos entes queridos é compensada pela esperança de passar à presença de Deus.

Moral, comportamentos e compromissos

Um dos princípios básicos do protestantismo é que ninguém pode ganhar o céu. A vida eterna, como qualquer vida, é uma oferta de Deus. E Deus oferece-a a quem a quiser receber e se comprometer a seguir os ensinamentos de Jesus.

A consequência da fé e do compromisso é que a pessoa se constitui amiga de Deus e inicia uma relação pessoal com Ele que transcende esta vida. É uma relação que não implica perfeição, mas progresso. Progresso em termos de ética pessoal, social, laboral, na relação com os outros e com o meio ambiente, para expressar coerência e gratidão com o que a pessoa verdadeiramente é.

Práticas e ritos

- São realizados diversos rituais como: Batismo (frequentemente de adultos), Confirmação (em igrejas que batizam crianças), Matrimónio, Mesa do Senhor, Santa Ceia* ou eucaristia, encomendação ou ordenação no ministério cristão, etc.
- A oração tem de ser uma prática diária e constante.

A doença. A oração também é realizada pelos doentes. Normalmente, reza-se depois de uma leitura e meditação

bíblicas. Não são habituais orações recitadas, mas diálogos livres e espontâneos com Deus, abrindo o coração, pedindo perdão pelos pecados e requerendo a saúde do doente.

Estas orações podem ser realizadas pelo interessado ou por qualquer outro cristão. Mas habitualmente espera-se que sejam dirigidas pelos pastores ou responsáveis das Igrejas.

Algumas igrejas celebram a Mesa do Senhor ou ungem o doente com óleo antes de pedir pela restauração da sua alma e corpo.

Esta unção não é realizada na hora da morte ou por doenças graves, mas perante qualquer tipo de doença, normalmente em dependências da igreja ou na casa da pessoa que a recebe.

A morte. O velório e os funerais são atos de consolo e acompanhamento dos familiares e entes queridos de um defunto.

Também são momentos de despedida dos restos mortais, mas não da alma, que partiu e está na presença do Senhor sem que possa ser objeto de posteriores intercessões. Portanto, não são apropriados os atos, recordatórios ou orações a favor da sua alma. No entanto, textos e promessas de Deus sobre a vida eterna sim.

É muito comum celebrar atos religiosos de trinta minutos a uma hora de duração, na casa mortuária, no cemitério ou aos pés do túmulo.

Se se tratar de pessoas relevantes também são realizados cultos *corpore insepulto* na igreja, ou em sua memória depois de terem decorrido umas semanas do funeral.

Festas

- São comemoradas as principais festividades cristãs, nomeadamente: o Natal e a Páscoa.
- Não são celebradas as festividades de advocação de Maria ou dos santos, dirigindo a devoção unicamente a Deus.

- Também são comemorados outros dias como: o Dia da Mãe (o segundo domingo de maio) ou o Dia da Reforma* (31 de outubro).

Objetos

Centram-se no uso da Bíblia.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

O termo “Igrejas cristãs evangélicas ou protestantes” goza de geral aceitação, embora não exista uma denominação uniforme nem haja uma organização que aglutine todo este movimento religioso.

Em Portugal, existem duas grandes organizações de igrejas evangélicas e protestantes, mais concretamente o Conselho Português de Igrejas Cristãs, que representa as três denominações mais antigas (Lusitana, Presbiteriana e Metodista); e a Aliança Evangélica Portuguesa, que representa um grande grupo de denominações mais recentes, com um número importante de fiéis.

O apoio aos doentes é normalmente dispensada pelos pastores ou ministros de culto da igreja local que o interessado frequenta.

Existe, nalguns hospitais, um serviço evangélico unificado de assistência religiosa dispensado por pastores evangélicos e auxiliares pertencentes a diferentes igrejas do protestantismo.

Livros

- A Bíblia*.
- Além da Bíblia, existem outros textos de referência sobre o acompanhamento protestante da doença, do luto e da morte.

Textos

Textos para confortar na doença

Na maioria das igrejas, as orações são conversas espontâneas com Deus em que se intercede pelo doente e pela família, acudindo à boa disposição de Deus, que prometeu estar sempre a nosso lado.

A seguir é apresentado um modelo de oração adaptado da liturgia da Igreja Reformada Episcopal Espanhola:

Deus onipotente e Pai misericordioso, em cuja mão estão a vida e a morte das tuas criaturas. Observa do céu com olhos de piedade este doente que jaz no leito da dor. Visita-o, Pai, com a tua salvação, livra-o da sua doença corporal quando for o teu beneplácito, e salva a sua alma pela tua misericórdia. Se te agradar prolongar os seus dias sobre a terra, faz que viva para ti e seja instrumento da tua glória, servindo-te fielmente e fazendo o bem na sua geração; e se não, recebe-o nas moradas celestiais, onde as almas que dormem no Senhor gozam de descanso e felicidade perpétua. Concede-nos isto clementíssimo Senhor em nome do teu muito amado Filho, que contigo e com o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Leituras bíblicas recomendadas:

0 Bom Pastor (salmo 23 ou salmo de David)

O Senhor é o meu pastor: nada me falta. Em verdes pastos me faz descansar e conduz-me a lugares de águas tranquilas. Conforta a minha alma e leva-me por caminhos retos, honrando o seu bom nome. Ainda que eu atravessasse o mais escuro vale, não terei receio

de nada, porque tu, Senhor, estás comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me segurança. Preparaste-me um banquete à frente dos meus inimigos. Recebeste-me com todas as honras e encheste a minha taça até transbordar. De facto, a tua bondade e o teu amor acompanham-me ao longo da minha vida. E na tua casa, Senhor, morarei para sempre.

Habitando sob a proteção do Altíssimo (salmo 91)

Aquele que habita sob a proteção do Altíssimo e mora à sombra do Omnipotente pode exclamar: “Ó Senhor, tu és o meu refúgio, o meu castelo, o meu Deus, em quem confio!”

Na verdade, Ele há de livrar-te de armadilhas ocultas e proteger-te contra venenos mortais. Ele te cobrirá com as Suas asas e ficarás seguro sob os Seus cuidados; com o Seu poder te protegerá e defenderá! Não tenhas medo dos perigos da noite, nem das setas lançadas de dia, nem da peste que alastra nas trevas, nem dos males que matam em pleno dia; mil cairão mortos à tua esquerda e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido. Basta que abras os olhos, para veres como os maus são punidos.

Porque tu fizeste do Senhor o refúgio; do Altíssimo a tua proteção. Por isso, nenhum mal te acontecerá, nenhuma doença chegará à tua casa, porque Deus há de enviar-te os seus anjos, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles segurar-te-ão com as suas mãos, para que não tropeces em pedra nenhuma. Poderás caminhar por cima de serpentes e víboras e calcar aos pés leões e dragões.

Deus diz: “Hei de livrar aqueles que me amam, hei de protegê-los, porque reconhecem que sou o Senhor. Quando me invocarem, hei de responder-lhes, quando estiverem aflitos, estarei com eles; hei de livrá-los de honras. Hei de recompensá-los com uma vida longa e ficarão a conhecer a Minha salvação.”

Nunca estamos sozinhos (João 14, 12-18)

Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que acredita em Mim, fará também as obras que Eu faço e fará maiores do que estas, porque Eu vou para o Pai.

E o que pedirdes em Meu nome, fá-lo-ei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se Me pedirdes alguma coisa em Meu nome, Eu hei-de fazê-lo.

Se Me amais, cumpri os mandamentos. Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja eternamente convosco: Espírito de verdade que o mundo não pode receber porque não O vê, nem O conhece; mas vós conhecei-l'O porque permanece convosco e estará em vós.

Não vos deixarei órfãos; volto a vós.

Os frutos das dificuldades (Romanos 5, 1-11)

Tendo, pois, sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso pela fé a esta graça na qual estamos e de ainda nos gloriarmos, apoiados na esperança da glória de Deus. Não só isto. Mas gloriamo-nos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a constância, a constância uma virtude sólida, a virtude sólida a esperança, e a esperança não engana porque o amor de Deus foi difundido nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.

Com efeito, Cristo, quando estávamos ainda sem força; no tempo determinado, morreu pelos ímpios. Ora dificilmente alguém morre por um justo; por um homem de bem, talvez alguém tivesse a coragem de morrer; mas Deus demonstra o Seu amor por nós nisto: sendo ainda pecadores, Cristo morreu por nós. Com muito maior razão, justificados agora pelo seu sangue, seremos salvos por Ele da ira. De facto, se sendo ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, com maior razão, agora reconciliados, havemos de ser salvos pela Sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo por quem obtivemos agora a reconciliação.

Outros textos

- Os frutos das dificuldades (Coríntios 12, 9-10 e 1 Pedro 4,12-13).

- Vivemos ou morremos para o Senhor (Romanos 14,7-9).
- Mais que vencedores nas dificuldades (Romanos 8, 28-39).

Para depois do falecimento e para o luto

Oração tradicional para o momento da inumação

Tendo-se dignado o onnipotente Deus a levar deste mundo a alma do nosso irmão agora defunto, encomendamos o seu corpo à terra: terra a terra, cinza a cinza, pó ao pó; com a esperança segura da ressurreição para a vida eterna, mediante o nosso Senhor Jesus Cristo; que transformará o nosso vil corpo, para que seja semelhante ao seu glorioso corpo, segundo a obra poderosa pela qual pode sujeitar a Si mesmo todas as coisas.

João 11, 23-27

Jesus respondeu-lhe: «O teu irmão há de ressuscitar». Disse-Lhe Marta: «Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição, no último dia». Disse-lhe Jesus: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem acredita em Mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e acredita em Mim não morrerá eternamente. Acreditas nisto?» Respondeu-Lhe ela: «Sim, Senhor; eu acredito que Tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo.»

Jesus prepara um lugar para os seus seguidores (João 14,1-4)

«Não se perturbe o vosso coração. Acreditei em Deus, acreditei também em Mim. Em casa de Meu Pai há muitas moradas. Se não, Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos um lugar. E depois de ter ido e de vos ter preparado um lugar, virei novamente e tomá-vos-ei comigo, para que, onde Eu estou, vós estejais também. E para onde vou, conheceis o caminho.»

A esperança da ressurreição (1 Coríntios 15, 20-28)

Mas, de facto, Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que morreram. Pois que a morte veio por um homem e por um homem também vem a

ressurreição dos mortos, porque assim como todos morreram em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um na sua ordem própria: Primeiramente Cristo, como primícias, em seguida os que pertenceram a Cristo, quando da sua vinda final. Depois virá o fim, quando Ele entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo o principado, toda a dominação e todo o poder. Porque é necessário que Ele reine até que ponha todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo que será destruído é a morte, porque tudo pôs debaixo dos seus pés. Mas quando se diz que tudo Lhe está submetido, é evidente que se excetua Aquele que tudo Lhe submeteu. Ora quando tudo Lhe for submetido, então o próprio Filho será submetido Àquele que tudo Lhe submeteu para que Deus seja tudo em todos.

Outros textos

- A esperança da ressurreição (1 Coríntios 15, 35-38 e 42- 58).
- A vida futura (Apocalipse 7,9-17; 21,3-7).

Autores e consultores

Mariano Blázquez, Secretário Executivo da Federação de Entidades Religiosas Evangélicas de Espanha (FEREDE).

Daniel Rodríguez Ramos, vogal da Comissão Permanente da FEREDE.

* Glossário

Bíblia: é o fundamento dos cristãos evangélicos, não só na sua doutrina e prática, mas também na vida quotidiana e especialmente em momentos de dificuldade ou dor. As suas passagens ajudam a enfrentar a adversidade, a dor, o sofrimento e a esperança perante a separação de entes queridos. A meditação sobre estas passagens resulta fundamental nestes momentos para receber consolo e paz.

Credo dos Apóstolos: declaração básica da fé da doutrina cristã e oração que a resume. Diz-se que foi redigido pelos apóstolos para unificar a pregação nos primeiros tempos. Na Igreja primitiva era recitado pelos novos cristãos ao receber o batismo.

Reforma: movimento cristão da Europa do século XVI que propunha reformar profundamente a Igreja e que acabou com a separação entre católicos e protestantes. Lutero e Calvino foram algumas das suas figuras proeminentes.

Última ceia: o que celebram os protestantes é a memória simbólica da última ceia, lendo as passagens da Escritura correspondentes à ceia do Senhor, realizando orações alusivas ao sacrifício de Cristo, realizado uma única vez e para sempre, e partilhando posteriormente o pão e o vinho em sinal de identificação pessoal e pública com esse sacrifício. Neste sentido, não aceitam o papel do sacerdote na consagração da hóstia, considerando que partir e distribuir o pão e partilhar o vinho são funções que podem ser atribuídas a qualquer cristão, embora o usual seja que sejam realizadas por um pastor ou ministro de culto.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Islão sunita



*Nova mesquita de Kuala Lumpur (Malásia).
Félix Martí.*

Denominação

Islão sunita

Origem e fundador

Islão significa “submissão à vontade de Deus”, que é Alá, “Um, Deus, o Eterno. Não engendrou, nem foi engendrado. Não tem par.”¹ Deriva de “salam”, cujo significado é “paz”. Os seus praticantes recebem o nome de muçulmanos.

Os muçulmanos não consideram que o Islão tenha um fundador nem que se trate de uma “nova” religião, mas a mesma verdade que Alá revelou a diferentes povos através dos seus profetas².

Doutrinas e crenças

Os muçulmanos acreditam que a última revelação de Deus à humanidade é o Alcorão, comunicada através do anjo Gabriel ao profeta Maomé* entre 610 e 633 d.C.

A maioria dos muçulmanos do mundo é sunita: “o povo da tradição profética (*Sunna*)”. Acreditam que o Alcorão é uma revelação perfeita, que não necessita de intérpretes iniciados, e que Maomé é o último profeta, cujo exemplo é o principal a seguir. O Islão sunita não tem clero.

Os cinco pilares do Islão são:

- Profissão de fé (*shahada*): Deus é Um e Único e Maomé o seu mensageiro.
- Oração (*salat*): Os muçulmanos realizam-na orientados para a Qibla* (na Meca, Arábia Saudita) cinco vezes por dia. É um lembrete constante da sua relação com Deus. A oração das sextas-feiras ao meio-dia é especialmente importante.
- Imposto de purificação (*zakat*): Dão dois e meio por cento do capital pessoal conseguido durante um ano.

* Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.

Recorda a sua responsabilidade em relação aos mais necessitados.

- Jejum (*sawn*): Durante o mês do Ramadão, abstêm-se voluntariamente de comer, beber e ter relações sexuais durante as horas de luz. É um exercício de autodisciplina para aumentar a compaixão e a solidariedade que une os muçulmanos de todo do mundo.
- Peregrinação (*haji*): As pessoas com os recursos económicos suficientes e a capacidade física necessária têm de peregrinar à Meca (Arábia Saudita) uma vez na vida.

A existência humana está dividida em cinco etapas ou vidas. Cada uma começa e acaba com uma passagem transcendental.

1. A vida pré-terrenal, quando a humanidade fez um pacto de reconhecimento da unidade divina e cuja memória é apagada com o nascimento.
2. A vida terrenal na *dunia* ("mundo inferior"): a pequena porção de realidade mais familiar. Está dividida em infância, juventude, madureza, veteranía e velhice; cada uma com as suas necessidades e capacidades. É a única etapa de que o ser humano será chamado a prestar contas.
3. O túmulo ou *barzaj*: "reino intermédio" de formas sem matéria em que as almas continuam o seu desenvolvimento espiritual até ao Dia do Juízo Final.
4. A Ressurreição, que terá lugar no Último Dia, em que a Terra deixará de existir. Os Sinais do Juízo Final são: o toque de trompeta, a reunião, a ponte (*sirat*), a balança e a *shafa'a* ("intercessão") de Maomé. A humanidade voltará a ser reunida como na vida pré-terrenal, para atravessar junta uma ponte tão fina como um cabelo e tão afiada como uma espada.
5. A permanência na presença divina, quer seja no Jardim (o paraíso) ou no Fogo (o inferno).

A morte. Não é um final, mas o início de outra fase da existência, a passagem de um mundo para outro: das obras à retribuição. É um regresso a Deus. A hora e o lugar da morte já estão decretados para cada pessoa e nada os pode adiantar nem atrasar.

Depois da morte e antes do enterro, a alma permanece ligada ao corpo, consciente do que sucede à sua volta. No túmulo os defuntos são visitados por dois anjos (Munkar e Nakir), para ser interrogados sobre as suas crenças e ações, após o qual recebem um adiantamento das suas experiências no Jardim ou no Fogo.

A experiência do túmulo é descrita como a Ressurreição menor e a do Último Dia como a Ressurreição maior.

Moral, comportamentos e compromissos

O *adab* (“bom comportamento” social e espiritual) tem de impregnar toda a vida do muçulmano e ser o reflexo de um estado interior “saudável”. Trata-se de adquirir uma atitude que aspire à beleza e convide a glorificar Deus e toda a sua criação.

É desenvolvido através da totalidade da conduta, por exemplo através da comida e da bebida. Está dividido em dois: o que é *halal* (permitido, benéfico, saudável e puro) e o que é *haram* (proibido, prejudicial e nocivo).

O muçulmano compromete-se a preservar:

- A religião, educando nela e transmitindo o respeito pelas suas obrigações.
- A vida, proibindo o homicídio, o suicídio e o consumo de produtos *haram*; e promovendo a segurança, a justiça, a habitação e a saúde.
- A razão, instituindo a educação para todos e proibindo as substâncias embriagantes.
- O património, respeitando a liberdade de propriedade, produção e comércio; e proibindo o roubo, a usura e outros abusos.

- A identidade e a linhagem, instaurando o casamento e proibindo o adultério e a falsa filiação.

As seguintes máximas resumem a ética islâmica:

- As coisas têm de ser julgadas pelos seus propósitos.
- A certeza não é anulada pela dúvida.
- O dano tem de ser eliminado.
- A necessidade e a privação têm de ser aliviadas.
- O costume tem peso de lei.

Práticas e ritos

A doença. A doença é considerada um teste da fé e não um castigo. O doente é animado a curar-se e os médicos a investigar para encontrar um remédio. O Profeta disse: “Deus não fez descer uma doença sem fazer descer, ao mesmo tempo, a sua cura”. Mas é Deus quem permite a cura; os médicos e os remédios não são mais que meios.

O muçulmano tem de confiar em Deus³ e, na medida do possível, continuar a cumprir as suas obrigações religiosas. Isto ajudá-lo-á a ser mais paciente, aliviará a sua dor e acelerará mesmo a sua recuperação. O pessoal do hospital tem de ter esta necessidade em consideração e facilitar a prática religiosa dos doentes.

O doente está dispensado de algumas práticas, podendo por exemplo:

- Rezar sentado ou deitado, podendo mesmo mover apenas os olhos.
- Rezar sem estar orientado para a *Qibla*.
- Unir as duas orações do dia e as duas da noite.
- Fazer as abluções “secas”, utilizando uma pedra lisa.
- Omitir o jejum do Ramadão, com a possibilidade de o adiar para quando tiver recuperado a saúde.

A visita aos doentes é obrigatória para os parentes e altamente recomendada para todos os membros da comunidade⁴. Aconselha-se aos familiares e amigos

continuar a realizar as orações diárias, ler o Alcorão e pedir a Deus a cura do familiar através de diferentes invocações. Tudo isto ajudará a aliviar a sua pena e a ter esperança na sua recuperação.

As transfusões de sangue são permitidas. A doação de órgãos, de um doador vivo ou morto, também, sempre que servir para salvar a vida do recetor ou permitir o funcionamento de um órgão essencial. O consentimento de ambas as partes e o aval dos médicos têm de ser obtidos com anterioridade. O transplante das glândulas genitais é proibido.

Os calmantes e analgésicos estão autorizados para uso terapêutico.

A morte. Quando a morte se aproxima, é necessário colocar a pessoa apoiada sobre o lado direito, com a cabeça orientada para a *Qibla*, ou, se não for possível, deitada de costas e com os pés orientados para a *Qibla*.

Quando o padecimento se tornar intenso, os presentes recitam a sura *Ya-Sin* e pronunciam a profissão de fé. Recomenda-se que o moribundo esteja rodeado pelos seus entes queridos.

Depois de morrer, fecham-se os olhos e cobre-se o corpo. O corpo tem de ser sempre manipulado com o máximo respeito e as partes íntimas permanecer cuidadosamente cobertas.

Existem quatro rituais funerários obrigatórios, independentemente do tipo de morte (só os mártires, as crianças impúberes, os nados mortos e os peregrinos recebem um tratamento específico):

- 1.** Lavar o corpo, uma vez e com água. Geralmente são os familiares que se encarregam desta operação. As mulheres lavam os corpos das mulheres e os homens os dos homens. Mas um marido pode lavar a sua esposa e vice-versa. Considera-se um ato que será posteriormente bem recompensado por Deus⁵.
- 2.** Amortalhar. O corpo é envolvido num tecido branco de algodão.

3. Realizar a oração pelo morto transmitida pelo Profeta. Esta oração é declamada sem se prostrar, de pé e calçados.
4. Enterrar o corpo. A incineração é proibida. É um direito ser enterrado pouco depois de morrer.

Os caixões estão desaconselhados exceto em caso de necessidade.

Seguir o cortejo fúnebre em silêncio é muito meritório.

O corpo é colocado no túmulo orientando a cara, os olhos ou os pés para a *Qibla*.

Destes rituais é preferível que se encarregue a própria comunidade, para garantir que todos os requisitos são cumpridos, embora qualquer muçulmano que os conheça e seja digno de confiança e do mesmo sexo do falecido (exceto quando se tratar do cônjuge e de falecidos de curta idade) possa encarregar-se deles.

Os familiares e achegados observam um luto de três dias, em que aumentam os atos de devoção, recebem visitas e comida, aceitam condolências e evitam usar roupa vistosa e joias. Está aconselhado visitar os túmulos, rezar pelo morto e pela sua família, e consolá-la.

A aflição pela morte de uma pessoa amada é perfeitamente aceitável tanto em homens como em mulheres, mas considera-se preferível expressá-la com dignidade e discrição. Recomenda-se evitar as condolências muito tempo depois do falecimento, para não reavivar recordações dolorosas.

As viúvas observam um período de luto ou “espera” (*iddah*), durante o qual não podem voltar a casar-se. Dura quatro meses e vinte dias, que é o suficiente para confirmar uma gravidez e preservar os direitos de herança da possível descendência do defunto. Recomenda-se ao esposo fazer um testamento a favor da esposa para lhe garantir a manutenção e habitação durante um ano, além do estipulado na herança.

A alimentação Alimentar-se de forma saudável e levar uma vida saudável são obrigações religiosas. O Profeta ensinou que “o teu corpo tem direitos sobre ti”⁶.

São proibidas a carne de porco, a carne não sacrificada ritualmente, de animais encontrados mortos e de animais carnívoros, bem como o consumo de sangue.

Também são proibidas as bebidas alcoólicas e as drogas, incluindo a sua venda, oferta, serviço ou transporte.

Festas

- 1 de Muharram: Ano Novo muçulmano.
- 12 de Rabi al-Awwal: nascimento do Profeta (*Mawlid al-Nabi*).
- 27 de Rayab: Noite da Ascensão, a milagrosa viagem noturna do Profeta aos Sete Céus.
- Ramadão (mês da revelação do Alcorão e de jejum).
- Na noite de 26 celebra-se a Noite do Poder ou do Destino (*Laylat al-Qadr*), a primeira revelação do Alcorão a Maomé.
- 1 de Shawwal: Festa do final do jejum (*Eid al-Fitr*).
- 10 de Dhu-al-Hija (mês da peregrinação): Festa do Sacrifício* (*Eid al-Adha*). Marca o fim do tempo de peregrinação à Meca.

Objetos

- Tapete.
- Alcorão.
- Rosário (*tasbih*).
- Pedra lisa, para a ablução seca.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

No Islão sunita não existem organismos ou pessoas que façam de intermediários ou representem Deus. Todos os

seres humanos nascem com o direito e a capacidade de se relacionarem diretamente com Alá.

Maomé reunia as funções de chefe de Estado e líder espiritual. Após a sua morte, estas funções foram sendo distribuídas e deram origem a diferentes instituições e figuras (o califa, o emir, o ulema, etc.), que tinham de responder à nova realidade da comunidade e preservar os seus conhecimentos.

Livros básicos

- O Alcorão, considerado a transcrição exata das palavras reveladas por Deus ao profeta Maomé através do anjo Gabriel. Essas palavras foram memorizadas por Maomé, ditadas aos seus companheiros e escritas e examinadas por escribas em vida do Profeta. Os muçulmanos acreditam que nenhuma palavra dos seus 114 capítulos (*suras*) foi alterada desde então⁷.
- A segunda fonte da fé, do direito e da vida é a *Sunna*: o exemplo legado pelo Profeta Maomé e pelos seus companheiros, a primeira geração de muçulmanos. Está principalmente composta pelos hádices ou relatos autorizados do que o Profeta Maomé disse, fez ou aprovou.

Textos

Alcorão 17:82

E fazemos descer, do Alcorão, o que é cura e misericórdia para os crentes.

O muçulmano pode e tem de acudir ao Alcorão e às invocações para aliviar os seus males e tranquilizar o coração de quem sofre física ou psicologicamente.

Alcorão 8:10

E Alá fê-lo apenas como boas novas e para que o vosso coração com isso pudesse descansar.

Quando estava doente, o Profeta recitava a primeira ou as três últimas suras do Alcorão e depois soprava nas suas mãos e passava-as pelo corpo.

Se não puder recitar todo o Alcorão, recomenda-se recitar em árabe:

***Al-Fatiha* (“A Abertura”), Sura 1:1-7**

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
Louvado seja Deus, Senhor do Universo,
Clemente, o Misericordioso,
Soberano do Dia do Juízo.
Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda! Guia-
nos à senda reta,
À senda dos que agraciaste, não à dos abominados,
nem à dos extraviados.

***Al-Ikhlās* (“A Declaração da Perfeição de Deus”), Sura 112:1-4**

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
Dize-lhes: Ele é Deus, o Único;
Alá, o Independente e Suplicado de todos. Ele não
gera, nem é Ele gerado;
E não há nenhum igual a Ele.

***Al-Falaq* (“A Alvorada”), Sura 113:1-5**

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
Dize-lhes: Eu busco refúgio no Senhor, criador de
fenómenos,
Contra o mal do que Ele criou.

E o mal da noite quando ela se estende,
E o mal dos assopradores dos nós para desfazê-los,
E o mal do invejoso quando ele inveja.

An-Nas ("A Humanidade"), Sura 114:1-6

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.
Dize-lhes: Eu busco refúgio no Senhor da humanidade,
O Soberano da humanidade, O Deus da humanidade,
Refúgio contra o mal do vil murmurador,
Que murmura no coração da humanidade,
Dentre os *jinn* e a humanidade

Versículo 255 (Ayatul kursi, "Versículo do Trono") de Al-Baqarah, Surah 2

Deus! Não há deus senão Ele, o Vivo, o que subsiste em Si Próprio, e Sonolência que tudo sustém não se apodera d'Ele, nem sono. A Ele pertence o que quer que seja nos céus e o que quer que seja na terra. Quem intercederá junto d'Ele exceto pela Sua permissão? Ele sabe o que está em frente deles e o que está detrás deles, e eles nada abrangem do Seu conhecimento exceto o que Lhe apraz. O Seu trono estende-se por sobre os céus e a terra; e o cuidar deles não O cansa e Ele é o alto, o grande.

Versículos 285-286 de Al-Baqarah, Sura 2

Este Nosso mensageiro crê naquilo que lhe foi revelado da parte do seu Senhor, e assim fazem os crentes; todos eles creem em Deus, e nos Seus anjos, e nos Seus livros, e nos Seus mensageiros, dizendo: Nós não fazemos distinção entre quaisquer dos Seus mensageiros, e dizem: Nós ouvimos e nós obedecemos. Nós te imploramos clemência, ó nosso Senhor, e a Ti é o retorno. (285)

Deus não sobrecarrega nenhuma alma além da sua capacidade. Ela terá a recompensa que merece, e sofrerá o castigo em que incorra. Nosso Senhor, não nos castigues, se nos esquecermos ou cairmos em erro; e Nosso Senhor, não nos imponhas uma responsabilidade como Tu impuseste sobre os que foram antes de nós;

Nosso Senhor, não nos sobrecarregues com aquilo que não temos força para suportar; e apaga os nossos pecados e concede-nos absolvição e tem compaixão por nós; Tu és o nosso protetor; assim ajuda-nos Tu contra o povo descrente. (286)

O Profeta punha a mão direita sobre o corpo do doente e dizia:

Ó Senhor da gente! Leva a doença. Cura-o, porque Tu és o único que pode curar. Não há cura exceto através de Ti. Uma cura que não tem efeitos indesejados.

Recomenda-se dizer várias vezes:

Ó Deus! Derrama a Tua Misericórdia sobre Maomé e sobre a sua família; como derramaste a tua misericórdia sobre Ibrahim e a família de Ibrahim. E bendiz Maomé e a família de Maomé, como bendisseste Ibrahim e a família de Ibrahim. Tu és o digno de louvor e o glorioso.

E repetir a súplica:

Não há mudança, movimento ou transformação exceto através de Deus.

Embora não seja uma tradição profética, também se podem recitar “os versículos de cura” (*Ayaat us-Shifaa*). Por exemplo:

***Ash-Shu'ara*, 26:80**

E quando estou doente, é Ele Quem restaura a minha saúde

***Al-Isra*, 17: 82**

E fazemos descer, do Alcorão, o que é cura e misericórdia para os crentes.

As suras *Ya-Sin* (sura 36) e *Al-Burda* (“O poema do Manto”) também podem ser recitadas.

Música

A recitação do Alcorão é rítmica e com uns tons e regras estabelecidos. Considera-se benéfico para o doente ouvir recitadores corânicos.

O Xequê Mishary Rashed Al-Afasy é um exemplo de recitador corânico: <http://freequranmp3.com/alafasy/>

A sura Al-Burda (“O poema do Manto”), cantada por The Fez Fingers:

Autor

Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso.

Consultor

Riay Tatory, Secretário Geral da Comissão Islâmica de Espanha.

* Glossário

Festa do Sacrifício: comemora o sacrifício de um cordeiro pelo profeta Ibrahim (Abraão), a quem Deus primeiro tinha pedido que sacrificasse o seu filho Ismael (Isaac). Ibrahim preparava-se para cumprir a vontade de Deus quando Este, comprovada a sua fé, lhe enviou um cordeiro em substituição. É um momento para partilhar e a tradição é que nesse dia cada família, depois de ir à mesquita, sacrifique um cordeiro segundo um ritual prescrito.

Maomé: O profeta do Islão, a quem aos quarenta anos Deus revelou o Alcorão e cujo exemplo orienta a vida dos muçulmanos do mundo inteiro. É considerado pelos muçulmanos o último de uma cadeia de profetas através dos quais Deus quis interpelar e guiar a humanidade.

Viveu e morreu (570-632 d.C.) na atual Arábia Saudita, entre a Meca e Medina. Fundou a comunidade muçulmana, a que se converteram os habitantes da zona e tornou-se no seu chefe de Estado. Tradicionalmente chamado “Maomé” em português, embora os muçulmanos prefiram “Muhammad”.

Qibla: significa “direção” e mais concretamente a direção da Caaba. É um edifício negro, em forma de cubo irregular e coberto com um tecido negro, que se encontra no centro do pátio da grande mesquita da Meca e que é reverenciado pelos muçulmanos. Desde que o próprio Maomé realizou uma peregrinação à Caaba no ano de 632, pouco antes de falecer, é o destino da peregrinação que todos os anos é realizada por milhões de muçulmanos.

Notas

1. Alcorão 112
2. Alcorão 3:19
3. Sahih Muslim, narrado por Jabir, Hádice 5125.
4. Sahih Bukhari, narrado por Abu Musa al-Ashari, Hádice 282.
5. Al Mundhari: *Attarhib wa-ttarhib*, Hádice 4/175 (ed. Dar al Fajr Lizzurat, Cairo, 2000).
6. Sahih Bukhari: Hádice 6134.
7. Alcorão 15:9

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Islão xiita



*Mesquita de Karbalá (Irãque).
SFC Larry E. Johns em Wikimedia Commons.*

Denominação

Islão xiita

Origem e fundador

O Profeta Maomé predisse que o Islão se dividiria em 73 fações, das que uma única estaria em plena posse da verdade. Os xiitas acreditam ser este ramo.

O xiismo é um ramo minoritário do Islão com a sua própria escola jurídica.* Distingue-se das escolas sunitas, maioritárias, por acreditar na existência de doze imãs purificados por Deus de todo o pecado e erro¹ e encarregados, após a morte de Maomé, de transmitir a revelação divina.

A denominação de “xiitas” remonta-se ao próprio Maomé, que utilizou o termo para se referir aos “seguidores” de Ali, seu primo e genro, que designou como seu herdeiro espiritual e autoridade temporal da comunidade.

Os outros onze imãs encontram-se entre os descendentes do próprio Ali e de Fátima, a filha de Maomé. O último e duodécimo é Al-Mahdi (“o Guia”), designado para restabelecer o governo divino na Terra. É o imã oculto*.

Doutrinas e crenças

Os fundamentos do Islão xiita são:

- “Unicidade” (*tawhid*). Deus é Um e Único. Não tem forma, imagem nem semelhança, princípio nem fim. A multiplicidade é apenas aparente: tudo o que existe é uma manifestação da Unidade².
- “Profecia” (*nubúwa*). Todos os profetas mencionados no Alcorão são mensageiros de Deus e o último é Maomé (o selo da profecia). Historicamente, Deus enviou 124 000 profetas a todas as comunidades, para que no Dia do Juízo Final nenhuma possa alegar que careceu do guia divino.

* Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.

- “Imamato” (*imáma*). O imã é um guia espiritual infalível, estabelecido por designação divina entre os descendentes de Fátima. A sua missão consiste em continuar para sempre a difusão e a interpretação correta da mensagem de Deus recolhida no Alcorão e nos hádices*.
- “Justiça divina” (*adl*). Tudo o que Deus faz é justo. Todas as criaturas estão sujeitas a receber castigo ou recompensa de acordo com as suas ações³. Nenhuma tem mais possibilidades de se salvar que as outras. Este mundo é uma prova para elas.
- “Ressurreição” (*maád*). Deus ressuscitará todos os seres humanos no Dia do Juízo Final para os julgar conforme as suas ações e intenções.

A morte. O ser humano está composto por um espírito e um corpo. A morte é a separação destes dois elementos; a passagem para outro estado de vida, em que a felicidade depende das boas ou más obras realizadas na Terra. A existência é em realidade eterna. O Profeta disse: “Tu foste criado para subsistir, não para ser aniquilado. O que sucede é que serás transferido de uma casa para outra”.

As almas, entre a morte e a ressurreição, vão para o *barzakh*, um mundo intermédio de formas sem matéria. Aí, continuam o seu desenvolvimento espiritual até ao Dia do Juízo Final, recebendo ensinamentos que lhes facilitam a compreensão da realidade. É também aí que começa o sofrimento daqueles que desperdiçaram o seu tempo na Terra como uma forma de purificação⁴.

Moral, comportamentos e compromissos

As-Sadiq, o sexto imã, mencionou algumas obrigações:

- Quer para o teu irmão o que quiseres para ti mesmo e não lhe desejes o que não desejas para ti mesmo.
- Ajuda-o com toda a tua alma e com os teus pertences, a tua voz, as tuas mãos e pés.
- Sê o seu olho, o seu guia e o seu espelho.

- Visita o doente e assiste ao seu funeral. Se souberes que necessita de alguma coisa, satisfaz a sua necessidade sem esperar que te peça nada.

Acreditar em Deus implica realizar boas ações e afastar-se das más. A fé sem boas ações fica incompleta.

O Alcorão ensina aos seres humanos que o bem ou o mal que fazem é feito a si próprios. O bem e o mal são gozados ou sofridos imediatamente e também na próxima vida.

Disso depende que se prolongue mais ou menos a etapa da redenção.

Práticas e ritos

Os xiitas têm as mesmas obrigações rituais que os restantes muçulmanos, embora pratiquem algumas de modos específicos:

- Costumam unir as orações do meio-dia e da tarde, bem como as do anoitecer e a da noite, como acreditam que costumava fazer o Profeta.
- Prostram-se sobre pequenas pedras ou peças de terra prensada e pura, usualmente feitas de argila da terra da cidade sagrada de Karbala.
- Para realizar as suas abluções rituais não necessitam de banhar os pés em água, considerando que molhá-los com as mãos é suficiente.
- Também costumam recitar súplicas e orações, algumas para situações específicas de satisfação, temor, agradecimento, etc.
- Quebram o jejum do Ramadão uns minutos mais tarde que os sunitas, quando desaparece a cor avermelhada que o Sol deixa no céu depois de se pôr.
- Além de um imposto obrigatório habitual, destinam um quinto dos seus rendimentos anuais líquidos (o *jums* ou “quinto”) ao Profeta, à sua família, aos imãs purificados e aos dirigentes da comunidade.
- Além de a Meca e Medina (Arábia Saudita), peregrinam a Kerbala e Najaf (onde se encontram os

túmulos dos imãs Hussein e Ali) e os túmulos dos outros imãs.

Também é habitual aprenderem o Alcorão de cor e recitá-lo com frequência, e ler tanto os hádices* proféticos que contêm súplicas como as litânias devocionais ensinadas pelos imãs purificados.

A doença. O Islão xiita aconselha a resignação à vontade divina. Não é proibido chorar ou lamentar-se, mas o doente também tem de louvar a Deus, agradecer-lhe (o sofrimento apaga sempre algum pecado) e pedir-lhe saúde. Ser paciente e saber sofrer em silêncio é um sinal de identidade xiita. O Profeta disse: “E aqueles que são pacientes receberão uma recompensa incalculável” (Alcorão 39:10).

Em qualquer caso, tentar curar-se é uma obrigação e uma demonstração de reconhecimento ao Criador.

Recomenda-se visitar os doentes porque atrai a eles a misericórdia divina. Por isso, os doentes muçulmanos têm geralmente muitos visitantes, que costumam pronunciar invocações e oferecer água benta.

O processo de agonia e de morte tem uma importância transcendental, e existem diversas diretrizes muito específicas sobre o tratamento a dar ao moribundo.

Quando a morte se aproxima, é importante procurar o perdão dos seres humanos, já que Deus não pode perdoar a quem não tiver sido perdoado pelos seus semelhantes. O arrependimento sincero livra o ser humano das suas faltas⁵.

Os doentes também são encorajados a reafirmar a sua fé nos doze imãs e a recitar versos do Alcorão, renovando a sua fé mediante a proclamação da profissão de fé (*shahada*).

O moribundo tem de ser orientado para a *Qibla* (na direção da Caaba, na Meca).

Os acompanhantes recitarão a *shahada* e diferentes suras corânicas especialmente recomendadas para estas ocasiões⁶. Adicionalmente, recomenda-se ler, quanto mais melhor, o Alcorão. Os acompanhantes têm a obrigação de

evitar falar de coisas mundanas e mencionar unicamente atos bons e louváveis para atrair a misericórdia divina.

De modo geral, os xiitas preferem morrer em casa, para garantir que todos os ritos serão realizados.

A morte. Assim que se constata a morte de uma pessoa, a sua cabeça teria de ser virada para a *Qibla*, fechando-lhe a boca e os olhos, estendendo os braços e as pernas, amortalhando o corpo e iluminando o lugar onde faleceu. Também se recita a sura: “Pertencemos a Deus, e a Ele regressamos”⁷.

Evita-se deixar sozinho o corpo ou colocar objetos pesados sobre o seu ventre.

A seguir, são realizados três banhos completos sucessivos ao defunto, o primeiro com água com cânfora, o segundo com água de lótus e o terceiro com água pura, e é realizada a unção com cânfora da frente, das palmas das mãos e da ponta dos dedos grandes dos pés. Finalmente, o corpo é envolvido num *kafan* (mortalha).

Então, é proferida, em frente do corpo, a oração fúnebre obrigatória (*salat-al-janazah*).

O enterro tem de ser realizado assim que for possível, idealmente antes do pôr-do-sol do mesmo dia. A cremação é proibida. O corpo tem de ser orientado com os pés para a Meca.

É preferível dar os pêsames aos familiares pela sua perda imediatamente depois da inumação, evitando deixar passar muito tempo, para não reavivar depois a dor.

Durante o luto é proibido arranhar-se ou autolesionar-se, bem como rasgar a roupa por qualquer familiar que não seja o pai ou o irmão. Os mortos não devem ser chorados em voz muito alta.

Festas

- A *Ashura* (o décimo dia do mês de Muharram): comemoração do martírio do imã Al-Hussein, neto do Profeta assassinado pelos tiranos omíadas (680 d.C.)

no deserto de Kerbala (perto do rio Eufrates, no atual Iraque).

- Durante o mês de Muharram existe a tradição cultural do *Rawda Khwani*: uma combinação de sermões, recitações de poemas e versos corânicos acompanhados por uma representação teatralizada (*Ta'ziyeh*) da paixão de Al-Hussein. Determinadas confrarias também organizam procissões com um túmulo simbólico do imã Al-Hussein.
- Os xiitas também comemoram o nascimento e a morte como mártires dos outros dez imãs.

Objetos

- Tapete.
- *Turbah* ou *mohr*: pequenas pedras ou peças de terra prensada feitas de argila da terra de Kerbala.
- Mortalha, lótus e cânfora, para a lavagem ritual dos falecidos.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

Os familiares costumam organizar os ritos funerários e localizar, em caso de necessidade, os religiosos encarregados de os dirigir.

O sítio na Internet www.shia.org possui uma lista de organizações que oferecem assistência à comunidade xiita, incluindo informação de contacto.

Livros

- O Alcorão.
- Os Hádices.* Existem várias compilações consideradas de referência pelos xiitas:
 - *Bihar Al-Anwar*, de Alama Maylisí. É a maior, recolhendo em 110 volumes todos os hádices existentes.
 - *Nahyul Balaga*, que compila os discursos, cartas e declarações de Ali.
 - *Sahif us-Sayyadia*, obra do quarto imã que consiste em 57 súplicas conhecidas como “Os Salmos da Casa do Profeta”.
 - *Mafatih ul-Yinan*, que inclui uma seleção de orações.

Textos

A súplica de Kumail

Ó, Deus! Peço pela tua Misericórdia que abrange todas as coisas, pela tua Força com que dominas todas as coisas e perante a que todas as coisas se humilham e perante a que todas as coisas são desprezíveis. Pela tua Invencibilidade através da qual derrotarás todas as coisas, pelo teu Poder que nada pode resistir, pela tua Majestosidade que colmou todas as coisas, pela tua Autoridade que supera todas as coisas, pela tua Essência que subsistirá depois de todas as coisas terem perecido, pelos teus Nomes que encheram os fundamentos de todas as coisas, pela tua Ciência que abrange todas as coisas e pela Luz do teu Rosto com que iluminas todas as coisas.

Ó, Luz! Ó, Santíssimo!

Ó Primeiro dos primeiros e Último dos últimos!

Ó, Deus! Perdoa-me os pecados que desonram.

Ó, Deus! Perdoa-me os pecados que causam adversidades.

Ó, Deus! Perdoa-me os pecados que alteram as mercês.

Ó, Deus! Perdoa-me os pecados que aprisionam a súplica.

Ó, Deus! Perdoa-me os pecados que cortam as esperanças.

Ó, Deus! Perdoa-me os pecados que atraem tribulações.

Ó, Deus! Perdoa-me todos os pecados que tiver cometido e todos os erros em que tiver incorrido.

Ó, Deus! Em verdade procuro a tua Proximidade através da tua Recordação e solicito para mim a tua Intercessão perante ti. Peço-te pela tua Munificência que me leves para perto da tua Misericórdia, que me infundas gratidão a ti e que me inspires a tua Recordação.

Ó, Deus! Em verdade te suplico com a súplica do obediente, humilhado e submisso, que me demonstres tolerância, que me tenhas misericórdia e me tornes comprazido e satisfeito com a tua Provisão e humilde em todos os estados.

Ó, Deus! Imploro com a súplica daquele cuja privação é extrema, que expôs perante Ti as suas necessidades e cujo desejo pelo que está em Ti se engrandeceu...

(www.al-islam.org)

Sahif us-Sayyadia, primeira súplica

Louvido seja Deus, o Primeiro sem nenhum 'primeiro' que o anteceda, o Último sem nenhum 'último' que o siga. Ele é aquele que o olhar dos observadores não alcança, e perante o que a imaginação dos fisionomistas se mostra impotente. Fez a criação com o seu poder e produziu-a segundo a sua vontade. Depois fê-la partir no caminho do seu desejo, fazendo-a surgir no caminho do seu amor, na medida em que eles não podem atravessar os limites que se lhes foram designados. Estabeleceu para cada um deles um sustento fixo, proveniente do seu sustento, e dividiu a sua provisão de tal forma que ninguém a pode aumentar nem reduzir. Depois, pôs

e estabeleceu para cada espírito na vida um prazo determinado e um termo limitado, para o que marcha com os dias da sua existência, até aproximar o final do seu período e completar a conta do seu tempo. Depois, julgá-lo-á pelos seus atos e conferir-lhe-á quer a abundante recompensa quer o castigo terrível, a fim de castigar os que atuaram mal pelas suas más ações e premiar quem realizou o bem pelas suas boas obras segundo a sua justiça. Santificados sejam os seus nomes! As suas mercês são manifestas. Ele não tem de responder a ninguém pelo que faz, mas os outros serão interrogados (têm de responder pelo que fazem, ou seja, pelos atos objetáveis)...

(www.al-islam.org)

Imã Ali: *Nahyul Balaga*, discurso 21

O Paraíso e o Inferno estão ambos à vossa frente, e a morte, como um elemento da natureza, está a empurrar-vos para o vosso final. Reduzi o peso dos vossos pecados e vícios para que possais continuar a viagem com comodidade e sentir-vos felizes de abraçar o vosso destino. Os que se foram antes que vós estão à vossa espera. (www.al-islam.org)

Imã Ali: *Nahyul Balaga*, discurso 23

Feliz é o homem muito piedoso que é honesto nos seus tratos e espera com complacente expectativa qualquer das duas retribuições. Está feliz e complacente de encontrar a morte quando quer que venha, isto é, está sempre disposto a ir-se em qualquer momento em que seja chamado. Se lhe é concedida uma longa vida, está contente com qualquer coisa com que Deus Todo-poderoso o tenha bendito.

Música

É aconselhável para a paz da sua alma que o moribundo ouça recitações corânicas.

Na Internet encontram-se numerosas recitações do Alcorão, por exemplo:

<http://assabile.com/>

<https://www.alislam.org/quran/>

<https://www.youtube.com/watch?v=963kSvgX7Zw>

Autor

Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso

Consultor

Yafar González, Hoyyat ul-Islam e erudito xiita.

Tradutor do Alcorão para o espanhol.

* Glossário

Escolas jurídicas (em árabe e em plural *madhahib*: “caminhos”, “métodos”, “doutrinas”). Diversas doutrinas teológicas e jurídicas que surgiram durante os primeiros séculos do Islão para regulamentar a vida quotidiana. O Islão sunita tem quatro escolas de direito (*fiqh*): a maliki, a hanafi, a hanbali e a shafi’i; o Islão xiita tem uma: a jaafari (que deve o seu nome ao sexto imã) e que em muitos aspetos é semelhante ao direito das escolas sunitas.

Hádices: relato das palavras e atos do profeta Maomé transmitidos oralmente pelos seus companheiros, seguindo uma cadeia que legitima a sua transmissão. Permitem responder às perguntas sobre a crença, o direito ou a vida quotidiana e formam a tradição ou costume (*Sunna*) que os muçulmanos têm de seguir. Representam a segunda fonte da lei islâmica (*sharia*) depois do Alcorão.

Os xiitas não discutem a sua autoridade doutrinal, embora considerem que alguns relatos foram adulterados e, como consequência, são pouco fiáveis. Para o xiismo, um hádice escutado diretamente da boca do Profeta ou de um dos imãs, e transmitido por uma cadeia de pessoas dignas de crédito, tem o mesmo valor canónico que o Alcorão, sempre que não entrar em contradição com o texto deste. Também têm hádices que relatam as palavras e atos dos imãs, a que conferem o mesmo valor canónico.

Imã oculto: último dos doze imãs purificados do xiismo. Vive oculto desde o século X, mas manifestar-se-á quando

a Terra estiver dominada pela opressão para trazer a justiça ao mundo.

Notas

1. Alcorão 33:33
2. Alcorão 2:156
3. Alcorão, sura do Tremor, 8-9.
4. Alcorão 3:185
5. Alcorão 4:110
6. Iasin (36), As-Saffat (37), Al-Ahzab (33) e Aiatul Kursii (2: 255, 256 e 257), bem como o versículo 54 da sura Al-'Aaraf (7) e os três últimos versos da sura Al-Baqarah (2).
7. Alcorão 2:156.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Judaísmo



*Nova sinagoga de Berlim (Alemanha).
Pingallery.*

Denominação

Judaísmo

Origem e fundador

O judaísmo é o fruto de um longo processo que se remonta uns quatro mil anos. Nasce com a Aliança* entre Deus e o patriarca Abraão¹, “o primeiro hebreu” do que se consideram descendentes todos os judeus. Este pacto foi reafirmado quando Moisés recebeu a Palavra de Deus (YHWH) ou Torá no Monte Sinai.²

A Torá faz parte da *Tanakh* ou Bíblia Hebraica. São os cinco livros que na Bíblia cristã recebem a denominação de Pentateuco. O judaísmo é considerado a mais antiga das chamadas “Religiões do Livro”*.

Doutrinas e crenças

- A religião e a cultura judaicas estão profundamente interligadas. A religião está baseada na crença num Deus único (imaterial, irrepresentável, infinito, onisciente, providente, etc.) que criou o Universo e escolheu o povo judeu para se revelar através da Palavra. Deus é Palavra. A língua hebraica é considerada sagrada (*Lashon Hakodesh*), a língua primeira com que Deus criou o mundo. O mundo foi criado para ser o reino de Deus e os judeus esperam a chegada do Messias*.
- Os seres humanos estão dotados de liberdade para escolher entre o bem e o mal e recebem o prémio ou castigo que merecem pela sua escolha. Se cumprem os mandamentos divinos, serão chamados de novo à vida do mundo dos mortos.
- Tanto a alma como o corpo são sagrados. Cada ser humano é único e uma vida é tão valiosa como toda a Criação³. Maimónides (filósofo, teólogo e médico judeu espanhol do século XII) pedia aos médicos que não limitassem a sua atenção a determinado membro

* *Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.*

ou órgão doente ou afetado, mas que prestassem atenção ao corpo e alma do doente ao mesmo tempo.

A morte. Apesar de se enfatizar o valor da vida, também se frisa a sua transitoriedade e o facto inevitável da morte: “Pois és pó e ao pó regressarás”⁴.

Existem diferentes crenças relativas à outra vida. Em geral, os judeus não acreditam numa reencarnação depois da morte física e muitos não acreditam em nenhuma forma de vida depois da morte. De facto, aconselha-se não tentar imaginar o inimaginável. Para o crente, a vida é um dom de Deus, que dá a vida e a retoma: “Nasces a teu pesar, vives a teu pesar e morres também a teu pesar (...) E a teu pesar terás de prestar contas perante o Rei, Rei de reis, bendito seja”⁵.

No entanto, os judeus ortodoxos confiam noutra vida, embora os textos não esclareçam exatamente o que existe mais além do *Sheol*, a morada terrestre onde vão parar todos os mortos, bons e maus, e onde não há discernimento (recompensa ou castigo, prazer ou dor).

Moral, comportamentos e compromissos

A *halakha* (a Lei Judaica) está composta pela Torá e pelo Talmude (a Lei Oral).

O fundamento da moral e do comportamento é a Aliança de Deus com o povo judeu. Os dez mandamentos resultam deste pacto. Como contrapartida por salvar os judeus da escravidão egípcia e por os tornar o seu povo predileto, Deus instaurou a obrigação de acatar um conjunto de normas.

Adicionalmente, as sete leis de Noé (dadas por Deus após o Dilúvio) são preceitos que todos os seres humanos têm de obedecer:

- 1.** Não adorar ídolos, nem servir imagens. Acreditar num único Deus.
- 2.** Não maldizer Deus.
- 3.** Não matar a ninguém em nenhuma circunstância, salvo em defesa própria.

4. Não cometer incesto nem adultério.
5. Não roubar.
6. Ministar justiça e estabelecer tribunais que a apliquem.
7. Não comer carne de um animal vivo.

Outros princípios legais e éticos contidos na Torá são os 613 preceitos (*mitzvot*), que se dividem entre “mandatos positivos”, que indicam ações a realizar, e “mandatos negativos” (ou proibições). Estes preceitos representam os deveres do homem com Deus, para o próximo e para consigo mesmo e regulam a totalidade da vida de um judeu.

O nível de cumprimento dos preceitos varia segundo as diversas correntes judaicas. É máximo entre os ultraortodoxos, quem governam toda a sua vida de acordo com a Lei Judaica.

Atender o moribundo e acompanhar o defunto são *mitzvot* positivos e são fonte de felicidade humana.

Práticas e ritos

A prática varia muito de uma pessoa para outra. Alguns judeus são muito religiosos e outros pouco, e alguns escolhem observar determinados ritos e outros não. Mas, mesmo entre os mais liberais e laicos, os ritos de trânsito costumam ser rigorosamente observados, mais por um sentido de pertença à comunidade que movidos pela fé. Estes ritos são:

- A circuncisão dos meninos, 8 dias após o nascimento.
- A maioria de idade religiosa, aos 13 anos, quando os rapazes se convertem em *Bar-Mitzvah* (“sujeito aos preceitos”). Alguns sectores liberais têm uma cerimónia equivalente para as meninas quando fazem 12 anos (*Bat-Mitzvah*).
- O casamento.
- Os ritos fúnebres.
- O *Shabbat*, que começa com o pôr-do-sol da sexta-feira e acaba com o do sábado. É um dia sagrado e de repouso, respeitado em diversos graus segundo os diferentes grupos. Enquanto durar não se podem

realizar exames médicos ou tratamentos que requeiram deslocções, a menos que sejam imprescindíveis para a sobrevivência. Os judeus mais ortodoxos podem pedir ajuda para acender a luz e não querer chamar as enfermeiras utilizando as campainhas.

- O *Mikvah*, um banho ritual de purificação que costuma ser tomado na véspera da festa do *Yom Kippur*.
- A leitura da Torá.
- A recitação do *Shema Yisrael*, a profissão de fé, três vezes ao dia.

A doença. O sofrimento não tem sentido de redenção e não é inevitável. A Lei Judaica é uma lei da vida, de modo que todos os tratamentos cuja eficácia esteja reconhecida têm de ser tentados. Não se admite a prolongação da vida de forma não natural, embora os cuidados paliativos para proporcionar algum conforto à pessoa doente sejam recomendados.

A eutanásia é proibida porque a vida pertence a Deus e só a Ele. A vida é um direito, a morte não.

Alguns ramos do judaísmo interpretam que a saúde é um prémio pela obediência a Deus. Em qualquer caso, cuidar-se e cuidar da vida de outro é uma obrigação e uma responsabilidade.

Visitar os doentes, ouvi-los, partilhar experiências com eles, etc., são demonstrações de solidariedade comunitária e parte da terapia para preservar a vida⁶. Na sinagoga, aos sábados é recitada uma oração especial pelos doentes.

O preceito de *Pikuach Nefesh* ("preservação da vida") é fundamental, o que implica que as obrigações e proibições terão de ser postas de lado quando uma vida está em jogo.

Um judeu agonizante não está obrigado a ver a um rabino nem necessita um intermediário que lhe proporcione os últimos ritos.

A *Teshuvah* é uma prática de "retorno" às origens e arrependimento, que anula as imperfeições passadas e as faltas futuras. Para que se dê, é muito importante que a família acompanhe sempre o moribundo.

Alguns judeus consideram que durante a agonia é proibido tocar no moribundo. Para não o afetar, apesar da iminência da morte, os preparativos funerários não costumam ser antecipados. Isto pode, por vezes, dificultar obter informação sobre as suas últimas vontades. Em princípio a doação de órgãos não é permitida. No entanto, se uma pessoa for doadora, a sua decisão é respeitada.

A morte. A morte é confirmada quando as funções vitais se detêm completamente (a paragem definitiva do coração) e não unicamente por “morte cerebral” irreversível, embora o médico tenha sempre a última palavra. O cadáver tem de ser tratado de forma muito respeitosa, não se permitindo nenhuma mutilação, a menos que exista um mandato legal para a realização da autópsia.

Os familiares presentes fecham os olhos e a boca do defunto, cobrem-lhe o rosto, endireitam-lhe os membros e depositam o corpo no solo, devidamente coberto e com os pés orientados para a porta da estância. Também cobrem os espelhos que possa haver (para que a alma não sofra ao não reconhecer o seu reflexo despojada do corpo) e, se for possível, acendem velas.

Até ao enterro o defunto tem de estar sempre acompanhado, exceto durante a preparação do corpo (*tara*). Esta é executada por uma pessoa do mesmo género, que o lava e verte sobre ele água, símbolo de vida e purificação. Depois de uma breve cerimónia, o corpo é instalado num féretro com um pouco de terra, se for possível de Israel, debaixo da cabeça.

Durante o velório acendem-se velas na cabeceira do defunto. São realizadas leituras dos salmos e as virtudes e as boas obras que o falecido realizou são recordadas. Não se pode comer, fumar ou manter conversas frívolas perto do cadáver. Exibir o morto é considerado degradante e uma falta de respeito, por isso este terá de permanecer coberto. Não se costuma enviar ou colocar flores ou coroas, e não se oferecem condolências até ao enterro.

O enterro costuma ser realizado vinte e quatro horas após a morte ou assim que for possível. Os mortos têm de ser enterrados, estando portanto proibidos os jazigos e as incinerações. No entanto, este preceito é por vezes

interpretado simbolicamente, como no caso de alguns sectores progressistas.

Assistir e acompanhar os restos mortais (*levaya*) e encarregar-se das tarefas domésticas dos familiares do defunto são atividades que permitem suspender o cumprimento de outros preceitos. As necessidades dos enlutados têm de ser cobertas, para lhes permitir expressar a sua dor.

Em sinal de luto, os parentes masculinos não costumam fazer a barba nem cortar o cabelo durante trinta dias. Os mais próximos realizam a *kria*, que consiste num corte ou rasgão na roupa.

A alimentação A comida pura e aprovada é qualificada como *kosher*. A Torá estabelece as prescrições alimentares que distinguem os animais comestíveis.

A carne de certos animais é impura, por exemplo a do porco e do coelho, bem como os mariscos e os peixes sem barbatanas ou escamas. Os animais comestíveis (aqueles com cascos fendidos ou ruminantes) têm de ser sacrificados de forma ritual, extraíndo-lhes todo o sangue.

A Lei do *Kashrut* proíbe tomar carne e leite simultaneamente. Para os mais conservadores, estes alimentos não podem nem sequer ser cozinhados, comidos ou conservados com os mesmos utensílios.

Estas normas impedem os judeus mais ortodoxos de aceitar comida de não judeus ou de judeus não praticantes, dado que uma mínima quantidade de comida impura contamina o resto. Por isso, alguns pacientes podem pedir que os alimentos lhes sejam proporcionados pela sua comunidade.

Durante as vinte e quatro horas da festa do Yom Kippur costuma-se observar um jejum absoluto, e durante a Pesah não se come nenhum alimento ou produto com levedura.

Festas

- *Rosh Hashanah* (em setembro). Ano Novo, que celebra a Criação do mundo, e o “Dia do Juízo”.
- *Yom Kippur* (dez dias depois do *Rosh Hashanah*). “Dia da Expição e da Reconciliação”.

- *Sukkot* (em fevereiro): a “Festa dos Tabernáculos”. Durante sete dias recorda a errância pelo deserto, a escravidão e a libertação.
- *Hanukkah* (finais de novembro / finais de dezembro): a “Festa da Luz”. Comemora durante oito dias a recuperação da independência e a limpeza do Templo de Jerusalém dos ícones pagãos.
- *Purim* (março / abril). Celebra uma milagrosa salvação dos judeus relatada no Livro de Ester. Costuma-se visitar os doentes e ajudar os necessitados.
- *Pesach* (março / abril). “Festa dos Pães Ázimos”, que durante sete dias comemora o êxodo e a libertação da escravidão no Egito.
- *Shavuot* (sete semanas depois da *Pesach*). Comemora o dia em que a nação israelita, reunida no Monte Sinai, recebeu a Torá.

Objetos

- A *Mezuzah*: estojo com fragmentos da Torá que se coloca na ombreira direita da porta de entrada das casas.
- Os diferentes objetos para o Shabbat: as “copas de *Kiddush*” (para santificar o vinho no início), os *Challah* (pães), etc.
- A chanucá e a menorá, candelabros de nove e sete braços respetivamente.
- O tabuleiro do *Séder*, onde se coloca o pão ázimo, em recordação do pão fornejado durante o Êxodo do Egito.
- Os objetos cerimoniais da sinagoga incluem os rolos da Torá e o xofar (corno de carneiro).

Os judeus ortodoxos possuem objetos cerimoniais pessoais:

- O quipá: pequeno barrete ritual com que os homens cobrem a cabeça quando rezam ou estão na sinagoga e que os ortodoxos sempre levam posto.

- O *tallit*: manto de orações, branco ou às riscas e com franjas, que pode ser colocado aos ombros ou na cabeça e cujas franjas são consideradas sagradas.
- Os *tefillin*: um par de caixas de couro preto em forma de cubos que contêm passagens relevantes da Torá escritas em pergaminho. São utilizados para a oração matutina, atados com correias de couro preto ao braço e à cabeça.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

Não existe uma autoridade central. Existem três importantes comunidades judaicas em Portugal:

Lisboa, Porto e Belmonte. Também há diversas sinagogas espalhadas pela geografia portuguesa.

Cada comunidade costuma possuir uma instituição conhecida como a *Chevra Kadisha*, constituída por voluntários, que geralmente se encarrega dos cuidados espirituais dos doentes e dos funerais. Os membros desta instituição são normalmente os responsáveis pela lavagem ritual do corpo e pela sua preparação para o funeral. É muito comum que as famílias judaicas, mesmo que não sejam crentes, acabem por utilizar esta instituição para garantir que o seu familiar é enterrado de acordo com a tradição.

Livros

- A *Tanakh* ou Bíblia judaica formada pela Torá, pelos Profetas (*Nebim*) e pelos Escritos (*Ketuvim*). A Torá está composta por cinco livros: o *Bereshit* (Gênesis), o *Shemot* (Êxodo), o *Vayikra* (Levítico), o *Bemidbar* (Números) e o *Devarim* (Deuteronómio).
- O Talmude, fundamentado na tradição oral, oferece uma interpretação da *Tanakh*, e estabelece os preceitos religiosos, jurídicos, éticos e morais.

Textos

Para o acompanhamento dos doentes:

Shema Israel (profissão de fé): Deuteronómio 6,4

Escuta, ó Israel, o Senhor e só ele é o nosso Deus.

Ama o Senhor, teu Deus, com todo o coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.

Que os mandamentos que hoje te dou estejam sempre na tua memória.

Ensina-os continuamente aos teus filhos e repete-os, tanto ao deitar como ao levantar, quer estejas em casa, quer vás de viagem.

Deves trazê-los no teu braço como um distintivo, na tua testa como emblema. Escreve-os nas ombreiras das portas da tua casa e em todos os teus portões.

Números 21,7 (Moisés orou pela saúde dos israelitas que foram mordidos pelas serpentes)

Então o resto do povo foi ter com Moisés, exclamando: “Errámos, quando protestámos contra o Senhor e contra ti! Pede ao Senhor que afaste de nós as serpentes.” E Moisés pediu ao Senhor em favor do povo.

Salmo 41 (oração para pedir saúde)

Bem-aventurado aquele que faz bem ao pobre;
o Senhor o livrará na desgraça.

O Senhor o protegerá e lhe dará vida e felicidade na terra; e não o abandonará à mercê dos seus inimigos.

O Senhor o ajudará, quando estiver doente, e lhe restituirá a saúde.

Eu disse: “Senhor, tem compaixão de mim; cura-me, embora tenha pecado contra ti.”

Os meus inimigos falam mal de mim e dizem:

“Quando é que ele morre e se esquecem dele?”

Se me visitam, dizem coisas sem interesse, o seu coração está cheio de malícia.

Mal saem à rua dão-na logo a conhecer.

Todos os que me odeiam murmuram contra mim; pensam o pior de mim e dizem:

“Ele tem uma doença má;

que ele não se levante mais da cama.”

Até o meu melhor amigo, em quem eu confiava, e que comia do meu pão, se voltou contra mim.

Mas tu, Senhor, tem compaixão de mim; restaura-me a saúde, para eu lhes dar o pago.

Se o meu inimigo não triunfar sobre mim, saberei então que tu me queres bem.

Tu me ajudarás, porque vivo com sinceridade, e me farás viver sempre na tua presença.

Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, agora e para sempre! Assim seja! Amen!

Salmo 107, 15-21

Deem graças ao Senhor, pelo seu amor e pelas suas maravilhas a favor dos homens!

Ele fez em pedaços as portas de bronze e despedaçou as barras de ferro!

Enfraquecidos por causa da sua rebeldia, aflitos por causa das suas culpas

não suportavam qualquer alimento; já estavam às portas da morte!

Mas, na sua angústia, clamaram ao Senhor e ele livrou-os das suas aflições.

Com a sua palavra Deus veio curá-los e livrou-os da morte!

Deem graças ao Senhor, pelo seu amor e pelas suas maravilhas a favor dos homens!

2 Crônicas 6, 28-30

Se o país for atingido pela fome ou pela peste e se as plantas forem atacadas pela ferrugem, pela moléstia, pelos gafanhotos ou pela lagarta, ou se os inimigos cercarem as cidades do país, ou se houver alguma catástrofe ou qualquer epidemia, nesses casos, sempre que alguém ou todo o povo te dirigir uma súplica neste templo reconhecendo o seu pecado e a sua desgraça e levantando as mãos para ti, ó Senhor, escuta-os lá do céu, onde habitas, e perdoa-lhes. Trata cada um conforme as suas intenções, pois tu conheces as intenções e o coração dos homens.

Para o doente

***Shmone Esre* (oração que os judeus praticantes costumam pronunciar três vezes por dia)**

Cura-nos, Deus, e curar-nos-emos; salva-nos e salvar-nos-emos, porque Tu és a nossa glória, quem cura e sana todos os nossos males, feridas e dores.

2 Crônicas 32, 24-26 / Isaías 38,1-22

Por este tempo, o rei Ezequias foi atingido por uma doença mortal. O profeta Isaías, filho de Amós, foi visitá-lo e disse-lhe da parte do Senhor: "Faz o testamento, porque não irás viver por muito mais tempo." Então Ezequias voltou-se para a parede e orou ao Senhor desta maneira: "Ó Senhor, lembra-te que procedi para contigo com lealdade e com um coração íntegro e fiz sempre o que te agrada." E Ezequias irrompeu num grande choro. Então o Senhor encarregou Isaías de ir ter com Ezequias para lhe falar nestes termos: "Eis o que o Senhor, Deus de David, teu antepassado, tem para te dizer: "'Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas. Pois bem, vou deixar que vivas mais quinze anos.'"

Para os familiares e amigos:

"Kadish dos doentes" ou "do luto"

Que seja exaltado e santificado o Seu grande nome
(*Ámen*),

no mundo que Ele criou segundo a Sua vontade. Que Ele estabeleça o Seu Reino, faça vir a Sua redenção e aproxime a vinda do Seu Moshi'ach (*Ámen*),

em vossa vida e em vossos dias e na vida de toda a Casa de Israel, pronta e brevemente, e dizei Ámen.

(Ámen. Que Seu grande nome seja bendito eternamente e por todo o sempre; que seja bendito.)

Que Seu grande nome seja bendito eternamente e por todo o sempre. Que seja bendito, louvado, glorificado, exaltado, engrandecido, honrado, elevado e excelentemente adorado o nome do Santo, bendito seja Ele, (*Ámen*),

acima de todas as bênçãos, hinos, louvores e consolos que possam ser proferidos no mundo, e dizei Ámen (*Ámen*),

Que haja paz abundante emanada dos Céus, e bênção de vida sobre nós e sobre todo [o povo de] Israel; e dizei Ámen (*Ámen*),

Aquele que estabelece paz em Suas Alturas, possa Ele estabelecer paz para nós e para todo Israel; e dizei Ámen (*Ámen*),

Eclesiastes 3:1-8

Neste mundo, tudo tem a sua hora; cada coisa tem o seu tempo próprio.

Há o tempo de nascer e o tempo de morrer;
o tempo de plantar e o tempo de arrancar;
o tempo de matar e o tempo de curar;
o tempo de destruir e o tempo de construir;
o tempo de chorar e o tempo de rir;
o tempo de estar de luto e o tempo de dançar;
o tempo de atirar pedras e o tempo de as juntar;
o tempo de se abraçar e o tempo de se afastar;
o tempo de procurar e o tempo de perder;
o tempo de guardar e o tempo de deitar fora;
o tempo de rasgar e o tempo de coser;
o tempo de calar e o tempo de falar;
o tempo de amar e o tempo de odiar;
o tempo de guerra e o tempo de paz.

Salmo 23

O Senhor é o meu pastor: nada me falta.

Em verdes pastos me faz descansar e conduz-me a lugares de águas tranquilas.

Conforta a minha alma e leva-me por caminhos retos, honrando o seu bom nome.

Ainda que eu atravessasse o mais escuro vale, não terei receio de nada, porque tu, Senhor, estás comigo.

A tua vara e o teu cajado dão-me segurança.

Preparaste-me um banquete à frente dos meus inimigos.

Recebeste-me com todas as honras e encheste a minha taça até transbordar.

De facto, a tua bondade e o teu amor acompanham-me ao longo da minha vida.

E na tua casa, Senhor, morarei para sempre.

O Senhor é o meu pastor: nada me falta.

Para depois do falecimento e para o luto:

***Kel Maleh Rachamim* (oração pelos defuntos, segundo a tradição asquenazi)**

Deus, cheio de compaixão, que mora no alto, concede descanso perfeito nas asas da Divina Presença, nos lugares exaltados entre os benditos e os puros, que brilham como o fulgor do firmamento, à alma de (indicar o nome do falecido), filho/a de (nome da sua mãe) que foi ao seu repouso eterno e em cujo nome vai contribuir para a caridade em memória solene. Que o seu lugar de descanso seja o Jardim do Éden. Que o Todo Misericordioso o/a abrigue para sempre nas suas asas protetoras, e permita à sua alma estar ligada ao vínculo da vida eterna. O Senhor é a sua herança; que o/a deixe descansar em paz, e nos deixe dizer: *Ámen*.

Para o médico

Oração do médico de Maimónides

Deus Todo-Poderoso, inspira-me com o meu amor pela minha arte e pelas tuas criaturas. Não permitas que a ganância ou que a ambição de glória e

admiração interfiram na prática da minha profissão, pois estas são as inimigas da verdade e do amor pela humanidade, e podem desviar do seu caminho o nobre dever de atender o bem-estar das tuas criaturas. Mantém a força do corpo e do meu espírito a fim de que esteja sempre disposto e animado a ajudar e sustentar o rico e o pobre, o bom e o mau, o amigo e o inimigo. Faz com que em quem sofre eu não veja mais que a pessoa. Ilumina a minha mente para que reconheça o que se apresenta e para que saiba discernir o que está ausente ou escondido. Que não deixe de ver o que é visível, mas não permitas que me arrogue o poder de ver o que não pode ser visto, pois delicados e infinitos são os limites da grande arte de preservar as vidas e a saúde das tuas criaturas. Não permitas que me distraia. Que nenhum pensamento estranho desvie a minha atenção da cabeceira do doente ou altere a minha mente nos seus silenciosos labores, pois grandes e sagradas são as reflexões requeridas para preservar a vida das tuas criaturas.

Deus Todo-Poderoso, tu escolheste-me na tua misericórdia para zelar pela vida e morte das tuas criaturas. Agora estou livre para praticar a minha profissão. Ajuda-me neste grande dever para que assim se beneficie a humanidade, pois sem a tua ajuda nem o mais pequeno esforço terá êxito.

Autor

Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso

Consultores

Ezequiel Sakal e **Leon Benmayer**, pessoas de referência da comunidade judaica de Barcelona em questões relacionadas com o acompanhamento da morte.

*** Glossário**

Aliança: conceito central do judaísmo que se refere a um pacto entre Deus e o povo de Israel. Um judeu é uma pessoa que assume esse pacto com Deus.

Messias: termo hebreu que se refere ao rei ou sacerdote que era instituído nas suas funções mediante o rito da unção santa com o óleo. Aquele que restaurará a independência de Israel, governará com retidão segundo a Torá e manterá no seu reino a paz entre os povos. O judaísmo contemporâneo contempla esta figura como um ideal ou arquétipo, que poderá tornar-se realidade sem necessidade de se exercer funções literalmente monárquicas.

Religiões do Livro: expressão que costuma aplicar-se a três religiões: ao judaísmo, com a Bíblia Hebraica; ao cristianismo, com a Bíblia cristã; e ao Islão, com o Alcorão. As três religiões conferem uma importância capital a um livro sagrado que contém a revelação de Deus aos homens. No entanto, outras religiões têm um corpo doutrinal transmitido por escrito em forma de livros e, nalgumas ocasiões, também são incluídas num conceito mais amplo de “religiões do Livro”.

Notas

1. Génesis.
2. Êxodo.
3. Sanedrim 4,5.
4. Génesis 3,19.
5. Talmude. Pirkei Avot, capítulo 4
6. Nedarim 39,2.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Budismo (Buddha Dharma)



*Mosteiro de Drepung (Tibete).
Dennis Jarvis (Halifax, Canadá) Wikimedia Commons por
PDTillman*

Denominação

Budismo ou Buddha Dharma

Origem e fundador

O budismo está inspirado na prática e na mensagem espiritual de Siddharta Gautama, o Buda, que viveu entre os séculos VI e V a.C. no norte da Índia, atingiu a Iluminação e começou a pregar no ano de 528 a.C.

No budismo distinguem-se duas grandes correntes, embora determinados princípios práticos ou filosóficos sejam comuns. A primeira é a corrente Theravada (ou Hinayana ou “pequeno veículo”), centrada nas práticas tradicionais, como a meditação, e que não reconhece novos Budas. É a mais frequente no sudeste asiático (Tailândia, Camboja, etc.). A segunda corrente é a Mahayana (“grande veículo”), que frisa o papel da compaixão (*karuna*) e dos *bodhisatvas** para atingir a Iluminação (*nirvana*) e que reconhece novos mestres como Budas. É a corrente mais popular na China, Índia, Vietname, Japão, Coreia do Sul e Mongólia. Inclui a maior parte dos praticantes autóctones.

No entanto, também se pode distinguir uma terceira corrente como subconjunto do Mahayana: a Vajrayana (“veículo do diamante”). Esta corrente acentua as técnicas físicas e mentais que permitem aceder à Iluminação. É mais frequente no Tibete, Butão, Nepal e Índia e entre os seus emigrantes.

Doutrinas e crenças

- O objetivo é atingir a Iluminação. Isto passa por eliminar o *samsara*: o ciclo vital de nascimentos e mortes que escraviza e faz sofrer os seres vivos. É necessário superar a falácia do desejo, a ignorância e o conseqüente *karma**.
- Para conseguir eliminar o *samsara*, a pessoa tem de se libertar do desejo e do apego seguindo o Óctuplo

* Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.

Caminho (correção de visão, intenção, discurso, ação, forma de vida, esforço, meditação e concentração) e praticando as Perfeições (ética, generosidade, paciência, perseverança, concentração e sabedoria).

A doença. A doença é inerente à natureza dos seres vivos. É o resultado das ações negativas do passado e ao mesmo tempo uma oportunidade para se libertar delas.

A morte. A morte é o final da vida corporal atual, mas não da existência individual. É um trânsito para uma dimensão mais ampla e essencial e que pode ser feliz ou não dependendo dos atos da pessoa na vida presente e nas anteriores.

Os amigos e familiares podem dar-lhe sentido considerando-a uma recordação da impermanência.

A experiência da morte é uma oportunidade para compreender a natureza mais essencial e sutil do ser, que é búdica. Por isso a importância de uma boa morte. Por exemplo, é essencial, para preparar o futuro renascimento, o estado mental no momento de morrer, ou seja, o último pensamento ou emoção da pessoa.

Como preparação para uma boa morte, aconselha-se resolver previamente todas as questões (emocionais, espirituais ou práticas) que possam perturbar antes de morrer, especialmente a ira, o ressentimento ou a não aceitação de si próprio.

As diversas escolas têm diferentes crenças sobre o processo da morte:

- Todas as escolas consideram que, depois de morrer, existem três modos de existência ou destinos (*gati*) em que se dá o renascimento e que constituem o *samsara*. Há três *gatis* bons e três *gatis* maus, segundo o *karma*.

Só é possível conseguir o *nirvana* como ser humano, não como outros seres vivos nem como deuses.

- O budismo mahayana descreve paraísos puros, que costumam receber também o nome de “reinos puros”, “paraísos de Buda” ou “terra pura”. Estes reinos são inumeráveis e os seres experimentam neles paz e felicidade plenas e duradouras.

- O budismo tântrico considera que, com a morte, o corpo e a mente se desintegram gradualmente até que a natureza búdica emerge.

O objetivo das técnicas tântricas consiste na identificação com esta natureza essencial. Alguns praticantes avançados podem reproduzir, à sua vontade, níveis de consciência como o processo de sonho e mesmo os estados próximos da morte.

O processo da morte é descrito em oito etapas, dependendo da pessoa e das circunstâncias da morte, e segundo os sistemas e as funções que se vão desativando (consulte o quadro sobre as etapas do processo de dissolução da morte segundo o budismo tibetano no final do capítulo).

Quando a morte clínica se produz, ainda permanece ativada a consciência subtil, de forma que a pessoa ainda não morreu.

Nesta fase do processo de morte experimenta-se uma lucidez clara, livre da dualidade sujeito/objeto, livre de conceitos e emoções. É a manifestação da essência búdica da consciência. Alguns místicos podem permanecer nela meditando durante semanas para depois morrer ou atingir o *nirvana* sem morrer.

Com esta última fase produz-se a autêntica morte. O calor corporal costuma concentrar-se na zona do coração, para depois abandonar através da emissão de fluido pelo órgão genital ou da emissão de sangue pelo nariz, sinais externos, nem sempre perceptíveis, desta morte definitiva.

Nos casos de morte natural o processo pode durar de um a três dias. Em casos de doenças rapidamente degenerativas, pode ser muito mais acelerado e, em caso de acidente, até instantâneo. Alguns praticantes experimentados podem dilatar os períodos.

Após a morte autêntica, as energias vitais são reconstruídas, passando assim ao estado intermédio (*bardo* em tibetano), que é o período entre a morte e a próxima vida, em que se tem um corpo subtil, não físico, e que pode durar até sete semanas se o renascimento for como ser humano.

- Quando não têm a capacidade para aspirar a formas sublimes de morte, como a dos místicos acima

mencionada, os budistas podem tentar assegurar-se uma morte plácida com uma atitude positiva: um comportamento ético correto e uma prática meditativa regular.

- O luto pode ser expresso, mas com discrição e sem apegar-se a ele.

Moral, comportamentos e compromissos

Na sua conduta pessoal, os budistas baseiam-se nos cinco preceitos:

- Não matar.
- Não roubar.
- Não ferir ou mentir com a palavra.
- Abster-se de uma conduta sexual indigna.
- Abster-se de estupefacientes.

A sabedoria e a compaixão são a base da prática budista e as duas asas da iluminação.

A sabedoria budista consiste em liberar-se da ilusão (*maya*), que é a base das atitudes e emoções perturbadoras como a ignorância, o desejo e a aversão.

Para atingir este objetivo, é necessário cultivar a concentração ou calma mental que, por sua vez, requer o equilíbrio e a harmonia proporcionados pela ética.

A meditação e contemplação dos ensinamentos de Buda permitem a realização da verdadeira natureza búdica de cada um.

Os crentes também têm de desenvolver todas as qualidades que ajudem a erradicar atitudes e paixões perturbadoras: a sabedoria, o desprendimento, a tolerância, a equanimidade, o amor e a compaixão.

Um dos atos mais meritórios consiste em ajudar uma pessoa a atingir um estado positivo de mente para se preparar para a morte.

Práticas e ritos

A doença. É fundamental dedicar especial atenção à atmosfera prévia à morte com a meditação diária em

silêncio, frequentemente perante uma estátua de Buda (que não pode ser tocada sem a autorização do paciente).

A prática inclui as leituras de textos sagrados e a recitação de mantras, nalguns casos perante imagens protetoras (que podem ser levadas para o hospital) e colocando a seu lado incenso, flores ou outro tipo de oferendas.

No que se refere a assistência religiosa, se o nível espiritual for alto a pessoa pode morrer sozinha. No entanto, costuma ser de grande ajuda a companhia de mestres e outros praticantes.

Na tradição tibetana pode-se ler o *Livro Tibetano dos Mortos*, tal como é conhecido popularmente o livro *A libertação pela audição durante o estado intermédio* (*Bardo Thödol* em tibetano). Os seus textos podem ser lidos à orelha do moribundo, para o ajudar a reconhecer o processo da morte e do estado intermédio e para lhe recordar a prática mais conveniente.

Se o moribundo sentir devoção por um Buda ou *bodhisattva**, pode-se colocar uma pequena imagem deste perto da cama como um objeto de contemplação.

Também é adequado lavar o doente e mudar-lhe a roupa quando a morte se aproximar.

O importante é criar uma situação que conduza à paz mental, sendo portanto conveniente facilitar ao paciente toda a paz e tranquilidade que lhe possam ser oferecidas.

Existem numerosas práticas orientadas para a preparação para a morte. É frequente a prática da meditação sobre a natureza transitória dos agregados ou constituintes da pessoa (*skandha**), como antídoto para a noção ilusória de permanência e para o apego.

Muitos budistas podem querer renunciar a calmantes ou analgésicos para preservar uma certa lucidez perante a morte que lhes permita meditar (acompanhados ou em solitário). No entanto, sempre que o sofrimento for de tal intensidade que não lhes permita meditar, a medicação pode ser utilizada para garantir a sua paz interior.

A morte. Os amigos e familiares têm de ser informados sobre o momento concreto da morte, para que possam realizar as orações e os rituais adequados.

Se o paciente falecer no hospital seria conveniente proporcionar um quarto vazio para que a família e os amigos possam cantar e rezar. Se a pessoa não tiver acompanhantes budistas, o ideal seria entrar em contacto com um líder espiritual da sua escola. O corpo tem de ser envolvido num lençol liso sem nenhum símbolo.

Os budistas tibetanos consideram que, para que a consciência abandone corretamente o corpo, este tem de ser mantido impoluto, nalguns casos sem ser tocado nem movido, exceto em circunstâncias excepcionais e sob as indicações de um lama, até 72 horas depois do óbito. Por este motivo, a realização de uma autópsia pode ser especialmente problemática (embora, se for necessária, existam técnicas espirituais que ajudam nesta situação).

Se o hospital tiver de mover o corpo, pode trasladá-lo, em silêncio, para um quarto vazio ou para a morgue, mas sem o retirar da cama em que faleceu enquanto não tiverem passado as 72 horas, se for possível.

A maioria dos budistas aceita a doação ou receção de órgãos, dado considerar esta prática uma expressão de afeto e consideração. Se se opõem, é geralmente por considerarem que pode obstaculizar o processo de morte.

Seja como for, os órgãos não podem ser extraídos enquanto a consciência não tiver deixado completamente o corpo. Nalguns casos, pode ser necessária a certificação de um líder religioso, mas normalmente não se esperaria mais de três dias depois de a pessoa ter deixado de respirar, já que se considera que um certo nível de consciência ainda pode estar presente. Em última análise, a decisão de permitir ou não a extração dos órgãos é pessoal e o moribundo tem a última palavra.

Após o desaparecimento da consciência, não se guarda uma especial reverência pelo corpo. Os budistas costumam preferir a incineração, mas os corpos também podem ser enterrados ou embalsamados.

As cerimónias funerárias variam segundo os costumes culturais do país que influenciou numa determinada escola.

As cinzas são benditas, e depois colocadas em diferentes objetos ou veneradas, obtendo mérito para a consciência que esteve ligada a esse corpo.

A lentidão do processo de morte, se se tratar de um praticante avançado, e a sua incompatibilidade com as legislações ocidentais, leva algumas pessoas a decidirem morrer em completa solidão ou num país oriental onde estas opções sejam respeitadas.

A alimentação Não existem preceitos gerais sobre a alimentação. Se se come carne, é importante que seja resultado do menor sofrimento possível (por exemplo de um único animal que dê de comer a muitos e não ao contrário).

Festas

- *Vesak* (durante o plenilúnio do mês de *Visakha*, em maio-junho): a celebração do nascimento de Siddharta Gautama, da sua iluminação em Bodhgaya (Índia) e da sua morte.
- *Cho Kor* (julho): festa do primeiro sermão de Buda.
- *Uposatha*: os dias de lua cheia e lua nova; tradicionalmente dedicados à meditação e ao jejum.
- Outras celebrações são: o nascimento (*Hanamatsuri*), a morte (dia do *Nirvana*) e a iluminação de Buda (dia de *Bodhi*).

Objetos

- Figuras ou representações do corpo, fala e mente do Buda.
- Nos altares costumam ser colocadas imagens ou estátuas do Buda, textos e também reproduções de *stupas*.
- Os rosários (*mala*).
- Incenso.
- No budismo tibetano também são utilizados:
 - As rodas de oração, que se giram enquanto se recitam mantras.
 - O *dorje*, símbolo da vacuidade, que é a essência da realidade.

- Cintos de proteção.
- O *dribu*, ou sino ritual.

Os praticantes podem pedir que os objetos não sejam retirados enquanto estiverem com vida.

Os livros sagrados não podem ser colocados no chão nem servir de base para outros objetos.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

Os budistas em Portugal são de origem oriental e autóctone, e cada corrente tem várias escolas e mestres, segundo linhagens tradicionais. Estão organizados maioritariamente em centros liderados por determinados mestres, embora também existam mosteiros de tradição tibetana ou zen, que são centros de missão, aprendizagem e retiro.

Livros

- *O Canon Pali*: a primeira e mais antiga coleção de livros. Divide os ensinamentos de Buda em “três cestos” (*tripitaka*): *Vinaya* (regras da disciplina dos monges), *Sutra* (ensinamentos de Buda) e *Abhidharma* (argumentação filosófica, psicológica e exegética).
- *O Kangyur*: coleção dos sutras do Buda que inclui os sutras Mahayana.
- *O Tengyur*: coleção de comentários de santos budistas de 224 volumes.
- *Os Tantra*: coleção dos trabalhos do fundador e seguidores da escola tântrica.
- *O Livro Tibetano dos Mortos* ou *A Libertação pela Audição durante o Estado Intermédio*: guia para prevenir os medos e perigos experimentáveis durante o processo de morte e o estado intermédio.

Textos

Os seguintes textos procuram tranquilizar a mente do doente, por exemplo mostrando a destreza de determinados mestres em “soltar” a mente dos seus apegos.

“Sutra do Coração”, *Sutras Prajñāparamita*

Avalokita, O Sagrado Senhor e Bodhisattva, movia-se no profundo curso da sabedoria que foi além..

Olhou para baixo da sua posição elevada, contemplou apenas cinco agregados, e viu que eram vazios na sua natureza. Aqui, ó Sariputra, a forma é o vazio, e o vazio é forma; O vazio não é diferente da forma, e a forma não é diferente do vazio; Tudo o que é forma é também vazio, tudo o que é vazio é também forma; o mesmo é verdade para sensações, percepções, impulsos e consciência.

Ó Sariputra, todos os dharmas estão marcados pelo vazio, não nascem nem morrem, não são maculados nem imaculados, não são deficientes nem completos. Portanto, ó Sariputra, no vazio não há forma, nem sensação, nem percepção, nem impulso, nem consciência; Não há olho, nem ouvido, nem nariz, nem língua, nem corpo, nem mente; Não há formas, sons, cheiros, sabores, objetos palpáveis nem objetos da mente; Desde tudo o que possa ser percebido pelos sentidos até tudo o que possa ser apreendido pela mente, nada há;

Não há ignorância, nem extinção da ignorância; Não há decrepitude e morte, nem extinção da decrepitude e da morte.

Não há sofrimento, nem origem, nem cessação, nem caminho; Não há cognição, nem realização e nem não-realização. Portanto, Ó Sariputra, é devido à não-realização que um Bodhisattva, por ter confiado na Perfeição da Sabedoria, repousa sem obscurecimentos ao pensamento. Na ausência de obscurecimentos ao pensamento ele não pode ser abalado, superou aquilo que o pode perturbar, e no final ele atinge o Nirvana.

Todos aqueles que surgem como budas nos três períodos do tempo despertam completamente para a mais elevada, correta e perfeita iluminação por terem confiado na Perfeição da Sabedoria.

Portanto, deve-se conhecer a Prajnaparamita como o grande encantamento supremo, o encantamento

inigualável, que alivia todo o sofrimento, na verdade - pois o que poderia estar errado?

Pela Prajnaparamita esse encantamento foi manifestado.

Diz assim: Ido, ido, ido além, ido completamente além. Ó que despertar, que todos saúdem! Isto completa o Coração da Sabedoria Perfeita.

Samyutta Nikaya, 6, 4

Um discreto discípulo laico, Mahanama, que está doente, tem de ser admoestado por outro discípulo laico com as quatro confortáveis convicções, isto é: Conforta-te, venerável, na tua indubitável lealdade ao Buda, dizendo: ele é o excelso, Arhat, o plenamente iluminado. Conforta-te, venerável, na tua indubitável lealdade ao Dharma... Conforta-te, venerável, na tua indubitável lealdade à Sangha... Conforta-te, venerável, na tua indubitável lealdade aos Arhats... Um discreto discípulo laico, Mahanama, que está doente, tem de ser admoestado por outro discípulo laico com estas quatro confortáveis convicções.

Então, supondo que ele tenha saudade dos pais, teria de lhe ser dito:

Se ele disse: “tenho saudades dos meus pais”, o outro teria de replicar: “Venerável, estás sujeito à morte. Tanta se tens saudades dos teus pais como se não, terás de morrer. Será mais justo para ti abandonar já as saudades dos teus pais.” ...saudade dos filhos... saudade dos cinco prazeres humanos dos sentidos... saudade dos deleites celestiais, etc.

Então, se os pensamentos do doente estiverem assim fixados, que o outro diga:

“Venerável, até o mundo de Brahma é impermanente, temporário, encerrado numa pessoa. É bom para ti, amigo, se levantas a tua mente por cima do mundo de Brahma e a fixas na cessação da bagagem pessoal (os cinco agregados ou *skhandas*).”

E se o doente disser que assim fez, então, declaro Mahanama que não há diferença entre o discípulo laico

que assim o afirma e o monge cujo coração está libertado das ataduras mentais, ou seja, entre a liberação do um e a liberação do outro.

Samyutta Nikaya, V, 420 e seguintes

Quando um budista enfrenta a morte é como qualquer outra pessoa, o seu aferramento pode estar presente e é necessário evitar comentar diretamente a possibilidade da morte enquanto não se constatar que está preparado. Por isso, é necessário acompanhá-lo na sua luta para evitar a doença. No entanto, refletir sobre as dificuldades que representa ter um corpo ou agregados contaminados, ou frisar a ideia de que a natureza da mente não é uma com o corpo, para se identificar com o elemento que transitará para outra vida, são coisas importantes. Sobre esta base já firme pode-se fazer refletir do modo seguinte sobre as Quatro Nobres Verdades:

Esta é, ó monges, a nobre verdade da dor: nascer é dor, envelhecer é dor, adoecer é dor, morrer é dor, sofrimento, lamento, abandono e desesperação são dor. Estar em contacto com o que nos desagrade, estar separado do que nos agrada, é também dor. Numa palavra, este corpo, estes cinco *skandhas* são dor.

Esta é, ó monges, a nobre verdade da origem da dor: a sede que conduz a nascer de novo, com a sua paixão e desejo, procurando satisfação aqui e acolá, a saber: a sede de prazeres sensuais, a sede de voltar a nascer, a sede de terminar a existência.

Esta é, ó monges, a nobre verdade da cessação da dor: a supressão completa desta sede, a sua destruição, abandonando-a, renunciando a ela, libertando-se e desfazendo-se dela.

Há uma oração que é denominada “A Rainha das Orações”. É a mais popular, entre as do budismo tibetano, para os defuntos.

Mantra de Bhaisajyaguru

Honra ao bendito, ao mestre da cura, ao rei do resplendor do lápis-lazúli, ao que veio, ao valioso, ao plena e perfeitamente desperto, assim:

“Ave! Aparece, ó curador, ó curador, ó grande curador, ó rei da cura!”

Dhammapada, 155-56 (www.tipitaka.net)

Aqueles que na juventude não levaram vida santa, ou falharam na prosperidade, definham como velhas garças na lagoa sem peixe.

Os que na juventude não levaram vida santa, ou falharam em adquirir riqueza, vivem suspirando sobre o passado, como setas velhas (disparadas) de um arco.

Dhammapada, 219-20

Quando, após uma longa ausência, um homem regressa de longe em segurança, ao chegar a casa, os seus parentes, amigos e simpatizantes dão-lhe as boas-vindas.

Assim como um parente dá as boas-vindas à pessoa querida, da mesma maneira as suas boas ações receberão o benfeitor que tenha partido deste mundo para o próximo.

Digha Nikaya, Brahmajala Sutta

A forma externa, irmãos, de quem ganhou a verdade está perante ti, mas o que a ata ao renascimento é cortado em dois.

Dhammapada, 46

Percebendo que este corpo é como espuma, penetrando na sua natureza ilusória, e arrancando as flechas de sensualidade de Mara com flores na ponta, segue para além da visão do Rei da Morte!

Dhammapada, 147-151

Observa este corpo, uma imagem pintada, uma massa de chagas amontoadas, adoentado, cheio de ansiedade, do qual nada é duradouro ou estável! Totalmente desgastado está este corpo, um ninho de doença e frágil. Esta massa

putrefacta desintegra-se, porque a morte é o fim da vida. Estes ossos cor de pomba são como cabaças espalhadas no Outono. Tendo-as visto, como pode uma pessoa procurar o deleite? Esta cidade (corpo) é construída de ossos, repleta de carne e sangue; dentro jazem a decadência e a morte, o orgulho e a inveja. Mesmo os belíssimos carros reais acabam por se desgastar, e na verdade, também este corpo se desgasta. Mas o Dhamma (o Bem) não envelhece. Assim os Bons dão-no a conhecer aos bons.

Anguttara Nikaya, VI, 2

[Buda visitou o muito doente venerável Phagguna e, quando Buda lhe perguntou como se encontrava, Phagguna disse:] “Senhor, não posso aguentar nem resistir mais. Os meus achaques crescem mais dolorosamente, não menos; e há sinais do seu aumento não da sua diminuição. Senhor, a violenta dor que sacode a minha cabeça é tão forte como se potentes homens a despedaçassem com uma espada afiada; Senhor, não posso aguentar nem resistir mais. Os meus achaques crescem mais dolorosamente, não menos...”

O Excelso instruiu-o assim, encheu-o de alegria e confortou-o com um sermão do Dharma, e depois levantou-se e foi-se. Não muito depois de o Excelso ter partido, o venerável Phagguna morreu; e no momento de morrer as suas faculdades foram totalmente purificadas.

Samyutta Nikaya, III, 68-90

O que pensam, ó monges, que é o corpo (ou a forma), permanente ou impermanente?

- Impermanente, Senhor.

- Pensam que é exato considerar o que é impermanente, doloroso e sujeito a mudança: “isto é meu, este sou eu, isto é o meu *atman*”?

- Não, é óbvio que não, Senhor. (...)

- Por conseguinte, ó monges, o discípulo nobre e entendido sente repulsa pelo corpo (ou pela forma), e pelas sensações, perceções, tendências mentais

e consciência. Sentindo esta repulsão, liberta-se de toda a paixão e, estando livre de paixão, emancipa-se e, estando emancipado, emerge o conhecimento da sua emancipação. Então, entende que qualquer renascimento foi destruído, que a vida religiosa foi levada a termo, que foi feito o que tinha de ser feito, que não há nada (mais) neste mundo.

Udana, VIII, 1

Existe, ó *bikkhu*, aquele domínio [o nirvana] em que não se dão nem a terra nem as águas, nem o fogo nem o ar, nem o domínio da infinidade do espaço nem o domínio da infinidade da consciência, nem o domínio do nada nem o domínio do conhecimento e do não-conhecimento, nem este mundo nem o outro, nem o sol nem a lua. Eu lhes digo, ó *bhikkhu*, que aí não se entra, que daí não se sai, que aí não se permanece, que daí não se decai e que daí não se renasce. Carece de fundamento, carece de atividade, não pode ser objeto do pensamento. É o fim do sofrimento.

Mahaparinibbana Sutta

Impermanentes são as formações, sujeitas à elevação e à queda. Tendo surgido, cessam; o seu afundamento é felicidade.

Autor

Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso

Consultores

Florencio Serrano, Presidente da Federação de Comunidades Budistas de Espanha.

Rafael Ferrer, representante na Federação de Comunidades Budistas de Espanha da Comunidade para a Preservação da Tradição Mahayana.

*** Glossário**

Bodhisattva: “Ser de luz”. No budismo mahayana é um ser que busca a budeidade através da prática sistemática das virtudes perfeitas (*paramita*), mas que renuncia

temporariamente a entrar no *nirvana* enquanto todos os seres não forem salvos. Ajuda os seres tomando o seu sofrimento e transferindo-lhes o seu mérito kármico.

Buda da Medicina (em sânscrito *Bhaisajyaguru*): Muito conhecido no budismo tibetano, chinês e japonês. É o buda que simboliza a qualidade da budeidade de curar. A sua iconografia apresenta-o habitualmente sentado em postura do loto e com uma planta medicinal na mão direita enquanto na esquerda, que descansa no seu joelho, faz o gesto de proteger ou de meditar, segurando numa taça cheia de néctares de longevidade.

Ao meditar sobre esta figura de Buda pode-se gerar energia curativa sobre si próprio e sobre os restantes seres, aliviando o sofrimento (gesto da mão direita) ou eliminando-o definitivamente (gesto da mão esquerda).

Karma: Lei universal da causalidade. As ações boas ou más segundo a intenção com que tiverem sido realizadas produzem efeitos positivos ou negativos que implicam o renascimento segundo o ciclo da existência (*samsara*). O resultado de uma ação, que pode ser de natureza corporal, da fala ou da mente, só deixa de se produzir se a ação, a causa, estiver livre de desejo, ódio e ignorância. As ações determinam a forma do renascimento mas não as ações do renascido.

Nirvana: É a finalidade da prática espiritual em todos os ramos do budismo. Implica a superação do ciclo dos renascimentos (*samsara*) e de certo tipo de determinismo do *karma*, para entrar noutra modo de existência transcendente (“a morada da imortalidade”). No Mahayana, significa também a unidade com o absoluto, o fim do sofrimento e a felicidade resultante. No Hinayana, há dois tipos de *nirvana*: o condicionado, que se consegue em vida, e o incondicionado, que se consegue ao morrer.

Samsara: É o “ciclo das existências”, uma sucessão de renascimentos de um ser até que atinge a libertação e entra no nirvana. O encarceramento do *samsara*, e o sofrimento que este implica, é determinado pelo ódio, pelo desejo e pela ignorância. No Mahayana refere-se ao mundo

fenomenal e é considerado essencialmente idêntico ao *nirvana*.

Skhanda (ou khanda): Os cinco agregados ou compostos da “personalidade”. A corporalidade ou forma, a sensação (*vedana*), a percepção (*samjñā*), as formações mentais (*samskara*), a consciência (*vijnana*). Não têm essência, são impermanentes, vazios e vítimas do apego e do sofrimento. As suas características são nascimento, morte, duração e mudança.

Stupa: Monumento onde se conservam as relíquias do Buda histórico ou de outros grandes mestres.

Processo da morte: etapas do processo de dissolução da morte segundo o budismo

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

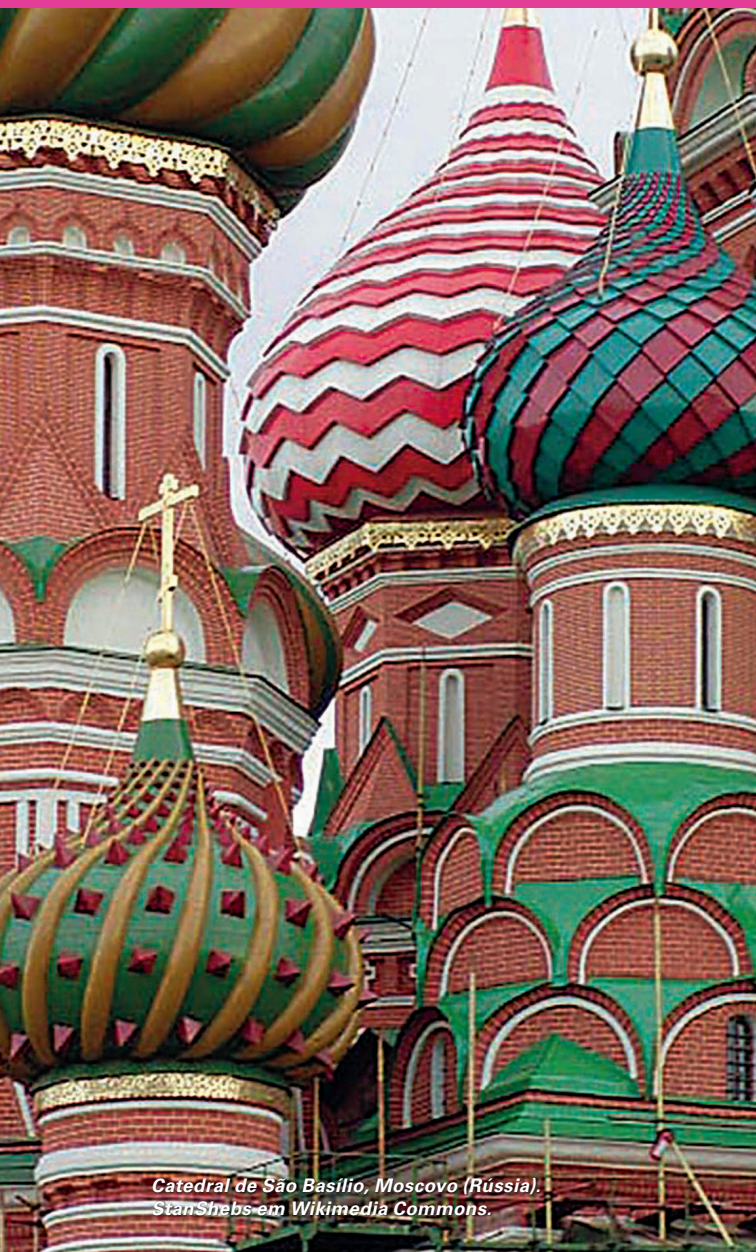
Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

	Dissoluções em processo	Sinais observáveis internos
1ª etapa	Elemento: terra em água. Agregado: forma. Sentido: vista. Sabedoria como espelho.	Debilidade e perda de vigor e de cor. As extremidades afrouxam-se. Sensação de afundamento. A vista turva-se. Os olhos deixam de poder abrir-se ou fechar-se.
2ª etapa	Elemento: água em fogo. Agregado: sensações. Sentido: ouvido. Sabedoria da igualdade.	Começam a secar-se os fluidos corporais. Descontrolo das sensações. Não se distinguem consciências sensoriais nem mentais. Cessa a audição incluindo o som interno.
3ª etapa	Elemento: fogo no ar. Agregado: percepção. Sentido: olfato. Sabedoria do discernimento.	Perda de calor corporal. Cessa a digestão. Perdem-se as noções das coisas e do que é externo. Inspiração débil e expiração mais forte e prolongada. Perde-se o olfato.
4ª etapa	Elemento: ar em consciência. Agregado: formações kármicas. Sentido: paladar e tato. Sabedoria de consumação.	A expiração, ainda mais longa e ruidosa, cessa por completo. Cessa finalmente todo o movimento e aparece o rigor mortis. A língua espessa-se e retrai-se. Não se experimentam sabores nem texturas. Cessa o interesse pelo mundo externo.
Até aqui a pessoa poderia ser reanimada, mas desde a seguinte etapa seria declarada clinicamente morta, já que cessa toda a atividade circulatória e cerebral, ao terem deixado de agir todos os elementos e consciências primários.		
5ª etapa Aparição	36 fatores mentais derivados da aversão.	Baixa a essência subtil branca para o coração. Energias vitais por cima do coração entram no canal central.
6ª etapa Incremento	40 fatores mentais derivados do apego.	Sobe a essência subtil vermelha para o coração. Energias vitais por baixo do coração entram no canal central.
7ª etapa Consecução iminente	7 fatores mentais derivados da delusão (ilusão falsa ou vã).	As duas essências subtis unem-se no coração. Todas as energias vitais se encontram no coração.
Etapa final Visão clara		Todas as energias vitais são absorvidas na mais subtil e todas as essências na "gota indestrutível".

Fontes:

Una guia de la mort per a budistes, p. 75-77, Coordinadora Catalana de Entidades Budistas – CCEB, 2009

Igreja Cristã Ortodoxa



*Catedral de São Basílio, Moscovo (Rússia).
StanShebs em Wikimedia Commons.*

Denominação

Igreja Cristã Ortodoxa

Origem e fundador

A Igreja cristã ortodoxa tem as suas raízes na fiel sucessão aos apóstolos de Jesus Cristo e à tradição apostólica dos primeiros mil anos do cristianismo.

Está constituída por diferentes igrejas autocéfalas, ou seja, hierarquicamente independentes mas em comunhão de fé. Algumas delas são dirigidas por um patriarca (são patriarcados) e outras por um arcebispo ou um metropolita.

Pelo seu arraigo e pela atual presença de fiéis, no Estado espanhol destaca-se a representação dos patriarcados sérvio e romeno. A Igreja ortodoxa sérvia, cuja presença em Espanha se remonta a 1970, foi promovida por um grupo de pessoas de origem catalã com inquietudes espirituais que entraram em contacto com a ortodoxia em França. A Igreja ortodoxa romena tem uma paróquia em Madrid desde 1972 e, a partir do ano 2000, enviou sacerdotes para atender os imigrantes ortodoxos romenos em Catalunha, Valência e Castellón.

Doutrinas e crenças

- Deus trinitário; a dupla natureza (divina e humana) de Jesus Cristo; Maria mãe de Deus; os sete primeiros concílios ecuménicos*; as Sagradas Escrituras; a tradição dos Pais da Igreja*.
- Globalmente, as diferenças doutrinárias dos ortodoxos em relação às outras confissões cristãs têm a sua origem numa experiência diferente da Igreja. Mais especificamente, em relação aos católicos existem sobretudo diferenças de tipo dogmático, em relação aos protestantes há diferenças principalmente relacionadas com a prática dos sacramentos e devidas à ausência da tradição dos Pais da Igreja*.

* *Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.*

- A alma humana é imortal e por isso a vida (e a morte) são consideradas a passagem para a verdadeira e única vida: a vida em Cristo para a eternidade.

A vida terrenal é o lugar de aquisição do Espírito Santo e da santidade pessoal e coletiva. A Igreja é considerada como a primícia do céu na Terra.

A doença e a dor são consideradas próprias do atual estado da humanidade.

A verdadeira e única morte é a perda da experiência de Deus no homem (o pecado). Expressões correntes e comuns como “passagem”, “nos braços do Senhor”, “partida para o céu” substituem tradicionalmente a palavra “morte”, mas jamais são sinónimas de morte absoluta.

Moral, comportamentos e compromissos

O comportamento cristão estabelecido no conjunto do Novo Testamento e a conseqüente moral evangélica formam a natureza e a atuação dos cristãos ortodoxos.

Num sentido estrito, a expressão de Jesus Cristo “Amem como eu vos amei, amem os seus inimigos” delimita e sintetiza, tanto horizontal como verticalmente, o ato ético cristão por antonomásia.

O paradigma de todos estes ideais encontra-se resumido nos textos evangélicos da oração do Pai Nosso e das Bem-aventuranças.

Práticas e ritos

A prática religiosa dos cristãos ortodoxos está baseada na participação em:

- A divina liturgia ortodoxa.
- O rezo do ofício divino (a liturgia das horas).
- Os sacramentos.
- A oração em comum ou pessoal.
- Os atos de piedade, misericórdia e caridade.

A doença. A administração do sacramento da santa unção pode realizar-se tantas vezes como for preciso, para a

saúde corporal e/ou espiritual da pessoa doente. Nunca é administrado como sinónimo de “extrema unção”, embora também seja administrado a doentes moribundos.

A morte. Existem muitíssimas orações tanto privadas como estabelecidas para, primeiro, acompanhar ao doente na agonia e, depois, para preparar o corpo do que “nasceu para o céu”.

Se é possível, durante o funeral o féretro permanece aberto no centro da igreja, orientado para o leste ou para o oeste segundo diferentes países e tradições. O defunto é beijado por familiares e amigos. Depois, o féretro é fechado e conduzido ao cemitério, onde é enterrado com as respetivas cerimónias de despedida.

No terceiro, nono e quadragésimo dia após o falecimento são pronunciadas umas preces intercessoras denominadas *Panikhidia*, que se repetem nos aniversários do falecimento e se acompanham por uma refeição especial.

Se o defunto for bispo ou sacerdote, serão realizadas diferentes cerimónias especiais, como a unção do corpo com óleo, antes de o revestir com o paramento litúrgico próprio da sua condição e de o colocar no ataúde com o Evangelho sobre o peito.

A alimentação A Igreja ortodoxa ordena a abstinência de carne, lácteos e ovos durante os períodos denominados “Pequena Quaresma” (quarenta dias antes do Natal), “Grande Quaresma” (quarenta dias antes da Páscoa), “Quaresma da Mãe de Deus” (de 1 a 15 de agosto), “Quaresma dos Apóstolos” (Vigílias dos santos Pedro e Paulo) e, em geral, em todas as vigílias das denominadas “grandes festas” e da comemoração dos “grandes santos”. O seguimento ou não destes preceitos pelos doentes fica sujeito ao critério do seu líder espiritual e do próprio indivíduo.

Festas

- A Páscoa é denominada “Festa das Festas”.
- As doze “grandes festas” são: a Anunciação, o Natal, a Teofania, o Santo Encontro, o Sábado de Lázaro, o

Domingo de Ramos, a Quinta-Feira Santa, a Sexta-Feira Santa, o Pentecostes, a Transfiguração, a Dormição da Mãe de Deus e a Exaltação da Santa Cruz.

- Outras festas intensamente celebradas são: o “Triunfo da Ortodoxia”, a “Festa dos Ícones” e o primeiro Domingo de Quaresma, além de todas as festas dos “grandes santos”.

As festas litúrgicas seguem duas referências:

- O Ciclo de Páscoa ou das “festas móveis”, seguido por todas as Igrejas ortodoxas segundo o calendário gregoriano.
- O ciclo de Natal ou das “festas fixas” e o ciclo dos Santos (Menológico), seguidos por uma parte da ortodoxia (russa, sérvia, georgiana) segundo o calendário juliano e por outra parte (constantinopolitana, grega, romena e búlgara) segundo o calendário gregoriano.

Objetos

Os objetos utilizados pelos cristãos ortodoxos são os que ajudam na celebração da divina liturgia e do ofício divino ou nos atos de prece pessoal: evangeliário de altar, *potir* (cálice), *diskos* (patena), asterisco, lança, colher, candelabros, cruz, incensário, ícones e o *chotki* (contador de preces), para ajudar a denominada Oração do Coração ou de Jesus*.

Os santos ícones* são elementos que aproximam a pessoa de Deus e atraem benefícios espirituais. São essenciais nas celebrações litúrgicas e não podem, sob nenhum pretexto, ser convertidos em imagens de decoração religiosa.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

Legalmente, a Igreja Ortodoxa sérvia é reconhecida pelo Estado espanhol como religião com o estatuto de “notório arraigo”. Canonicamente, em caso de ausência de bispo

no território, é regida por um vicário geral. Este é assistido por um conselho e está sob a proteção do Santo Sínodo da Igreja ortodoxa sérvia e do seu patriarca.

Diferentes clérigos e laicos atendem os doentes e proporcionam, em hospitais e domicílios particulares, os auxílios necessários, espirituais ou de outra índole se for necessário. Em determinados casos, intervêm médicos da própria comunidade.

Livros

- A Bíblia (Antigo Testamento e Novo Testamento).
- O Saltério.
- A Divina Liturgia.
- O Ofício Divino.
- O Octoeco (livro litúrgico dos oito tons).
- O Menolégio (santoral).
- O Livro de Acatistos (livro de hinos).
- O Hemerolégio (calendário litúrgico).

Textos

A maior parte dos textos oficiais para o acompanhamento em diferentes circunstâncias encontra-se no Hieraticon (pontifical) e no Eucologion (sacramentos, ritos, orações e bênçãos sacramentais).

Também existe um conjunto bastante amplo de textos de uso popular, nomeadamente a “Oração do Coração” ou “Prece do Nome de Jesus”, a “Oração dos Anciãos de Optina”, as orações de preparação e de ação de graças antes e depois da Comunhão, as de preparação antes da divina liturgia e as de ação de graças posterior, etc.

O repertório musical está ao serviço dos textos estabelecidos dos ofícios religiosos, bem como dos textos variáveis segundo as circunstâncias. Estes textos são cantados por solistas ou em formato coral utilizando oito tons diferentes que se sucedem por ordem. Não são utilizados quaisquer instrumentos musicais além da voz humana.

Na Internet encontra-se a prática totalidade dos textos clássicos e modernos das tradições litúrgicas e da hinografia da Igreja ortodoxa.

Romanos 6,8-9

Ora se nós morremos com Cristo, acreditemos que viveremos também com Ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dos mortos, não morre mais; a morte não tem domínio sobre Ele.

Primeira Ode do *Cânone de Matinas do Domingo de Páscoa*

Hoje é o dia da Ressurreição! Resplandeçamos com alegria, ó nações! Porque a Páscoa é a Páscoa do Senhor. Porque Cristo O nosso Deus nos fez passar da morte à vida, e da terra ao céu. Nós que lhe cantamos o cântico de vitória e de triunfo: Cristo ressuscitado dos mortos!

Troparion do Domingo de Páscoa

Levante-se Deus, sejam dispersados os seus inimigos; que os que o odeiam fujam dele.

Cristo ressuscitou dos mortos, pisoteando a morte com a morte, e outorgando a vida aos que jaziam nos sepulcros.

Fragmento do *tropariondo* Ofício de Matinas do Sábado Santo

Quando descendeste para a Morte, ó Vida Imortal, aniquilaste o Inferno com o relâmpago da tua Divindade. E quando levantaste os mortos que estavam sob a terra, clamaram a Ti todos os poderes celestiais, ó Dador de Vida. Glória à tua Ressurreição, ó Cristo. Glória ao teu Domínio. Glória ao teu Plano de Salvação, ó Único Amante da Humanidade.

Segundo *troparion* do Domingo de Ramos

Quando fomos sepultados contigo no batismo, ó Cristo Deus, fizeste-nos dignos da vida eterna pela tua Ressurreição. Agora louvamos-te cantando: Hossana nas Alturas! Bendito seja O que vem em Nome do Senhor.

Kontakion do Domingo de Ramos, 6º Tom

Sentado no teu trono nos céus e levado num potro na terra, ó Cristo Deus, aceitando o louvor dos anjos e o canto das crianças que proclamam: Bendito és Tu que vens restaurar Adão.

Grandes Vésperas da Festa da Exaltação da Santa Cruz

Ó Cruz de Cristo! Esperança dos cristãos, Guia dos extraviados, Porto e Refúgio nas tempestades, Vitória nas guerras, Fundação firme da habitada terra, Médico dos doentes e Ressurreição dos mortos. Tem piedade de nós!

Kontakion do Serviço Fúnebre

Com os Santos dá repouso, ó Cristo, à alma do teu servidor, ali onde não haja nem dor, nem tristeza, nem sofrimento, mas a vida eterna.

Da tradição ortodoxa romena

Canção-oração para os defuntos

Bendito és, Senhor, ensina-me os teus mandamentos.

O coro dos Santos encontrou a fonte da vida e as portas do paraíso. Possa eu também encontrar o caminho pelo arrependimento; eu sou a ovelha tresmalhada, chama-me, Salvador, e salva-me.

Bendito és, Senhor, ensina-me os teus mandamentos.

Tu que, ao princípio, da nada me formaste e me honraste com a tua divina imagem, e que, quando faltei aos teus mandamentos, me fizeste regressar à terra, da qual fui tomado, restitui em mim a tua imagem, para que se renove em mim a primitiva formosura.

Bendito és, Senhor, ensina-me os teus mandamentos.

Eu sou a imagem da tua glória inefável, embora leve em mim as chagas dos pecados: Tem piedade da tua criatura, Soberano, e purifica-a com a tua compaixão. Concede-me a pátria tão desejada e faz-me de novo habitante do paraíso.

Bendito és, Senhor, ensina-me os teus mandamentos.

Concede, ó Senhor Deus, o descanso aos teus servos e leva-os ao paraíso, onde os Coros dos Santos e dos retos brilham como astros. Faz descansar os teus servos defuntos, perdoando-lhes todos os seus pecados.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Cantemos com piedade a Tripla Luz da Única Divindade, exclamando: Santo és Tu, ó Pai Eterno, com O teu Filho, igualmente Eterno, e o Espírito Divino. Ilumina os que te servimos com fé e livra-nos do fogo eterno.

Agora e para sempre e pelos séculos dos séculos.
Ámen.

Regozija, Puríssima, que concebeste Deus na carne, para que todos fôssemos salvos, e por ti a humanidade encontrou a salvação. Que pela tua mediação encontremos o paraíso, ó Pura e Bendita Mãe de Deus.

Aleluia. Aleluia. Aleluia. Glória a Ti Ó Deus! (3 vezes).

Autores e consultores

Arcipreste Joan García, vigário geral para Espanha da Diocese Ortodoxa Sérvia da Europa Ocidental.

Bispo Timoteo Luran, do Patriarcado Romeno para Espanha e Portugal.

Arcipreste Aurel Bunda, da Igreja Ortodoxa Romena e reitor da Paróquia de Sant Jordi, em Barcelona.

*** Glossário**

Concílio ecuménico: É a reunião de todos os bispos para legislar ou decidir sobre questões de fé ou da Igreja. Os sete primeiros concílios da história (o último dos quais foi celebrado em 787) são reconhecidos como “ecuménicos” tanto pela Igreja ortodoxa como pela católica, dado terem sido celebrados antes de estas igrejas se separarem, em 1054. A Igreja ortodoxa considera que nenhum concílio posterior a esta data pode ser qualificado como “ecuménico”.

Oração do Coração (ou de Jesus): Técnica ascética própria da tradição cristã oriental que consiste na repetição constante de uma oração que, com algumas variações, declara: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pecador”. O objetivo é chegar a viver, respirar e latir ao ritmo desta oração e para tal requer-se a ajuda de um guia.

Pais da Igreja: São alguns escritores, bispos e referências espirituais gregos e latinos dos primeiros cinco séculos de história do cristianismo, que se destacaram pelo seu aprofundamento das Escrituras, pela ortodoxia da sua doutrina, pelo combate das heresias e pela santidade da sua vida. O seu conjunto doutrinal é considerado fundamento da fé.

Santos ícones: Representação pictórica sobre madeira de Cristo, da Mãe de Deus ou dos santos. Além de serem venerados objetos litúrgicos, são considerados ajudas para a devoção e canais da bênção divina. Os seus temas característicos e a sua elaboração respondem a umas normas precisamente definidas. O processo de elaboração de um ícone é considerado em si mesmo uma forma de devoção e contemplação.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons)



Kirtland Temple, Ohio (EUA)
ScottNewmanPhoto.com

Denominação

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
(Mórmons)

Origem e fundador

Joseph Smith (1805-1844) organizou a Igreja nos Estados Unidos em 1830. Uma criança de origem humilde e com poucos anos de escolarização, em 1820 apareceram-lhe pela primeira vez Deus e Jesus Cristo. Mais tarde recebeu de um ser celestial umas chapas de ouro, das que traduziu o Livro de Mórmon. Em revelações sucessivas, Deus transmitiu-lhe instruções para restaurar o Evangelho e reorganizar a Igreja de Jesus Cristo na Terra. A sede central dos mórmons encontra-se, desde 1847, em Salt Lake City (Utah).

Doutrinas e crenças

Alguns dos postulados básicos da Igreja dos Santos dos Últimos Dias são:

- O restauracionismo. Os mórmons consideram-se cristãos mas sem pertencer à tradição católica, ortodoxa ou protestante. Joseph Smith quis restaurar o cristianismo primitivo.
- O milenarismo. Acreditam numa segunda e futura vinda de Cristo à Terra, para reinar nela durante mil anos. Depois, todos os homens e mulheres, já ressuscitados, serão julgados por Deus e receberão a glória que lhes corresponda conforme tiverem vivido. A Terra recuperará o seu estado paradisíaco e converter-se-á num planeta celestial, morada de seres celestiais.
- A Trindade. Deus Pai, Jesus Cristo o seu Filho e o Espírito Santo são pessoas divinas e eternas, mas separadas.
- A definição do ser humano. O ser humano divide-se em três partes:
 - A inteligência. Não teve princípio nem terá fim. É eterna.

- O corpo espiritual. Tem princípio, mas não tem fim. É imortal.
- O corpo físico. É mortal, mas depois de ressuscitado será imortal. O corpo espiritual e o corpo físico, unidos, formam a alma.
- O sentido do pecado. Todas as pessoas serão julgadas pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão.
- A visão da história e das escrituras. O Livro de Mórmon relata a história de um grupo de hebreus que chegaram à América cerca do ano 600 a.C. procedentes de Jerusalém. Dividiram-se em dois grupos: os lamanitas, que esqueceram as suas crenças e que são os antepassados de alguns dos nativos-americanos, e os nefitas, que tiveram um grande desenvolvimento cultural e urbano, mas que foram destruídos pelos primeiros cerca de 400 d.C. Antes dessa destruição, Jesus Cristo revelou-se aos nefitas, que gravaram os seus ensinamentos nas chapas de ouro que muitos anos mais tarde Joseph Smith receberia do anjo Moroni.

A morte. A morte física é fruto da queda de Adão, representa a separação temporária do espírito e do corpo mortal. Isto faz parte do plano de Deus. Pela expiação de Jesus Cristo, todos os seres humanos ressuscitarão e se converterão em seres imortais.

Moral, comportamentos e compromissos

Para preparar a segunda vinda de Jesus Cristo, os mórmons esforçam-se por estabelecer o Reino de Deus na Terra. Para esta finalidade, enviam missionários para o mundo inteiro para pregar o evangelho de Jesus Cristo restaurado e administram “ordenanças” (cerimónias e ritos sagrados) de salvação como o batismo, tanto aos vivos como aos seus parentes falecidos.

Para os mórmons, que seguem a moral bíblica do decálogo, a honradez, a veracidade, a castidade e a benevolência com todos os seres humanos são princípios fundamentais.

A família é a unidade básica da Igreja e os seus membros regem-se por um estrito código moral que, por motivos de saúde, proíbe o consumo de bebidas alcoólicas, tabaco, café e chá.

A prática da poligamia só existiu nos inícios da história desta Igreja e de forma restringida. Foi oficialmente suprimida em 1890.

Práticas e ritos

Todos os domingos é celebrada a Reunião Sacramental, que se divide fundamentalmente em duas partes: uma dedicada à aprendizagem do Evangelho e a outra à celebração da Santa Ceia, com pão e água. Semanalmente, também são realizadas diversas reuniões paralelas, em função do sexo e da idade, em que são proporcionados ensinamentos religiosos e são organizados diversos atos sociais e lúdicos, entre outros.

Outras práticas essenciais são:

- O serviço de missionarismo. Os jovens servem voluntariamente como missionários durante dois anos. As jovens também podem servir, durante um ano e meio. Esta prática fomentou o crescimento desta Igreja no mundo.
- O batismo. O batismo é realizado por imersão e é administrado a partir dos oito anos. O batismo também é efetuado para a salvação dos familiares que faleceram sem ter podido recebê-lo, um ato que implica um importante trabalho de investigação dos registos genealógicos dos antepassados (materializado num arquivo de milhões de nomes à disposição do mundo inteiro).
- A investidura. É outra das ordenanças sagradas e tem de ajudar os membros da Igreja a responder às perguntas existenciais: *donde venho?*, *para onde vou depois da morte?*, *qual é o propósito desta vida?*; e a orientá-los para uma vida virtuosa.
- Outras ordenanças são: a bênção das crianças, a confirmação, a ordenação no sacerdócio, a bênção da Santa Ceia (comunhão), o casamento, a bênção dos

doentes, e os ritos e cerimónias celebrados nos templos.

- Os dons do Espírito Santo. Estão presentes na vida diária dos membros da Igreja, como aparecem descritos nas escrituras, na forma de: revelações, profecias e também de curas.

A doença. O dom de cura está relacionado com a ordenança da bênção dos doentes: um sacerdote põe as mãos sobre a cabeça do doente e unge-o com óleo consagrado. Depois, com a ajuda de outros sacerdotes que também põem as mãos sobre a cabeça do doente, sela a unção e abençoa-o com o que o Espírito Santo indicar.

A morte. O funeral consiste numa simples cerimónia, podendo ser de corpo presente ou não, dependendo dos costumes de cada país. Costuma ser celebrado nos centros de culto. Depois do enterro, a sepultura é dedicada mediante uma oração.

A alimentação Os mórmons jejuam durante o primeiro domingo de cada mês e doam o dinheiro que poupam aos mais necessitados. O seu “código de saúde” aconselha a abstenção de produtos que gerem dependência (café, álcool, chá, tabaco e drogas em geral). Estão isentos do jejum as crianças, as mulheres grávidas, os doentes e os idosos.

Festas

- “Noite Doméstica Familiar”: Nas segundas à noite, pais e filhos reúnem-se nas suas casas para ler as escrituras, discutir os assuntos familiares e divertir-se.
- Aos domingos, todas as famílias acorrem aos centros de culto para assistir à Reunião Sacramental e às restantes reuniões dominicais.
- Os mórmons não têm festividades especiais, mas unem-se a todos os cristãos do mundo para comemorar o nascimento de Cristo no Natal e para recordar a sua morte e ressurreição na Semana Santa.
- No dia 6 de abril celebram a organização oficial da Igreja no estado de Nova Iorque por Joseph Smith, em 1830.

Além disso, duas vezes por ano, em abril e outubro, são celebradas as conferências gerais da Igreja, em que as autoridades gerais dirigem as suas mensagens a todos os seus membros. A Igreja retransmite estas mensagens para o mundo inteiro através de um canal de televisão por satélite e pela Internet.

Objetos

Os mórmons não utilizam objetos religiosos nem para o culto nem para as atividades religiosas.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

O sacerdócio é a autoridade delegada por Deus ao homem na Terra para dirigir a Igreja e administrar as suas ordenanças. Todos os homens que se tiverem preparado e forem dignos podem ser sacerdotes a partir dos doze anos. É uma atividade voluntária e não remunerada.

A autoridade máxima da Igreja a nível mundial é a Primeira Presidência, composta por um presidente (que é profeta, vidente e revelador) e dois conselheiros. A seguir encontra-se o Quórum dos Doze Apóstolos, e depois os quórums dos Setenta.

A unidade estrutural da Igreja são as estacas, que reproduzem a hierarquia da Igreja a pequena escala: têm um presidente e dois conselheiros e um Sumo Conselho com doze membros. Cada estaca é dividida em bairros e por vezes em ramos, mais pequenos que os bairros. Em Portugal, em 2013, havia seis estacas.

Livros

A Igreja acredita, depois da restauração efetuada por Joseph Smith, que a revelação continua e que o cânone das escrituras sagradas está aberto.

- A Bíblia.

- O Livro de Mórmon. É considerado um texto sagrado com um estilo e temas característicos do Antigo e do Novo Testamento.
- Doutrina e Pactos.
- A Pérola de Grande Preço.
- Declarações das Autoridades Gerais da Igreja, que também são consideradas inspiradas por Deus.

O Livro de Mórmon é considerado outro testamento de Cristo. Esta obra explica a chegada à América, em primeiro lugar, de um grupo de pessoas que tinham participado na construção da Torre de Babel (cerca de 2200 a.C.) e, posteriormente, de um grupo de judeus encabeçados por Lehi (cerca de 600 a.C.). Também apresenta a visita de Cristo à América após a sua ressurreição, a escolha de doze apóstolos e o estabelecimento da sua Igreja.

Textos

A Igreja mórmon não possui orações fixas. As orações são dirigidas sempre ao Pai Celestial, agradecendo-lhe as suas bênçãos, e pedindo-lhe o que cada pessoa necessita. As orações terminam sempre no nome de Jesus Cristo.

A Igreja tem um hinário, que contém hinos para as diferentes ocasiões: hinos para funerais, hinos sacramentais, etc.

A seguir são apresentados dois exemplos de hinos para funerais, do sítio na Internet www.lds.org:

Ó meu Pai (última estrofe)

Quando deixar a humana vida
Este frágil corpo mortal,
Pai e mãe verei contente
Na mansão celestial
E terminada a tarefa
Que me mandaste executar,
Dá-me santo assentimento
Para a teu lado sempre estar!

Mais perto quero estar (terceira estrofe)

Sejam meus passos, pois,
Degraus do céu
Todas as provações
Proveito meu.
Sempre hei de suplicar:
“Mais perto quero estar;
Mais perto quero estar,
Meu Deus, de ti!”

Autor

Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso

Consultores

Sergio Flores, diretor nacional de Assuntos Públicos.

Elder Faustino López, membro do Departamento de Assuntos Públicos e responsável pelo Sistema Educativo da Igreja em Madrid.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Testemunhas de Jeová



*Sede mundial das Testemunhas de Jeová,
Nova Iorque (EUA). Wikimedia Commons.*

Denominação

Testemunhas de Jeová

Origem e fundador

O movimento considera que começou com o primeiro homem fiel a Deus, Abel, passando pelo povo escolhido, Israel, do que Deus, Jeová, disse: “Vocês são as minhas testemunhas”¹. Entronca com a congregação cristã do primeiro século e com a figura de Jesus Cristo, que a Bíblia declara ser “a Testemunha principal” de Deus.

A sua história moderna inicia-se na década de 1870 nos Estados Unidos da América, com o reavivamento do modelo cristão do primeiro século, quando Charles Taze Russell, estudioso da Bíblia preocupado pelo afastamento de muitos fiéis dos ensinamentos do fundador do cristianismo, Cristo, formou um grupo de estudo bíblico, e iniciou a publicação em 1879 da revista *A Sentinela**.

Desde o princípio, em obediência ao mandato de Jesus Cristo de “ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura”², e em imitação dos primeiros cristãos, o seu critério prioritário foi e é a difusão ativa das doutrinas bíblicas, especialmente “de casa em casa”.

Doutrinas e crenças

Alguns dos princípios em que a doutrina das Testemunhas de Jeová está baseada, e que as singularizam entre as tradições religiosas de raiz cristã são:

- Deus é Jeová*. O complexo design do Universo é prova da existência de um criador que tudo sabe e reflete amor, justiça, sabedoria e poder³.
- As Testemunhas consideram-se cristãos porquanto acreditam em Cristo, na sua natureza divina e na sua condição de Filho de Deus. Reconhecem-no como o seu único líder e salvador.

* *Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.*

Para as Testemunhas de Jeová, Jesus Cristo é um ser criado por Deus, que desempenha um papel essencial no propósito de Deus, mas subordinado a este. Não é parte de uma mesma divindade nem é Deus em si próprio. É o primogénito e unigénito Filho de Deus, que o utiliza como figura central do Reino ou “governo celestial” que restaurará a vida na Terra.

- Os crentes esforçam-se por dar testemunho de Deus, o que os converte nas suas Testemunhas⁴.

A vida. A vida é um dom de Deus, o que implica ver com agradecimento e profundo respeito o seu dador, perspectiva que também guia o modo de entender a vida dos outros.

Deus criou o corpo humano a partir dos elementos que se encontram na terra (ou “pó do solo”) e insuflou-lhe um espírito ou alento de vida. Desta união resultou uma “alma viva”.

A Terra é o lugar que Deus atribuiu à humanidade para viver eternamente em paz e com saúde perfeita, não apenas um lugar de passagem para outro destino.

A morte. O ser humano não possui uma alma imortal, nem existem lugares como o inferno ou o purgatório em que um “Deus” cruel e injusto castiga de forma imisericordiosa. Ao morrer, a pessoa “regressa ao pó”, deixando de ser.

O ser humano não tem alma, é alma. Quando morre, morre a alma⁵. A morte é consequência do pecado⁶, é a negação da vida, não um estado intermédio. É um estado de inconsciência⁷. Não há vida depois da morte, ou um “mais além”, nem sofrimento.

Com o seu sacrifício humano, Jesus, “o último Adão”, assentou a base para a eliminação da morte⁸. Haverá uma ressurreição⁹ com um corpo semelhante ao anterior e com a mesma identidade, que Deus retém na sua memória. A vida eterna em perfeição sobre a Terra será restaurada¹⁰.

Moral, comportamentos e compromissos

- O estilo de vida tem de concordar com os princípios morais da Bíblia, daí a importância de ser honrados, verazes, respeitosos com o próximo, com o Estado, o seu governo e a lei. O amor, máxima expressão do

cristianismo, implica não participar em nenhum conflito armado, bem como divulgar os ensinamentos bíblicos aos outros.

- As Testemunhas de Jeová defendem a honorabilidade no casamento, o que exclui as relações sexuais pré-matrimoniais e o adultério. Sobre essa base, reconhecem a família como núcleo social fundamental e assumem a educação dos filhos com sentido de responsabilidade perante Deus¹¹.
- Embora por lealdade ao Reino de Deus sejam politicamente neutrais, entendem que as autoridades têm a difícil responsabilidade de governar. Têm de ser obedientes e cumprir as leis estabelecidas¹², sempre que estas não contradisserem as leis divinas.

Práticas e ritos

- As Testemunhas de Jeová não praticam nenhum rito. O ato do batismo instituído por Cristo, pelo que uma pessoa manifesta a sua conversão a esta fé, é efetuado segundo o modelo dos primeiros cristãos, por imersão em água. Não o consideram propriamente um rito, por estar desprovido de aspetos formais místicos e cerimoniais. É realizado por imersão horizontal quando o candidato, por decisão própria, manifesta o seu desejo de dar esse passo e tem um conhecimento amplo dos ensinamentos bíblicos.
- A Ceia do Senhor é a comemoração da morte de Jesus Cristo. Este ato é puramente simbólico, em recordação do que Cristo fez e expressou na noite anterior à sua morte. Só tomam do pão e do vinho aqueles que acreditam e entendem que receberam a “chamada” a uma herança celestial como co-herdeiros com Cristo do Reino dos céus.
- As Testemunhas de Jeová reúnem-se no seu lugar de culto duas vezes por semana para desenvolver o seguinte programa de instrução bíblica:

- O Estudo Bíblico de Congregação. Um estudo temático da Bíblia por perguntas e respostas, conduzido por um manual de estudo.
- A Escola do Ministério Teocrático. Um curso em que intervêm os membros da congregação local, desenvolvendo um tema bíblico previamente atribuído, cuja apresentação é analisada por um instrutor que lhes oferece conselho e pautas com o objetivo de melhorar as suas habilidades na oratória e a correta comunicação da mensagem bíblica.
- A Reunião de Serviço. Exposição prática de sugestões e métodos úteis para a pregação porta a porta, que é considerada o serviço ou ministério por excelência que realiza o cristão.
- A Reunião Pública. Conferência por um orador sobre um tema bíblico.
- O estudo da *Sentinela*. Análise semanal, por perguntas e respostas, e abundantes referências bíblicas, de um artigo desta revista bíblica.

A doença. Apesar da dor e do trauma de uma doença mortal, a Testemunha de Jeová não vê a morte como um golpe moral insuportável. Tem perante si uma esperança que reafirma a sua fé na proximidade de um mundo melhor¹³. A esperança na ressurreição, na vida eterna e no reencontro com os entes queridos, ajuda o doente a controlar as manifestações externas de dor e a não se angustiar excessivamente.¹⁴

As Testemunhas de Jeová acreditam que a transfusão de sangue é proibida em diversas passagens da Bíblia, tais como: “Mas não devem comer a carne, sem lhes tirar primeiro o sangue, que é a base da vida.” (Génesis 9:4); “tem de derramar no chão o seu sangue e cobri-lo com terra.” (Levítico 17:13); ou “mas que se lhes prescreva que se abstenham das contaminações dos ídolos, da impureza, das carnes sufocadas e do sangue” (Atos 15: 20-21)

Apesar de reconhecerem que estes versículos não foram redigidos em termos médicos, consideram que uma

proibição desta natureza descarta a transfusão de sangue total, concentrados de hemácias, leucócitos, plasma e plaquetas. No entanto, acreditam que não há uma base bíblica para a restrição da utilização de frações hemáticas menores, como a albumina, fatores de coagulação e imunoglobulinas, deixando a cada crente a liberdade de decidir sobre a sua utilização ou não.

A rejeição da utilização de sangue não implica que sejam contrários à medicina. De facto, aceitam as alternativas médicas eficazes à transfusão de sangue alogénica, que incluem o uso sistemático de estratégias clínicas adequadas para o tratamento das hemorragias e das anemias e combinam fármacos, equipamentos e técnicas médicas e cirúrgicas com o fim de reduzir ou evitar a perda de sangue e acelerar a sua regeneração pelo paciente.

A morte. O procedimento a seguir após o falecimento costuma ser o habitual, através dos serviços funerários ordinários. O enterro ou incineração, segundo a preferência da família ou a vontade já expressada do defunto, costuma ser precedido de um breve discurso em que se destacam os aspetos mais positivos do falecido, a sua esperança, e o consolo que a esperança bíblica da ressurreição oferece aos sofredores.

A alimentação Para as Testemunhas de Jeová, é muito importante que não haja sangue em nenhum dos alimentos que consomem. Além disso, abstêm-se do consumo de tabaco e drogas. Em relação às bebidas alcoólicas, regem-se pelo princípio bíblico da moderação, dado a Bíblia não indicar qualquer proibição relativa ao seu consumo.

Festas

Só celebram: a comemoração anual da morte de Cristo, instituída por Jesus no dia 14 de Nisan do ano de 33 d.C. É celebrada todos os anos no dia que, segundo o calendário judeu, corresponderia a essa data no nosso. Recorda o significado do sacrifício de Cristo, cuja morte abre para a humanidade a possibilidade de atingir a promessa da vida eterna numa Terra renovada.

Objetos

Não têm. Não veneram nem prestam culto a nenhum objeto.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

As Testemunhas de Jeová inspiram-se no modelo da congregação cristã do século I. Um conselho reitor cuida das necessidades espirituais da irmandade mundial de Testemunhas, organizada em congregações ou comunidades locais. Estas comunidades são assistidas por um corpo de “anciãos” (homens de vasta experiência cristã), que se encarrega do ensinamento bíblico, e de “servos ministeriais”, que colaboram em funções administrativas. Existem umas cento e dez mil congregações no mundo inteiro.

O apoio aos doentes é, prioritariamente, responsabilidade do núcleo familiar. A congregação local apoia no possível o doente e a sua família. Adicionalmente, costuma haver grupos organizados de visitas a Testemunhas de Jeová hospitalizadas, com o fim de lhes dar ânimo e consolo, bem como apoio espiritual.

Em cada país existe um departamento de informação sobre hospitais que coordena o trabalho dos comités de ligação com os hospitais. Em Espanha existem 42 comités. Estes realizam um duplo trabalho: por um lado, orientam e assistem o doente sobre médicos e hospitais que praticam cirurgia e terapias sem sangue; por outro, informam as autoridades de saúde, os centros hospitalares e os médicos e cirurgiões, sobre a postura das Testemunhas de Jeová em relação ao sangue, e sobre as terapias alternativas viáveis, contribuindo assim para a propagação de avanços na cirurgia sem sangue.

Livros

- A Bíblia.
- Revista A Sentinela.*
- Revista Despertai!
- Manuais de estudo bíblico centrados nos ensinamentos bíblicos doutrinários, morais e proféticos, que enfatizam o que significa o modelo de vida cristã levado à prática.

O livro sagrado das Testemunhas de Jeová é a Bíblia, da que elaboraram uma tradução própria a partir dos textos manuscritos mais antigos disponíveis. Também dedicam uma boa parte do seu tempo ao estudo de outros livros de exegese bíblica.

Textos

Não têm orações escritas para ser “recitadas”. Entendem que a oração tem um marcado carácter pessoal e é uma expressão espontânea da fé, em que se expressa a Deus agradecimento, bem como petições perante situações de angústia e inquietação, como na doença. O modelo de oração é o que Jesus ofereceu no Sermão do Monte¹⁵.

Outras referências são:

Filipenses 4:6-7

Não fiquem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, por orações e súplicas, com agradecimentos, deem a conhecer os vossos pedidos a Deus; e a paz de Deus, que está além de toda a compreensão, guardará o vosso coração e a vossa mente por meio de Cristo Jesus.

A Bíblia é em qualquer caso o livro de referência de que são extraídas as passagens que podem oferecer consolo ao doente. Mas não há determinados textos estipulados para esse fim, pois cada pessoa é diferente e o seu carácter perante a doença ou o falecimento requer um tratamento diferenciado. O importante é ajudá-la a manter a sua integridade moral e espiritual, e a sua confiança em Deus e nas suas promessas; uma confiança que se vê reforçada

pela de homens e mulheres fiéis do passado, como David, que a manifestou assim:

Salmo 139: 1-4

Ó Jeová, tu examinas-me e conheces-me. Sabes quando me sento e quando me levanto.

À distância, discernes os meus pensamentos. Observas-me quando ando e quando me deito;

Conheces bem todos os meus caminhos. Mesmo antes de haver uma palavra na minha língua,

Tu, ó Jeová, já a conheces bem.

Autor

Aníbal Matos, diretor da Secção de Informação Pública dos Testemunhas de Jeová.

*** Glossário**

Jeová: Transcrição habitual das Testemunhas de Jeová do tetragrama: *HWHY* (yod he vau he, da direita para a esquerda), os quatro caracteres hebreus que formam o nome próprio de Deus.

A Sentinela: Revista editada desde 1879 pelas Testemunhas de Jeová. É a publicação periódica de maior distribuição e tiragem do mundo (42 milhões de exemplares e 194 línguas). É publicada mensalmente em dois formatos: um para o público em geral, e outro para o estudo em profundidade da Bíblia especialmente dirigido aos membros das congregações.

Notas

1. Isaías 43:10.
2. Marcos 16:15.
3. Romanos 1:20.
4. Salmos 83:18; Isaías 43:10
5. Ezequiel 18:4.
6. Romanos 06:23.
7. Génesis 3:19; Eclesiastes 9:5, 10; João 11:11-14.
8. Romanos 5,12, 18; 1 Coríntios 15,26.

9. João 5,28-29; Atos 24,15.
10. Revelação 21,4.
11. Hebreus 13,4; Efésios 6,1-4.
12. Romanos 13.
13. Revelação 21,4.
14. Tessalonicenses 4,13.
15. Mateus 5,1.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Fé Bahá'í



*Templo do Loto, Nova Déli (Índia).
Wikimedia Commons.*

Denominação

Fé Bahá'í

Origem e fundador

Esta religião remonta-se a 1844 quando, em Shiraz (Pérsia), um jovem conhecido como o Báb (“a Porta”) anunciou que a sua missão era preparar o caminho para a chegada de “Aquele que foi prometido por todas as religiões”.

Em 1863, durante um exílio em Bagdade, um homem conhecido como Bahá'u'lláh (título que em persa significa “a Glória de Deus”) apresentou-se como esse mensageiro de Deus e fundou a Fé Bahá'í.

Um bahá'í é pues um seguidor de Bahá'u'lláh (1817-1892), que considera como o mais recente, mas não necessariamente o último, da cadeia de mensageiros que Deus enviou para educar a humanidade: Krishna, Abraão, Moisés, Buda, Zoroastro, Jesus Cristo, Maomé, o Báb e Bahá'u'lláh.

Doutrinas e crenças

- Os bahá'í acreditam que Deus, criador e sustento do universo, é conhecido através das suas manifestações: os profetas. A revelação divina é um processo contínuo. Os princípios e propósitos essenciais das grandes religiões do mundo (basicamente, fomentar a paz) estão em completa harmonia e representam etapas sucessivas da evolução espiritual da humanidade.

Bahá'u'lláh veio reconciliar e reafirmar os ensinamentos dos anteriores profetas, de forma que a humanidade possa chegar a uma nova e pacífica etapa de “madureza” e supere os conflitos da etapa “adolescente” atual.

Deus deseja a progressiva e inevitável unificação da raça humana.

- Bahá'u'lláh também proclamou a harmonia essencial da religião com a ciência, imprescindível para um progresso real e ordenado.

Pedi uma pesquisa livre da verdade e a rejeição de todos os preconceitos e superstições, e defendeu a igualdade de género, a educação obrigatória e a resolução espiritual dos problemas económicos.

Advogou pela criação ou seleção de uma língua internacional auxiliar, e criou e delineou uma série de instituições internacionais que teriam de estabelecer a paz definitiva no mundo. Foi contrário à instituição de qualquer sacerdócio ou monaquismo.

- A “alma racional” é o foco do amor, da compaixão, do valor, da fé, etc., do que distingue o ser humano das outras criaturas. É eterna, o que implica que há vida depois da morte física, não uma vida reencarnada mas noutros mundos espirituais.

A doença. A doença não é vista como um castigo (os próprios profetas não foram imunes a ela), o que não reduz a obrigatoriedade, tanto para si próprio como para os outros, do cuidado da saúde e da higiene externa.

Quanto mais saudável for o corpo, maiores serão os poderes do espírito humano, do seu intelecto, memória e capacidade de reflexão. A alma sobrevive intacta às doenças corporais e mentais.

A morte. A morte é vista como a rutura do laço entre o corpo e a alma. É o início de uma viagem espiritual e misteriosa de regresso a Deus, de um renascimento espiritual. Por este motivo, tem de ser motivo de alegria.

As escrituras bahá'í comparam esta vida com a vida no ventre da mãe¹: assim como o útero é um lugar decisivo para as primeiras etapas do desenvolvimento corporal da pessoa, o mundo físico é a matriz em que a alma desenvolve as qualidades de que necessitará depois da morte.

O céu e o inferno são estados de aproximação ou afastamento de Deus, sendo o resultado dos esforços individuais por se desenvolver espiritualmente.

Moral, comportamentos e compromissos

O propósito da vida é conhecer e adorar a Deus através dos seus mensageiros ou educadores, ser virtuoso e promover a unidade e o progresso humanos.

A alma desenvolve-se nesta vida mediante a relação com Deus, a oração, o conhecimento das escrituras reveladas, o serviço e a autodisciplina moral.

O desenvolvimento individual das qualidades espirituais, como a fé, o valor, o amor, a compaixão, a veracidade, a honestidade, a lealdade, a honradez e a humildade, proporciona a felicidade e permite à sociedade progredir.

A capacidade de aperfeiçoamento é ilimitada: cada pessoa avança em função da sua aptidão e esforço. O desenvolvimento espiritual também permite o crescimento da disposição da alma para Deus e a sua preparação gradual para a outra vida.

O trabalho quotidiano realizado com espírito de serviço é considerado um ato de adoração a Deus, tal como a educação das crianças.

São proibidos a intriguice, a calúnia e os preconceitos.

Práticas e ritos

Os bahá'í não têm ritos formais, mas acreditam que a alma necessita de se alimentar diariamente de oração.

Expressam a sua devoção sobretudo através da leitura ou entoação de orações e passagens das escrituras sagradas.

A oração diária costuma ser realizada orientando-se para o túmulo de Bahá'u'lláh (em Bahji, Israel) e lavando previamente a cara e as mãos com água.

A doença. Existem duas formas, complementares, de procurar curar-se: o uso de medicamentos e a oração a Deus.

É preferível incidir sobre a dieta antes de consumir medicamentos, embora estes sejam considerados necessários e permitidos.

Aconselha-se acudir a médicos competentes e seguir os tratamentos prescritos, mas abandoná-los assim que for possível. Aprecia-se o efeito curativo de que um médico infunda ânimo e esperança ao doente.

O trabalho de curar os doentes é um assunto que não está limitado unicamente ao doente e ao curador, mas a toda a comunidade.

Todos têm de ajudar, com compaixão e com desejo de servir, através das suas orações. “A súplica e a oração pelo bem dos outros serão certamente efetivas” declarou Abdu’l-Bahá.

A morte. O espírito já não está ligado ao corpo, mas este tem de continuar a ser tratado com a máxima honra e respeito já que foi o templo desse espírito.

Quanto ao funeral e à inumação, as partes que na atualidade se consideram obrigatórias para os crentes ocidentais são:

- Que o corpo tem de ser inumado e não incinerado, nem embalsamado.
- Que a oração “para os mortos” (também chamada “dos defuntos” ou “do enterro”) tem de ser recitada antes do enterro para um crente de 15 anos de idade ou mais.
- Que o corpo não pode ser trasladado a mais de uma hora de viagem do lugar do falecimento, sem especificar o modo de transporte.

No entanto, haverá muitos crentes que, por devoção, também quererão cumprir outros requisitos, sempre que não forem contrários às leis civis do lugar onde se produzir o falecimento. Entre outros atos:

- Lavar cuidadosamente o cadáver.
- Envolvê-lo numa mortalha de tecido branco, preferivelmente de seda ou algodão.
- Colocar no defunto, se tiver mais de 15 anos, um anel sepulcral com a inscrição “Vim de Deus e a Ele regresso, desligado de tudo salvo Dele, agarrando-me

firmemente ao Seu nome, o Misericordioso, o Compassivo”.

- Utilizar um féretro do material mais duradouro possível: cristal, pedra, madeira dura e de qualidade, etc.
- Ser enterrado em terra, numa sepultura individual e com o rosto e os pés orientados para o túmulo de Bahá'u'lláh (em Bahji, Israel).

Não existem impedimentos à cessão do corpo para a investigação científica, mas observando sempre o requisito de que, quando já não for de utilidade, o corpo não seja incinerado nem enterrado a mais de uma hora do lugar do falecimento. Não existem objeções à doação de órgãos. Em ambos os casos, o indivíduo é livre de decidir.

Os mundos espirituais a que vão parar as almas dos defuntos permanecem ocultos aos outros. É normal que quem chora a perda de um ente querido se sinta angustiado, mas Bahá'u'lláh desaprova os extremos na exteriorização do luto. Aconselha prestar atenção aos reinos espirituais, à imortalidade da alma e ao próprio destino, para compreender que é um destino feliz².

Também ajuda saber que se pode continuar a fazer algo útil pelos entes queridos falecidos: oferecer orações, pedir às almas santas dos mundos espirituais que intercedam por eles, bem como fazer boas obras em seu nome³.

A alimentação O último mês do calendário bahá'í é dedicado ao jejum: durante 19 dias (de 2 a 20 de março), os bahá'í de entre 15 e 70 anos não comem nem bebem desde o nascer até ao pôr-do-sol, e reservam tempo para orar e meditar. Há isenções em caso de doença, gravidez, amamentação, viagens prolongadas e trabalho físico árduo.

Os hábitos doentios, anti-higiênicos, degradantes ou impuros são proibidos, por exemplo, o consumo de álcool ou drogas (exceto sob prescrição médica).

Festas

O calendário bahá'í consiste em 19 meses de 19 dias mais 4 ou 5 dias que se intercalam entre o penúltimo e o último mês para que coincida com o calendário solar.

Há nove dias sagrados e de descanso:

- 21 de março: Naw-Rúz (Ano Novo).
- 21 e 29 de abril, e 2 de maio: Ridvan, três dias festivos que comemoram a proclamação da missão de Bahá'u'lláh.
- 23 de maio: Declaração do Báb.
- 29 de maio: Ascensão de Bahá'u'lláh.
- 9 de julho: Martírio do Báb.
- 20 de outubro: Nascimento do Báb.
- 12 de novembro: Nascimento de Bahá'u'lláh.

Adicionalmente, nos primeiros dias de cada mês são celebradas as “Festas de Dezanove Dias”.

Objetos

Os livros de orações e os textos sagrados.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

A comunidade bahá'í de Portugal e de qualquer outro país está organizada mediante um sistema de conselhos locais formados por nove pessoas. Estes conselhos são conhecidos como Assembleias Espirituais Locais. Também há uma Assembleia Espiritual Nacional. As pessoas que compõem estes órgãos são eleitas anualmente, mediante uma votação secreta e sem candidaturas.

Cada cinco anos, são eleitos os membros do conselho mundial, a Casa Universal de Justiça.

Costumam ser voluntários de cada Assembleia Espiritual Local os encarregados de atender os doentes e organizar os ritos funerários.

A secretaria da Assembleia Espiritual Nacional encarregase de facilitar o contacto com uma Assembleia Espiritual Local ou com um crente que possa atender o doente.

Livros

- A voluminosa obra escrita de Bahá'u'lláh, considerada revelada: *Kalimát-i-Maknúnih* ("As Palavras Ocultas"), *Kitáb-i-Aqdas* ("O Livro Sacratíssimo"), *Kitab-i-Iqán* ("O Livro da Certeza"), O Chamamento do Senhor das Hostes, Passagens dos Escritos e o conjunto das suas "Tábuas" ou documentos dirigidos aos seus seguidores.
- Os textos de Abdu'l-Bahá, filho mais velho de Bahá'u'lláh.
- Livros de orações e meditações.

Textos

Para o doente

Louvado sejas Tu, ó Senhor meu Deus! Imploro-Te - por Teu Nome Supremo, através do qual despertaste Teus servos e ergueste Tuas cidades, e por Teus mais excelentes títulos e mais augustos atributos - que ajudes Teu povo a volver-se em direção a Tuas múltiplas dádivas e voltar a face para o Tabernáculo de Tua sabedoria. Cura Tu as enfermidades que por todos os lados atingem as almas, impedindo que dirijam o olhar para o Paraíso que repousa à sombra do Teu Nome - Nome esse que ordenaste fosse o Rei de todos os nomes para todos os que estão no céu e na terra. Poderoso és para fazer o que Te apraz. Em Tuas mãos está o império de todos os nomes. Não há outro Deus salvo Tu, o Grande, o Sábio.

Sou apenas uma pobre criatura, ó meu Senhor; tenho-me segurado à orla das vestes de Tuas riquezas. Doença grave me aflige: apóia-me na corda da Tua cura. Livra-me dos males que me cercam e lava-me completamente nas águas da Tua graça e mercê e adorna-me com as vestes da saúde, por Tua

clemência e bondade. Fixa em Ti, pois, meus olhos, e desprende-me de tudo, menos de Ti. Ajuda-me a fazer o que desejas, a cumprir o que for do Teu agrado. Verdadeiramente, Tu és o Senhor desta vida e da vindoura. És, em verdade, O que sempre perdoa, o Mais Misericordioso. (Bahá'u'lláh)

O teu nome é a minha cura, ó meu Deus, e a lembrança de Ti, o meu remédio. Aproximar-me de Ti é minha esperança, e o meu amor por Ti, o meu companheiro. A tua misericórdia por mim é minha cura e o meu socorro, neste mundo como no vindouro. Tu, em verdade, és o Todo-Generoso, o Omnisciente, a Suprema Sabedoria. (Bahá'u'lláh)

Para os familiares e amigos

A alma do ser humano é exaltada sobre todas as doenças de corpo e mente e é independente delas. Que uma pessoa doente mostre sinais de debilidade é devido aos obstáculos que se interpõem entre a sua alma e o seu corpo, porque a alma em si mesma não é afetada por nenhuma dor do corpo. Considere a luz da lâmpada. Mesmo que um objeto exterior interfira no seu resplendor, a luz em si continuará a brilhar sem diminuir o seu poder. De igual forma, qualquer mal que afete o corpo do homem é um obstáculo que impede a manifestação do poder e força inerentes à alma. Quando esta abandonar o corpo, no entanto, evidenciará tal ascendente e revelará tal influência que nenhuma força na terra poderá igualar. Cada alma pura, refinada e santificada será dotada de tremenda força e regozijar-se-á com imensa alegria. (Bahá'u'lláh)

A alma, depois da sua separação do corpo, continuará a progredir até atingir a presença de Deus, num estado e condição que nem a revolução das idades e séculos, nem as mudanças ou azares deste mundo podem alterar. Ela perdurará tanto como o Reino de Deus: a sua soberania, o seu domínio e força perdurarão. Manifestará os sinais de Deus e os seus atributos e revelará a sua amorosa bondade e generosidade.

O movimento da minha pena detém-se quando tenta descrever apropriadamente a grandeza e glória de tão exaltada posição. (Bahá'u'lláh)

Tens de saber tu, em verdade, que se a alma do homem caminhou pelas sendas de Deus, sem dúvida regressará e se reunirá com a glória do Bem-amado. (Bahá'u'lláh)

Ó Deus! Refresca e alegra o meu espírito. Purifica o meu coração. Ilumina os meus poderes. Deixo todos os meus assuntos nas tuas mãos. Tu és o meu Guia e o meu Refúgio. Já não estarei triste nem afligido; serei um ser feliz e alegre. Ó Deus! Já não estarei cheio de ansiedade, nem deixarei que as aflições me atormentem, nem persistirei nas coisas desagradáveis da vida. Ó Deus! Tu és mais amigo meu que eu o sou de mim mesmo. A Ti me consagro, ó Senhor. ('Abdu'l-Bahá)

Ó Senhor, meu Deus e meu Refúgio na aflição! Meu Escudo e meu Amparo nas minhas desgraças! Meu Asilo e Proteção em tempo de necessidade, e na solidão meu Companheiro! Na minha angústia o meu Consolo e no meu desamparo um Amigo carinhoso! O que elimina a dor das minhas tristezas e o que perdoa os meus pecados!

Para Ti me viro por completo, implorando-te ferventemente com todo o meu coração, a minha mente e a minha língua, que me protejas de tudo o que é contrário à Tua vontade neste ciclo da Tua divina unidade, e que me purifiques de toda a corrupção que me impeça de procurar, limpo e imaculado, a sombra da árvore da tua graça.

Ó Senhor, tem piedade do débil, cura o doente e apaga a sede que abrasa.

Alegria o peito onde arde vacilante o fogo do Teu amor e aviva-o com a chama do Teu espírito e amor celestial.

Adorna os tabernáculos da unidade divina com a vestidura da santidade e põe sobre a minha cabeça a coroa do Teu favor.

Ilumina o meu rosto com o resplendor do astro da Tua generosidade e ajuda-me bondosamente a servir perante o Teu sagrado limiar.

Faz que o meu coração transborde de amor pelas tuas criaturas e permite que possa converter-me no sinal da tua misericórdia, no símbolo da tua graça, no promovedor de concórdia entre os teus amados, consagrado a Ti, comemorando-te e esquecendo-me de mim próprio, mas sempre atento ao que é Teu.

Ó Deus, meu Deus! Não afastes de mim os suaves ventos do Teu perdão e da Tua graça e não me prives dos mananciais da Tua ajuda e do Teu favor.

À sombra das Tuas asas protetoras permite-me abrigar-me e fixa em mim o Teu olho que tudo protege.

Desata a minha língua para que louve o Teu nome entre o Teu povo, para que a minha voz possa elevar-se em grandes assembleias e flua dos meus lábios a torrente do Teu louvor.

Tu és verdadeiramente o Benévolo, o Glorificado, o Poderoso, o Onnipotente. ('Abdu'l-Bahá)

Para confortar na doença

O Maior Nome ('Alláh-u-Abhá', que significa 'Deus é o Mais Glorioso') tem de estar nos lábios no primeiro despertar da alvorada. Tem de ser usado constantemente em invocações diárias, nas dificuldades, perante a perseguição, e tem de ser a última palavra dita quando a cabeça descansa sobre a almofada à noite. É o nome do consolo, da proteção, da felicidade, da iluminação, do amor e da unidade.

Espero que possas informar-te sobre o mistério oculto e o símbolo recôndito da pedra do Maior Nome (...) O uso do Maior Nome e a dependência dele faz com que a alma se despoje das cascas da mortalidade e emerja livre, renascida, uma nova criatura... ('Abdu'l-Bahá)

Para depois do falecimento e para o luto

(...) Não te desconsoles, nem languidesças, nem suspires, nem te queixes, nem chores; porque a agitação e o luto afetam profundamente a sua alma no domínio divino. Esse amado filho teu dirige-se a ti do mundo oculto: “Ó mãe bondadosa, não te lamentes, (...) e não te apenes; eu não sou dos que se perderam, nem fui aniquilado, nem destruído. Despojei-me da forma mortal e icei a minha bandeira neste mundo espiritual. A seguir a esta separação encontra-se a companhia imperecedoura. Tu me encontrarás no céu do Senhor, imerso num oceano de luz”. ('Abdu'l-Bahá)

A honra com que a Mão da Misericórdia investirá a alma é tal, que nenhuma língua a pode revelar adequadamente, nem nenhum outro ente terrenal a pode descrever. Bendita é a alma que na hora da sua separação do corpo está purificada das vãs imaginações dos povos do mundo. Tal alma vive e move-se de acordo com a Vontade do seu Criador, e entra no Mais Elevado Paraíso. As Donzelas do Céu, habitantes das Mais Sublimes Mansões, a circundarão, e os Profetas de Deus e os seus escolhidos procurarão a sua companhia. Esta alma conversará com eles livremente, e relatará o que teve de suportar na Senda de Deus, o Senhor de todos os mundos. Se a algum homem lhe fosse dito o que foi ordenado para tal alma nos mundos de Deus, o Senhor do Trono no Alto e daqui na terra, todo o seu ser se acenderia instantaneamente na sua grande ânsia por atingir essa exaltadíssima, essa santificada e resplandecente posição... A natureza da alma depois da morte nunca poderá ser descrita; não é conveniente nem permissível revelar todo o seu carácter aos olhos dos homens. (Bahá'ú'lláh)

Ó meu Deus! Ó meu Deus! Verdadeiramente, este teu servo, humilde ante a majestade da Tua divina supremacia e submisso à porta da Tua unicidade, acreditou em Ti e nos Teus versículos e testificou a Tua palavra, tendo sido aceso com o fogo do Teu amor, imerso nas profundezas do oceano do Teu conhecimento, e atraído pelas Tuas brisas. Ele confiou em Ti, volveu a face a Ti, ofereceu a Ti as suas súplicas e recebeu a certeza do Teu perdão e indulgência. Ele abandonou esta vida mortal e levantou voo para o reino da imortalidade, ansiando pela graça de atingir a Tua Presença.

Ó Senhor! Exalta-lhe a posição; abriga-o à sombra do pavilhão da Tua mercê suprema; fá-lo adentrar no Teu glorioso paraíso e perpetua-lhe a existência no Teu sublime jardim de rosas, a fim de que ele mergulhe no oceano da luz, no mundo dos mistérios. Tu, em verdade, és o Generoso, o Poderoso, o que sempre perdoa, o Dispensador de Graças. ('Abdu'l-Bahá)

Ó Tu Senhor perdoador! Embora algumas almas tenham terminado os dias da sua vida na ignorância, se tenham tresmalhado e fossem egoístas, no entanto, o oceano do teu perdão é, em verdade, capaz de redimir e libertar os pecadores com uma única das suas ondas. Tu redimes quem desejas, e privas quem não desejas redimir. Se nos tratasses com justiça, todos seríamos pecadores e mereceríamos ser privados; e se quisesses dispensar misericórdia, todo pecador seria purificado e todo o estranho se transformaria em amigo. Por isso, perdoa, indulta e derrama a tua misericórdia sobre todos. Tu és o Perdoador, o Conferidor de luz e o Compassivo! ('Abdu'l-Bahá)

A “oração dos defuntos”

Antes do enterro, obrigatória para todo o bahá'í com mais de 15 anos que falece:

Caso a pessoa morta seja mulher, que se diga: “Esta é a Tua serva e filha da Tua serva,...”

Ó meu Deus! Este é o Teu servo e filho do Teu servo, que acreditou em Ti e nos Teus sinais e a Ti dirigiu a face, desprendido completamente de tudo, salvo de Ti. Dos que mostram clemência, és Tu, em verdade, o mais clemente. Ó Tu que perdoas os pecados dos homens e ocultas suas faltas, trata-o de um modo digno do céu da Tua generosidade e do oceano da Tua graça. Concede-lhe entrada no recinto da Tua transcendente misericórdia, que existia antes da fundação da terra e do céu. Não há outro Deus salvo Tu, O que sempre perdoa, o Mais Generoso.

Alláh'u'Abhá (uma vez)

Nós todos, em verdade, adoramos a Deus. (dezanove vezes)

Alláh'u'Abhá (uma vez)

Nós todos, em verdade, nos curvamos perante Deus. (dezanove vezes)

Alláh'u'Abhá (uma vez)

Nós todos, em verdade, somos devotos a Deus. (dezanove vezes)

Alláh'u'Abhá (uma vez)

Nós todos, em verdade, damos louvores a Deus. (dezanove vezes)

Alláh'u'Abhá (uma vez)

Nós todos, em verdade, damos graças a Deus. (dezanove vezes)

Alláh'u'Abhá (uma vez)

Nós todos, em verdade, somos pacientes em Deus. (dezanove vezes) (Bahá'u'lláh)

Música

Os bahá'í consideram que a música cantada ou interpretada com instrumentos é alimento espiritual para a alma e o coração e que nalguns casos pode ajudar a melhorar sobretudo o estado de espírito do paciente.

Na Internet encontram-se exemplos disso pesquisando no Google “bahai melody” e no Youtube “vídeos música bahai”.

A “tábua de Maryam”, de Bahá'u'lláh, cantada em farsi:

www.youtube.com/watch?v=l33rFvckE6U

Autor

Antonio Camps. Membro da Comunidade Bahá'í de Espanha. Médico do Serviço de Saúde de Castilla-La Mancha. Especialista em Tanatologia.

Notas

1. 'Abdu'l-Bahá: “Resposta a umas perguntas”, capítulo 47.
2. Carta escrita em nome de Shoghi Effendi a um crente (13/01/1932).
3. 'Abdu'l-Bahá: “Resposta a umas perguntas”, capítulos 62 e 66.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Hinduísmo ou Sanatana Dharma



Templo Sri Mariamman (Singapura).
AngMôKio em Wikimedia Commons.

Denominação

Hinduísmo ou Sanatana Dharma (“ordem eterna”).

Origem e fundador

O Hinduísmo não possui uma origem definida, sendo explicada através de mitos. Os Vedas, os seus primeiros textos, remontam-se a meados do segundo milénio antes de Cristo. São revelações transmitidas por sábios desse período, e representam uma sabedoria revelada eterna e inalterável, de uma fonte inquestionável. É um universo religioso que incorpora muitas tradições religiosas, com uma clara tendência a integrar novas crenças.

Doutrinas e crenças

Existe uma divindade única e inexpressável (*Brahman*) que se identifica com o *atman* (a alma), presente em todos os seres vivos. O *Brahman* manifesta-se de forma especial nos milhares de deuses e, mais significativamente, nas suas formas ou aspetos mais importantes, conhecidos como *trimurti* (também denominada “trindade hindu”): Brahma, deus criador, Vishnu, deus conservador, e Shiva, deus transformador.

Para os hindus, o universo tem três dimensões: o plano do céu ou dos deuses, o da terra ou dos humanos, e o mundo das trevas (ou inferno). O céu tem sete níveis, no cimo dos quais está o mundo de Brahma (Brahma-loka). O inferno tem também sete níveis, habitados por serpentes e demónios.

O hinduísmo não acredita na condenação eterna e afirma a possibilidade da salvação final de todos os seres (divindades, humanos, animais, vegetais, minerais). O paraíso (*svarga*) também não é eterno, continua a estar dentro do mundo material e aqueles que o atingem não estão totalmente libertados, podendo cair novamente para níveis inferiores.

A libertação (*moksa*) encontra-se noutra nível. Algumas pessoas podem mesmo viver na Terra e estar “libertadas” (*jivan mukta*).

O inferno (*naraka*) é o lugar onde penam as almas dos maus. É um abismo profundo e tenebroso de que não há possibilidade de regressar enquanto não se tiver purificado a energia kármica negativa.

A morte é um fenómeno natural da vida. É a passagem cíclica de um estado vital para outro. Várias vidas são vividas, mas todas elas estão marcadas pelo sofrimento. Enquanto continuar ligada ao ciclo da morte e da reencarnação (*samsara**), a pessoa permanece sob a dualidade do prazer e do sofrimento. Só é possível superar este ciclo reconhecendo a natureza divina e imortal de cada ser (*atman-brahman*), libertando-se da ignorância (*avidya*).

Existem diferentes caminhos para o crescimento espiritual e para a libertação:

- O caminho da ação desinteressada (*karma marga*),
- o caminho do discernimento e do conhecimento (*jnana marga*),
- o caminho da devoção e do amor divino (*bhakti marga*),
- e o caminho do controlo da mente e da meditação (*yoga marga*).

Em qualquer caso, trata-se de pagar a dívida do *karma**, acumulada nas reencarnações anteriores e na vida presente, mediante a consecução da perfeição espiritual.

Abreviar artificialmente a vida é considerado gerador de mau *karma** porque interrompe o ritmo do ciclo ordenado do *samsara**, até ao ponto de supor que a pessoa assim falecida não iria para o céu nem para o inferno, mas ficaria a errar inconscientemente como um espírito maligno até completar o seu tempo de vida previsto.

Alguns hindus consideram a medicina ocidental como perturbadora da mente e contaminante do corpo. Por este motivo, podem resistir a tratamentos agressivos, bem como preferir tomar medicação alternativa (ayurvédica ou homeopática) e evitar medicamentos que possam conter

* *Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.*

produtos animais. O ayurveda é um sistema médico-filosófico do subcontinente indiano (alguns consideram-no a medicina tradicional da Índia), de origem e fundamentos védicos.

Moral, comportamentos e compromissos

A verdadeira finalidade da vida é a libertação final. O ser humano tem de viver ordenadamente, contando com os meios materiais necessários (*artha*) e os gozos psicofísicos imprescindíveis (*kama*), mas sempre de acordo com as normas morais (*dharma*).

O hinduísmo tem determinadas exigências morais universais: o controlo da mente e dos sentidos, a continência, o perdão, o não roubar, o conhecimento das escrituras sagradas, a sabedoria espiritual, a veracidade (*satya*), a não-ira e o não magoar os seres vivos (*ahimsa*).

Estes deveres adaptam-se, por um lado, à divisão social e religiosa em quatro classes sociais (*varna*) e milhares de castas e subcastas (*jati*), e, por outro, aos diferentes estádios da vida humana (*ashram*): o de estudante religioso, o de cabeça de família, o de eremita e o de monge. O seu cumprimento permite garantir o bem-estar nesta vida e uma boa condição no além.

Práticas e ritos

Algumas escrituras falam de cinco deveres ou oferendas diárias: aos *rishis* ou sábios através da recitação dos Vedas, aos deuses, aos antepassados, de hospitalidade para todos os seres humanos e de ajuda a toda a criação.

A prática e rituais hindus são muito variados, com uma grande variedade de culto: externos, como ir ao templo, ou internos, como recitar o seu mantra ou meditar.

Os hindus devotos rezam pelo menos três vezes por dia: à alvorada, ao meio-dia e no ocaso. A oração é realizada orientando-se para o norte ou para o leste, recitando um mantra*. Alguns crentes lavam-se antes de orar, especialmente as mãos, e com água corrente.

A doença. Os hindus preferem morrer em casa, o que leva frequentemente os familiares a tentar levar o moribundo. Se isto não for possível, pode ser necessário adaptar o espaço e o tempo para as visitas.

Quando a morte é iminente, tradicionalmente, a pessoa é colocada com a cabeça orientada para o leste, e a família pode pedir que se acenda uma lâmpada perto da sua cabeça, enquanto lhe é pedido que se concentre no seu mantra*.

A morte. No momento antes ou depois de morrer, o corpo é deixado no hall ou no soalho do hospital (se for possível) orientado para o sul, como sinal de que regressa ao regaço da mãe Terra.

Depois de morrer, a lâmpada continua acesa e é queimado incenso. As imagens religiosas são viradas para a parede e por vezes os espelhos são cobertos.

Os familiares são convidados a despedir-se e a cantar, e os achegados podem oferecer flores e observar o cadáver com reverência, mas sem o tocar. A família pode levar dinheiro e roupas para que, pelo contacto com o falecido, possam ser distribuídas entre os pobres em seu nome.

Após a morte, não se pode tocar no corpo nem nos objetos religiosos que possa levar, nem cortar as unhas ou o cabelo, nem lavá-lo (já que será lavado ritualmente). Se for necessário tocá-lo, tem de se consultar antes a família e usar luvas.

Os olhos do falecido são fechados, os membros são endireitados e o corpo é envolvido num simples lençol.

A lavagem ritual do cadáver num espaço limpo é considerada imprescindível. Este ritual é realizado com água bendita, se for possível, do Ganges. Os funerais costumam ser celebrados no prazo de 24 horas, sendo muito simples, com a presença apenas da família. Não é apropriado vestir de negro. O método mais frequente é a incineração, mas também se podem inumar os corpos.

As cerimónias religiosas lideradas por brâmanes (sacerdotes) só são realizadas após a morte.

O embalsamamento não está bem visto e o transplante de órgãos é discutido porque algumas escolas consideram que pode interferir no *karma* ou na evolução da alma, embora alguns ensinamentos hindus inspirem a doação, especialmente através da ideia da doação desinteressada.

Sobre o corpo do defunto, pode ser efetuada uma marca ritual com cinzas sagradas, de uma ou três linhas, segundo a sua prática devocional. O corpo é coberto com uma túnica ou sudário e é colocado num ataúde muito simples, e levado ao centro de cremação.

Antes da incineração, é frequente que a família mais próxima coloque flores sobre o corpo, arroz na boca e moedas nas mãos.

Durante um ano, o filho primogénito do defunto realizará todos os meses um ritual funerário (*shraddha**) em sua memória, para ajudar a alma a libertar-se.

Pode-se visitar a casa dos familiares, e é comum os amigos levarem alimentos. No lugar onde a pessoa morreu, acende-se uma luz para iluminar o caminho da alma e deixa-se um pouco de água. Para as reuniões de luto, existem orações e hinos religiosos específicos (*bhajans*).

A alimentação Os hindus costumam ser vegetarianos. Os lácteos são aceitáveis se não contiverem gordura animal.

Festas

Algumas das mais importantes são:

- *Krishna Janmashtami* (julho-agosto): Comemora o nascimento de Krishna, avatar de Vishnu.
- *Navaratri* (setembro-outubro): Nove noites em que se presta culto à deusa.
- *Divali* (outubro-novembro): Conhecida como o Festival das Luzes. É a festa mais relevante do ano.

Objetos

Os homens podem levar um fio ou corda sagrada (*yajnopavita*) ao ombro ou atado no pulso que não pode ser

retirado. Simboliza que a pessoa recebeu o conhecimento espiritual.

Alguns hindus podem desejar ter imagens religiosas, velas, estatuetas das divindades familiares, um sino ou alimentos perto da cama.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

Não têm hierarquia nem autoridade centralizada. A sua estrutura institucional é multipolar e responde a critérios mais espirituais que institucionais, à volta de gurus ou mestres.

Há diversas escolas filosóficas e espirituais no Hinduísmo, que vão do teísmo ao não teísmo (*advaita*). Muitos grupos estão organizados à volta do culto a um deus particular, como os vaishnava a Vishnu ou os shaiva a Shiva.

O movimento Hare Krishna é considerado um subconjunto do hinduísmo, tal como o expressa o vaishnavismo bengali.

Livros

- Textos “revelados”: os Vedas (Rig, Yajur, Sama e Atharva); os Brahmanas, os Kalpa-sutras, os Aranyakas e os Upanishads.
- Textos “tradicionais” (*smṛti*): Vedangas, Smartasutras, Dharma-sastras, Itihasas, Mahabharata, Ramayana, Puranas e Tantras. A autoridade destes textos depende da sua não contradição da revelação. O *Srimad Bhagavad Gita* é especialmente útil como resumo, relativamente breve e claro, dos ensinamentos espirituais hindus.

Textos

Os textos mais frequentemente utilizados para o acompanhamento da doença são: Katha Upanishad, Purusha Suktam, Bhagavad Guita, Bhagavad Purana, Shiva Purana, Vishnu Purana, Ramayana e Mahabharata.

No entanto, se a família seguir algum mestre ou tradição particular pode ter preferência pelos textos ou escritos do seu mestre.

Brihadaranyaka Upanishad, 1.3.28 (Pavamana Mantra)

Conduz-nos da ignorância para a Verdade. Conduz-nos da escuridão para a Luz. Conduz-nos da morte para a Imortalidade Om, Paz, Paz, Paz.

Rig Veda 3.62.10 (Gayatri Mantra)

Meditemos na glória do Criador, que criou o universo; que é digno de louvor; que é a encarnação do conhecimento e da luz; que retira todo o pecado e ignorância.

Possa Ele iluminar as nossas mentes.

Taittiriya Upanishad, 50

Om. Proclamamos a aromática Realidade de três olhos que nutre tudo e aumenta a doce plenitude da vida. Como o pepino é libertado do seu pé, que nós sejamos libertados também da morte para a imortalidade.

Rig Veda, 6.11

Onde o brilho eterno resplandece, o reino em que a luz divina está, coloca-me, Purificador, nesse imortal, imperecedouro mundo. Faz-me imortal nesse reino em que o movimento está alinhado com o desejo, na terceira região, no terceiro céu dos céus, onde os mundos são resplandecentes.

Katha Upanishad, 2, 1, 10

O que está aqui, está além. O que está além, está aqui também. Quem vê diferenças vai de morte em morte.

Isha Upanishad, 17

Que pela força da Vida me identifique eu agora com o espírito de luz imortal, neste mesmo momento em que o corpo mortal será reduzido a cinzas. Om. Recorda, ó mente, o que fizeste. Recorda, recorda tudo o que fizeste.

Bhagavad Gita, 2:19-25

O que a considera capaz de ser morta, o que a considera ferida de morte, nenhum dos dois possui o conhecimento verdadeiro: não mata, não é morta. Não nasce, nem morre; não foi nem voltará a ser. É inata, necessária, eterna, primordial, não é morta quando se mata o corpo. O ser espiritual que a reconhece como indestrutível, necessária, inata, ó, filho de Prtha, como e quem a mandaria matar ou a mataria? Da mesma maneira que um ser humano recusou uns vestidos usados e toma outros novos, a alma encarnada, recusando o seu corpo usado, viaja para outros que são novos. As armas afiadas já não a ferem, o fogo não a queima, a água não a molha, nem o vento a pode chegar a secar. Não pode ser cortada, nem queimada, nem molhada, nem seca; necessária, omnipresente, estável, inquebrantável, é eterna. É considerada mais além das aparências, dos conceitos e das alterações. Por esta razão, tu que sabes isto, não deverias ter pena dela.

Rig Veda, 10. 14. 2,8

Yama foi o primeiro a encontrar-nos a nossa morada, um lugar que nunca possa ser arrebatado, onde os nossos antigos pais foram; todos os nascidos seguem este caminho, caminhando sozinhos. Reúne-te com os teus pais, reúne-te com Yama, reúne-te com a realização dos desejos no mais elevado céu; libertando-te de imperfeições, encontre de novo a tua casa, e tornaste-te uno com um corpo luminoso.

Brihadaranyaka Upanishad, 4.3 11-14.

Da mesma forma que uma lagarta, quando chega ao extremo de uma folha de erva, se encolhe para um novo avanço, assim este *atman*, sacudindo o corpo, despojando-se do não-ser, se encolhe para um novo avanço. (...) “Sem gozo” é o nome desses mundos envoltos em profundas trevas. Para lá vão, quando morrem, os seres humanos ignorantes, sem inteligência. Se o *atman* soubesse e dissesse a si próprio: ‘Eu sou’, porque é que a pessoa se afligiria por

o corpo e movida por que desejo? Quem encontrou, quem conquistou o *atman*, empenhado nas tenebrosas complexidades do corpo, esse é o criador, o autor de todo. O mundo pertence-Lhe, Ele é o mesmo mundo. Enquanto estamos aqui abaixo podemos aprender estas coisas. Se não, não fica mais que ignorância e imensa miséria. Os que sabem tornam-se imortais. Os outros estão entregues apenas ao sofrimento.

Leis de Manu, 4:238-239

Não infligindo nenhuma dor a nenhuma criatura, uma pessoa teria de pouco a pouco acumular mérito espiritual para adquirir um companheiro no próximo mundo... Porque no próximo mundo nem o pai, nem a mãe, nem a mulher, nem os filhos, nem os familiares serão os seus companheiros; só o mérito espiritual permanece com ela.

Rig Veda, 9.113 7-11

Leva-me, ó Purificador, a esse mundo imortal e indefetível, onde a luz celeste mora e o esplendor perfeito brilha sempre. Faz-me imortal ali, no mundo onde reina Yama, o rei; onde, deveras, se encontra o santuário dos céus e onde a água viva e fresca corre. Faz-me imortal ali, no mundo onde nos podemos mover à vontade, terceira esfera do céu dos céus, onde de luz transbordam as suas regiões. Faz-me imortal ali, no mundo da viva ânsia e da esperança ardente, região do sol esplêndido onde encontramos alimento e saciedade. Faz-me imortal ali, no mundo onde a felicidade e o gozo abundam, onde o prazer e a delícia vão unidos, onde se cumprem todos os desejos.

Mundaka Upanishad, 3.2.8

Do mesmo modo que os rios, correndo, se dissolvem no oceano e perdem a sua individualidade, assim o sábio, libertado da individualidade, mergulha no divino Espírito universal, o mais alto do mais alto.

Música

- Para os crentes, pode ser muito inspirador escutar ragas clássicas interpretadas por grandes mestres como Ravi Shankar, Hari Prasad Chaurasia, Shiv Kumar Sarna e L. Subramaniam, Ustad Vilayat Khan.
- No campo vocal, podem ser úteis os *bhajans* (cantos devocionais) com poemas de Kabir, Mira Bai, Tukaram, etc., interpretados por mestres clássicos como PT. Jasraj, Hari Om Saran, Bhimsem Joshi, Dr. Balamurali Krishna, Lakshmi Shankar, Lata Mangeshkar, Subbulakshni, etc.
- Também podem ser recitados mantras como “Om Namah Shivaya”, “Om Namo Narayanaya”, “Gayatri mantra”, “Aditya Hridayam”, “Maha Mrityunyaya mantra” e “Hanuman Chalisa”.
- O hinduísmo também possui hinos de louvor, como as diferentes orações da manhã (*suprabhatams*), dedicadas às diferentes divindades.

Também há música com compilações de textos sagrados como o *Bhagavad Gita*, *Adi Sankara stotrams*, *Sri Laita Sahasranam*, etc., com boas versões gravadas por Swami Brahmananda da Chimaya Mission e pelos monges da Ramakrishna Missions. Recomenda-se o CD de cantos védicos intitulado *Ramanaashramam*.

Consultores

Bhakti Das, presidente do Centro de yoga Vedanta Sivananda da Divine Life Society.

Gundicha Das, presidente do Conselho de ISKCON (International Society for Krishna Consciousness) em Espanha.

* Glossário

Atman: Essência ou realidade individual imortal do ser humano, que não está separada do princípio cósmico de *Brahman* ou Realidade Última. No Ocidente costuma ser identificado com a alma.

Brahman: Palavra sânscrita que se refere a um poder transcendente ou ao princípio da Realidade Última, onnipresente e eterno. Identifica-se como o ser ou *atman* de todas as formas de vida. Segundo certas escolas a finalidade da vida é a identificação do *atman* com *Brahman*.

Samsara: A transmigração da alma individual num ciclo contínuo que se considera que não tem início. A liberação do *samsara* é, no entanto, possível e desejada e produz-se pela realização espiritual (*moksa*), pela ação ritual ou desinteressada (*karma*), pelo conhecimento verdadeiro (*jñana*), pelo amor ou devoção intensa a Deus (*bhakti*) ou pela prática do yoga.

Shraddha: os rituais destinados a ajudar as almas dos defuntos a libertarem-se de ataduras que as possam manter presas a este mundo. São celebrados no 10º (casta de brahmanes) e no 31º dia (outras castas) após a cremação do corpo e têm de ser repetidos com muita frequência. Oferece-se água e bolinhas de arroz são atiradas para fora da casa onde o defunto morava. Nalgumas comunidades estes rituais foram substituídos ou complementados dando de comer aos pobres ou oferecendo doações aos órfãos.

Karma: lei segundo a qual todos os atos produzem resultados futuros positivos ou negativos.

Mantra: sílaba ou sílabas cuja repetição regular mediante um som determinado purifica a mente, libertando-a das preocupações mundanas e levando-a ao conhecimento da divindade. É uma fórmula invocatória que contém o núcleo do ensinamento do guru ou mestre espiritual.

Moksa: libertação final do ciclo das reencarnações ou *samsara**.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Siquismo



*Templo de Ouro, Amritsar (Índia).
Bunti90 em Wikimedia Commons.*

Denominação

Siquismo.

Origem e fundador

A religião sique foi fundada na Índia pelo Guru Nanak (1469-1539) e difundida através dos ensinamentos de outros nove gurus* posteriores.

Em 1708, o décimo guru, Gobind Singh, terminou o magistério pessoal elevando a escritura sagrada que recolhia os ensinamentos de todos os gurus à categoria de *Guru Granth Sahib*, desde então considerado o “eterno Mestre vivo”.

O termo “sique” significa “estudante” ou “o que aprende”.

Doutrinas e crenças

- Os siques adoram um Deus único, sem forma nem representação, que é a origem e a essência dos seres humanos. Acreditam que a luz divina se encarna nos ensinamentos do *Guru Granth Sahib*, que não consideram um simples “livro”, mas um guru vivo e eterno, digno de um profundo respeito e devoção.
- O siquismo surgiu e desenvolveu-se como reação às injustiças sociais originadas pelo sistema de castas da tradição hindu e contra qualquer discriminação por motivos de classe, género, religião, etc.
- Em 1699, o décimo guru, Guru Gobind Singh, instituiu a *Khalsa* (ordem de siques iniciados) diferenciando definitivamente o siquismo do Islão e do hinduísmo, religiões dominantes na região do Punjab, onde surgiu.

Os membros da *Khalsa* comprometem-se a meditar frequentemente, a incorporar os ensinamentos dos gurus em todos os aspetos da vida quotidiana e a levar uma série de “artigos de fé” distintivos.

* Glossário: as palavras marcadas com asteriscos são explicadas no glossário situado no final de cada capítulo.

- Os siques acreditam na reencarnação* do *atman* (a alma imortal). Esta nasce e morre sucessivamente até atingir a libertação final. O sique procura viver conforme os ensinamentos dos gurus para poder quebrar este ciclo e regressar a Deus, que é a alma Suprema.

Este mundo e esta vida estão dominados pela ilusão, pela mentira e pelo autoengano, que ocultam a luz divina. Mas a vida terrenal oferece a oportunidade de viver de forma virtuosa para atingir um nível espiritual mais elevado e finalmente a libertação. A morte corporal definitiva, quando a alma não volta a reencarnar, representa o ansiado regresso à Divindade e é, portanto, um momento de regozijo.

Moral, comportamentos e compromissos

A pessoa que vive de forma devota e virtuosa, conforme os ensinamentos dos gurus, pode atingir a libertação. No entanto, a mente humana é obscurecida e impedida de atingir essa libertação por cinco grandes vícios: a luxúria, a cólera, a ganância, o apego e o orgulho. Para os superar, os ensinamentos siques insistem na disciplina, na ascese, na castidade, na pureza e na limpeza, proibindo também a mentira, a calúnia, o adultério, o álcool, o tabaco, etc.

O sique tem de aprender a escutar no seu interior qual é a vontade divina e a caminhar nela, de pensamento, palavra e obra.

O Guru Nanak mostrou os três pilares que têm de regular a conduta quotidiana:

- *Naam Japo*: meditar, recitar e cantar constantemente o nome de Deus;
- *Kerat Karo*: ganhar honrosamente o sustento;
- *Vand Chhako*: partilhar os rendimentos com os outros.

Cuidar da saúde física é uma obrigação religiosa, dado o corpo ser o veículo que permite o cumprimento das obrigações tanto sagradas como profanas.

Segundo algumas interpretações do *Guru Granth Sahib*, para aliviar a dor, os siques não podem nunca tomar substâncias psicoativas (cannabis, ópio, álcool, etc.).

Como o siquismo é originário da Índia, é possível que alguns siques desejem combinar os tratamentos prescritos com a medicina tradicional indiana.

Práticas e ritos

- A cerimónia do *Amrit Sanskar*, o ritual de iniciação para homens e mulheres como membros da *Khalsa*, durante o qual se toma um néctar sagrado chamado *amrit*. Implica um elevado grau de compromisso religioso, visualizado através dos cinco “artigos de fé” (ou os cinco “k”):
 - *Kesh*: cabelo e pelos sem cortar;
 - *Kara*: bracelete de aço;
 - *Kanga*: pente de madeira;
 - *Kachera*: roupa interior de algodão;
 - *Kirpan*: uma espécie de faca ou adaga curva, mas que é, em realidade, um símbolo de compaixão.
- O *langar*, prática habitual em todos os lugares de culto sique (*Gurudwara*). Consiste numa refeição comunitária consagrada e servida gratuitamente a qualquer visitante, sem discriminação de nenhum tipo. Transmite a mensagem fundacional igualitária do Guru Nanak e expressa o ideal de serviço desinteressado (*Sewa*).
- A meditação (*Simran*) é outro ideal sique. Os siques iniciados levantam-se muito cedo, cerca das quatro, e leem cinco hinos compostos pelos gurus e contidos no *Guru Granth Sahib*. Leem outro à tarde, ao cair do sol, e o último antes de se deitarem.

A doença. Alguns siques podem pedir a assistência de um *Granthi* (o encarregado da *Gurudwara* de ler e cuidar do *Guru Granth Sahib*) para acompanhar o moribundo e rezar determinadas orações.

Os familiares e amigos do moribundo leem a *Sukhmani Sahib* (oração da paz) e repetem constantemente *Wahe-Guru* (que significa "Sabedoria Indescritível"), a modo de mantra ou invocação, para ajudar o seu ente querido a centrar-se no divino.

A morte. Os siques consideram necessário evitar os choros e lamentos. O mantra *Wahe-Guru* tem de continuar a ser repetido.

Os familiares costumam preferir levar o defunto para casa até ao funeral, e tomam os preparativos deste e os restantes rituais tradicionais como uma responsabilidade sua.

A cremação é o procedimento preferido e mais habitual na Índia. Qualquer tipo de culto aos corpos mortos, como a colocação de lápides, é desaconselhado. No dia anterior ou no mesmo dia do funeral, o corpo é lavado e vestido com roupa limpa e com os cinco "k" no caso dos siques iniciados.

No dia da cremação, são celebrados os *Antam Sanskar* ("ritos finais") na presença do corpo e na *Gurdwara* ou em casa do defunto. A comunidade canta para consolar aos familiares. No crematório, a cerimónia costuma ser privada. Os presentes continuam a cantar e falam das qualidades da pessoa falecida. O filho mais velho ou um parente próximo iniciam a cremação acendendo o fogo, e as cinzas são depois enterradas ou espalhadas em água corrente (idealmente no rio Sutle, o mais longo dos cinco que percorrem o Punjab).

O *Sehaj Paath* consiste numa leitura completa do *Guru Granth Sahib* durante dez dias após a cremação. Pode ser celebrado em casa, onde a família oferece comida (o *langar*) em nome do defunto aos convidados, familiares e amigos, bem como aos necessitados. Aquando da sua finalização, o luto é considerado terminado.

A alimentação Muitos siques são vegetarianos. Existe uma grande variedade de alimentos e de pastéis que são cozinhados de forma ritual e levados aos doentes como mostra de compaixão.

Festas

- Os *Gurpurbs* são as dez celebrações relacionadas com a vida dos gurus. Destacam-se os nascimentos do *Guru Nanak* (entre outubro e novembro) e do *Guru Gobind Singh* (entre dezembro e janeiro).
- *Baisakhi* (em abril), que comemora a criação da *Khalsa* e que coincide com o Ano Novo indiano.

Objetos

- Os já mencionados cinco “k”.
- A *Khanda*, uma espécie de escudo de armas tradicionais indianas, um lembrete das que foram utilizadas nos tempos dos gurus e hoje convertidas em símbolos espirituais e não violentos.
- Imagens do Guru Nanak ou de outros gurus.
- Fotografias do Templo de Ouro em Amritsar (Punjab, Índia), centro espiritual dos siques do mundo inteiro, onde se guarda o *Guru Granth Sahib* original.
- O próprio *Guru Granth Sahib*. Se um doente levar um exemplar para o seu quarto, será necessário pedir autorização antes de o tocar e manipulá-lo sempre com o máximo respeito.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

A comunidade sique portuguesa não tem um órgão central que a aglutine, estando organizada basicamente à volta das *gurdwaras* locais. Estas são, além de um lugar de culto, um ponto de encontro social onde se desenvolve uma atividade humanitária dirigida à própria comunidade e ao exterior.

Todos os templos possuem uma “Santa Companhia” (*Sat Sangat*), formada pelos membros da comunidade ao serviço permanente do *Guru Granth Sahib* (cada comunidade tem o seu) e à atenção e ao apoio permanentes da comunidade.

Livros

- O *Guru Granth Sahib*.
- O *Dasam Granth*, composto pelo décimo guru e considerado a segunda referência escrita sagrada.

Textos¹

Para o doente

***Mool Mantar* (primeiro hino do *Guru Granth Sahib*)**

Um único Criador Universal. O seu Nome é Verdade.
Ser criador personificado.

Mais além do Medo, mais além da Vingança. Mais além da morte, não nascido. Existe por si mesmo.

Pela graça da sabedoria.

Canta e medita: Verdade no princípio. Verdade em todas as eras.

Verdade aqui e agora. Nanak, a verdade sempre será.

***Ashtapadi I* (pág. 262 do *Guru Granth Sahib*)**

Medita, medita, medita em memória d'Ele e obtém a Paz. Os sofrimentos e aflições desaparecerão do teu corpo. Medita em louvor d'Ele, que abrange todo o Universo. O seu Nome é recitado por inúmeras pessoas, e de tantas formas. Os Vedas, os Puranas e os livros Semíticos, as mais puras palavras, foram criação da Palavra Única do Nome do Senhor. Aquele em cuja alma o Senhor Único habita, os louvores da Sua glória não podem ser contados. Os que anseiam apenas pela bênção do Teu Darshan. Nanak, salva-me com eles!

Sukhmani: Paz de espírito, o Néctar do Nome do Senhor. As mentes dos devotos residem em gozosa paz. || Pausa || . Recordando o Senhor, deixa de ser necessário regressar ao útero. Recordando o Senhor, a dor da morte é afastada. Recordando o Senhor, a morte é eliminada. Recordando o Senhor, os inimigos são repelidos. Recordando o Senhor, não há obstáculos. Recordando o Senhor, permanece-se

acordado e atento, noite e dia. Recordando o Senhor, não se é afetado pelo medo. Recordando o Senhor, não se sofre qualquer mágoa. A recordação meditativa do Senhor encontra-se na Sociedade dos Santos. Todos os tesouros, ó Nanak, se encontram no amor do senhor.

Recordando o Senhor, encontram-se a riqueza, miraculosos poderes espirituais e os nove tesouros. Recordando o Senhor, encontram-se o conhecimento, a meditação e a essência da sabedoria. Recordando o Senhor, encontram-se o canto, a meditação mais intensa e a adoração devocional. Recordando o Senhor, a dualidade é eliminada. Recordando o Senhor, encontram-se banhos purificadores nos santuários sagrados das peregrinações. Recordando o Senhor, alcança-se a honra na sua corte. Recordando o Senhor, a pessoa torna-se boa. Recordando o Senhor, floresce-se na fruição. Só o recordam na meditação os que ele inspira a meditar.

Mehl Guru Aryan ou “Quinto Canal Divino” (pág. 962 do Guru Granth Sahib)

Deus é o único médico verdadeiro, porque os médicos do mundo só afligem a alma com mais dores. A palavra do Guru é néctar ambrosíaco, delicioso.

Ó Nanak, cuja mente está cheia com este Néctar, todas as suas dores são eliminadas.

Gauri Sukjmani ou “A Joia de Paz”, em Mehl Guru Aryan ou “Quinto Canal Divino” (pág. 268 do Guru Granth Sahib)

És o nosso Senhor e Mestre. A Ti ofereço esta oração. Este corpo e alma são propriedade Tua. És a nossa mãe e pai; Somos as Tuas crianças. Na Tua Graça, há tantas alegrias.

Ó Mais Alto dos altos, ó Mais Generoso Deus... O que procede de Ti está sob o Teu comando. Só Tu conheces o Teu estado e o Teu alcance.

Nanak, o teu escravo, é para sempre um sacrifício.

Fragmento de *Bhagat Kabir Ji* (1440-1518), poeta, músico, filósofo, místico e santo da Índia, cuja poesia foi incorporada no *Guru Granth Sahib*.

Ó Deus Todo-poderoso! Há alguém que me possa salvar da dor deste ego que luta contra mim, dia e noite, e não me deixa pensar tranquilamente? Os meus desejos produzem-me ainda mais pena. Não sei como passar a minha vida neste mundo! Quando ainda não tinha nascido, permanecia no êxtase da luz de Deus no útero da minha mãe.

Recordo o tempo em que era amado pelo meu verdadeiro querido Deus. Mas desde que cheguei a este mundo as cinco paixões malignas envolveram-me. Dia após dia, sou sufocado e arrastado por elas até ao limite deste corpo. O preço pago por este sofrimento é o desperdício desta preciosa vida num corpo humano e da minha oportunidade dourada de conhecer Deus, e por este fracasso, sou precisamente como o resto do mundo. É uma pena que tenha pago o preço: vendi-me a essas cinco paixões perversas e elas despojaram-me. Agora vejo que o mundo inteiro é falso como uma miragem, e compreendo que tanto o desejo como a ilusão me paralisaram nesta existência.

Para os familiares e amigos

***Guru Granth Sahib* (p. 262)**

O divino Guru é a nossa mãe, O divino Guru é o nosso pai, O divino Guru é o nosso Senhor e Mestre, o Senhor Transcendente.

O divino Guru é o meu companheiro, o destruidor da ignorância; O divino Guru é o meu parente e irmão.

O divino Guru é o doador, o que ensina o Nome do Senhor. O divino Guru é o mantra que nunca falha.

O divino Guru é a imagem da paz, da verdade e da sabedoria. O divino Guru é a pedra filosofal – o seu simples toque é capaz de nos transformar.

O divino Guru é o santuário sagrado da peregrinação, o lago de divino néctar. Banhando-nos na sabedoria do Guru, experimentamos o infinito.

O divino Guru é o criador, e o destruidor de todos os pecados; O divino Guru é o purificador dos pecadores.

O divino Guru existiu no princípio de tudo, ao longo das eras, em todas e cada uma das eras. O divino Guru é o Mantra do Nome do Senhor. Se o cantarmos, seremos salvos. Ó Deus, sê misericordioso comigo e permite-me estar com o Divino Guru. Sou um patético pecador, mas agarrando-me a ele, serei capaz de fazer a travessia.

O divino Guru é o Verdadeiro Guru, o Senhor Deus Supremo, o Senhor Transcendente; Nanak inclina-se em humilde reverência pelo Senhor, o Divino Guru.

Gauree Gwaarayree, em Mehl Guru Aryan ou "Quinto Canal Divino" (pág. 176 do Guru Granth Sahib)

Em tantas encarnações, foste um verme e um inseto. Em tantas encarnações, foste um elefante, um peixe e um veado. Em tantas encarnações, foste um pássaro e uma serpente. Em tantas encarnações, foste jungido como um boi e um cavalo. Observa o Senhor do Universo, chegou o momento de o conhecer. Depois de tanto tempo, este corpo humano foi feito para ti.

Em tantas encarnações, foste pedras e montanhas. Em tantas encarnações, foste abortado no útero. Em tantas encarnações, cresceram-te ramos e folhas. Vagaste por milhões de encarnações.

Guru Granth Sahib (pág. 1363)

Quando os dias de uma pessoa se acabam, quem a pode salvar? Quanto tempo podem os médicos continuar, a sugerir terapia após terapia? Ó tolo, recorda o Único Senhor, só Ele te será útil no final. Ó Senhor! Sem o nome, o corpo torna-se pó, e tudo se perde.

Toma o medicamento do incomparável, impagável Nome. Encontrando-se e reunindo-se, os Santos bebem-no e partilham-no com toda a humanidade. Só será abençoado com ele quem estiver destinado a recebê-lo. Ó Senhor! Sou um sacrifício para os que gozam do amor do Senhor.

Os médicos reúnem-se na sua assembleia. Os medicamentos são eficazes quando o Senhor se encontra pessoalmente entre eles. As suas boas ações e *karma* revelam-se. Ó Senhor! As dores, as doenças e os pecados desaparecem dos seus corpos. Um único Criador Universal. Pela graça do verdadeiro Guru.

***Guru Granth Sahib* (pág. 263-4)**

Ó destruidor das dores e do sofrimento dos pobres,
Ó Mestre de todos e cada um dos corações, Ó Tu que não conheces mestre, Vim à procura do teu santuário,
Ó Deus, acompanha Nanak!

Kirtan Sohila

A última das cinco recitações diárias mencionadas anteriormente, realizada à noite:

Um único Criador Universal. Pela graça do verdadeiro Guru. Nessa casa em que os louvores do Criador são cantados e contemplados. Nessa casa, cantem canções de louvor, meditem e recordem o Senhor Criador. Cantem as canções de louvor do meu Destemido Senhor. Eu sou um sacrifício a essa canção de louvor que proporciona a paz eterna.

Para depois do falecimento e para o luto

***Gauree Kabeer Jee, Ti-Padas e Chau-Tukas* (p. 326-327 *Guru Grant Sahib*)**

Eu afastei-me da morte e virei-me para o Senhor. A dor foi eliminada, e encontro-me na paz e no conforto. Os meus inimigos foram transformados em amigos. Os cínicos infiéis foram transformados em gente de boa-fé.

Sinto que tudo me dá paz. A paz e a tranquilidade vieram, desde que compreendi quem era o Senhor do Universo.

O meu corpo estava aflito com milhões de doenças. Pois as minhas doenças foram transformadas na serena e tranquila concentração de Samaadhi. Quando

alguém compreende o seu próprio ser, deixa de sofrer doenças e as três febres.

A minha mente foi devolvida à sua pureza inicial. Só quando fiquei morto apesar de continuar vivo é que conheci o Senhor. Diz Kabeer, estou agora imerso em intuitiva elegância e paz. Não temo ninguém, nem provoco temor em ninguém.

Música

O Guru Granth Sahib está organizado em 31 ragas ou ritmos tradicionais, cada uma das quais tem a sua própria forma de canto.

O *Kirtan Sohila*, hino que os siques recitam antes de se deitarem aqui recitado pelo Bhai Manpreet Singh Ji Kanpuri:

<https://www.youtube.com/watch?v=gsn25Vzknu0>

Cantos dos poemas do próprio Kabir. Exemplo de interpretação a cargo de Shub-ha Mudgal:

<https://www.youtube.com/watch?v=5TReqxaDpWw>

Autor

Associação UNESCO para o Diálogo Inter-Religioso.

Consultores

Hardev Singh, representante da Comunidade Sikh de Espanha.

Kartar Singh, porta-voz do Conselho Religioso Sique da Catalunha e diretor da Escola Internacional Kundalini Yoga Golden Temple.

* Glossário

Guru: uma figura tipicamente indiana. O “Mestre espiritual”, aquele que ilumina com a luz divina. Etimologicamente, provém de “gu” (“escuridão”) e “ru” (“rasgar”).

Reencarnação: palavra derivada do grego que significa “passo da alma de um corpo para outro”. É uma doutrina de origem indiana (600 a.C.), própria das religiões com uma concepção cíclica do tempo. Os conceitos da transmigração da alma (metempsicose) ou do renascimento (palingenesia) são frequentemente utilizados como sinónimos, mas não são exatamente o mesmo, dado poderem referir-se a um novo nascimento ou a um novo estado de espírito noutra lugar, não necessariamente noutra corpo.

Notas

1. As traduções dos textos aqui apresentadas foram realizadas a partir da tradução do *Guru Granth Sahib* para a língua inglesa disponível em www.sikhs.org.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Tradições chinesas: Confucianismo e Taoismo



*Pavilhão Kuixing, Xangai (China).
kanegem em Wikimedia Commons.*

Denominação

Tradições chinesas: Confucianismo e Taoismo

Origem e fundador

O confucianismo desenvolveu-se na China a partir dos textos do sábio e filósofo Confúcio (551-479 a.C.). Foi adotado como filosofia nacional e código de ética do povo durante o século I a.C. Muitos chineses apreciam e praticam as virtudes confucianas, mas raramente se identificam como fiéis desta tradição.

O taoismo remonta-se às religiões pré-históricas chinesas. Como filosofia, encontra as suas origens entre os anos 2900 e 2800 a.C., quando Fu Xi (personagem lendária considerada o primeiro soberano da China) criou o símbolo do Pa Kua¹, composto por oito trigramas, que é a base filosófica do taoismo. No século VI a.C. Lao Tse escreveu o *Tao Te Ching* e a religião desenvolveu-se formalmente durante o século II d.C.

Doutrinas e crenças

Confucianismo

- Acredita nas forças do *yin* (escuridão, feminidade) e do *yang* (luz, masculinidade), e declara que a tensão entre ambos desemboca num processo de mudança sem fim, que é a ordem natural das coisas. O objetivo dos praticantes é fluir com este processo e harmonizar globalmente o seu comportamento e o da sociedade com essa ordem natural.
- Frisa a importância das relações interpessoais e da empatia com o outro, especialmente nos momentos e períodos de sofrimento.
- Para a maioria dos confucianos a maior virtude é o *ren*, ou a benevolência com os outros.
- O objetivo consiste em atingir a máxima harmonia na vida, tanto a nível pessoal como social. Para tal, é necessário cultivar as cinco relações: de governante com súbdito, de pai com filho, de marido com mulher, de ancião com jovem, de amigo com amigo.

- Confúcio não acreditava na existência de uma vida depois da morte.

Taoismo

- O taoismo possui um panteão hierarquizado, que inclui deuses, humanos imortais e antepassados. Há deuses para cada ocasião e elemento da natureza. As divindades supremas que presidem o panteão são San Ch'ing ("As três puras").
- A crença mais importante é o conceito do Tao, que não pode ser descrito em palavras. É o último, o inexpressável, a força indefinível da criação que dá vida a todos os seres e harmonia à ordem natural.
- Quando falece, o ser humano tem de atravessar um rio escuro, guiado pelas luzes na água. Na vida depois da morte, há pessoas que não encontram o necessário para viver e que acabam por se nutrir da energia e do medo dos vivos. Estes fantasmas têm de ser aplacados.
- A morte é uma porta para a imortalidade e uma libertação do corpo. O corpo vivo está cheio de deuses, espíritos e monstros. O taoismo instituiu uma série de rituais para conjurar estes seres e conseguir que protejam o corpo.
- O taoismo está mais interessado na imortalidade do que na vida depois da morte.

A rutura da harmonia das relações humanas (confucianismo) ou dos seres humanos com a natureza (taoismo) manifesta-se na doença, dado que a medicina chinesa considera a saúde como um estado de harmonia física e espiritual com a natureza.

Tanto o confucianismo como o taoismo ensinam que o corpo está composto por cinco órgãos sólidos ou *ts'ang* (fígado, coração, baço, pulmões e rins) e cinco órgãos ocos ou *fu* (a vesícula, o estômago, o intestino grosso, o intestino delgado e a bexiga). Estes órgãos têm uma relação complexa que ajuda a manter a harmonia corporal.

Moral, comportamentos e compromissos

O confucianismo é basicamente um comportamento ético, que gera um conjunto de muito diversas práticas, segundo os fiéis, todas elas dirigidas a preservar a harmonia. Assim, por exemplo, um pai deve ao filho educação, cuidado e guia moral, enquanto o filho deve ao pai obediência, respeito e cuidado na velhice.

O taoísmo centra-se na doutrina da não ação (*wu-wei*), cujo objetivo é um estado de perfeita harmonia com o Tao denominado *p'u* ("simplicidade"). Isto implica também uma reta conduta moral baseada no bom coração, na meditação intensa, numa dieta estrita e num rigoroso autocontrolo. Uma vida simples e a procura da paz interior garantem a longevidade e a saúde. Depois da morte, as pessoas podem transformar-se em seres sobrenaturais se tiverem cultivado a sua personalidade moral durante a vida.

Práticas e ritos

A prática taoista só se aprende através de um mestre. Algumas das suas práticas habituais são:

- A recitação do Tao Te Ching, que afasta os espíritos maléficos, dá boa sorte, prolonga a vida e cura a doença.
- A meditação, que facilita o espaço mental para conhecer o Tao diretamente.
- O controlo da respiração, a forma mais fácil de observar o fluir da energia no universo.

A doença. A melhor preparação para a morte e para o posterior acesso à imortalidade que uma pessoa pode realizar é cumprir o seu dever (a harmonia e a simplicidade).

Na tradição chinesa, falar de problemas ou acontecimentos negativos em voz alta pode dar azar. Por isso, convém tratar os temas relacionados com a doença com grande sensibilidade.

Durante a estadia no hospital podem ser realizadas práticas religiosas para melhorar a saúde: leitura de textos sagrados ou outros rituais com água, plantas, espécies de árvore, espadas, selos, talismãs e espelhos.

Os pacientes que estiverem mais influenciados pela medicina tradicional chinesa podem desejar tratamentos complementares como acupuntura, ervas medicinais (como o ginseng) ou moxabustão. A oposição à extração de sangue é uma questão cultural, não religiosa.

A morte. Os ritos mortuários variam conforme a idade do defunto, a causa da morte e o estatuto familiar e social.

Na cultura tradicional chinesa o funeral tem cinco etapas, que os sacerdotes taoistas ou confucianos, se estiverem disponíveis, podem ser chamados a conduzir:

1. Antes de morrer, o moribundo tem de ver cada um dos seus familiares (para o qual pode ser adequado oferecer-lhe um quarto privado amplo).
2. A morte é anunciada à comunidade.
3. O corpo é banhado com água fresca, para tornar a viagem para o próximo mundo mais confortável.
4. Os familiares acendem uma lâmpada de óleo aos pés do corpo, para iluminar o caminho para o céu e para a imortalidade.
5. O enterro é realizado depois de o defunto ter permanecido três dias em sua casa, sempre que for possível.

Confúcio estabeleceu regras estritas² para os rituais funerários, cujo objetivo é garantir a paz da alma do defunto e separar o vivo do morto para proteger os vivos e ajudar os defuntos a reunirem-se com os seus antepassados. Em observância do princípio de piedade filial, estes rituais têm de ser celebrados pelos filhos ou pelos jovens da família.

Os ritos funerários taoistas possuem quatro componentes fundamentais:

1. O canto de textos sagrados³ e litânias, para libertar o defunto do seu sofrimento.
2. Os rituais de água e terra, complexamente celebrados num altar construído especificamente para a ocasião e destinados a perdoar a culpa do defunto e a permitir-lhe ascender aos céus ou ter uma boa reencarnação. Duram entre 7 e 49 dias.

3. O acendimento e disposição de lâmpadas num altar, aos pés do cadáver ou em rios ou lagos, e até ao enterro. Iluminam a alma do defunto e ajudam-no a sair do reino da morte.
4. A alimentação de fantasmas esfomeados, mediante rituais que incluem oração, canto e oferendas de alimentos.

Adicionalmente, na casa familiar as estatuetas de divindades são cobertas com papel vermelho (para evitar expô-las ao defunto) e todos os espelhos são ocultados (devido à crença de que se alguém vê o reflexo de um caixão num espelho dentro de pouco tempo terá um morto na família).

Antes de ser colocado no féretro, o cadáver é limpo com uma toalha húmida e pó de talco, e é vestido com as suas melhores roupas (as outras são queimadas). O rosto é coberto com um pano amarelo e o resto do corpo com uma mortalha azul brilhante.

Durante o velório, o cadáver é colocado em casa ou num pátio. Se for em casa, a cabeça é orientada para o interior da habitação e o corpo é colocado a mais ou menos dois palmos do soalho, em cima de cavaletes ou tamboretas, acompanhado por coroas de flores, oferendas (frequentemente um envelope branco com dinheiro) e uma imagem do falecido. Ao lado de um altar com uma vela branca acesa e um queimador de incenso, também se coloca comida. Os amigos e conhecidos queimam incenso, fazem uma reverência perante o defunto e oferecem orações, enquanto durante a noite um monge ou um devoto recita escrituras taoistas. A família distribui lenços ou pedaços de fio vermelhos aos assistentes (para a sua proteção contra os maus espíritos).

Se for possível, os familiares e amigos acompanham o féretro em procissão, com laços brancos e a queimar pauzinhos de incenso. Levar o cadáver a ombros traz as bênçãos do defunto. Quando o féretro é descarregado no cemitério, os presentes têm de se virar para outro lado. Os familiares têm de atirar uma mão-cheia de terra para a sepultura e o filho mais velho tem de colocar um pouco de terra do túmulo num incensário.

Embora a incineração seja pouco habitual, em situações de expatriação costumam produzir-se misturas de diferentes religiões nos ritos funerários dos defuntos destas tradições. Seria oportuno perguntar a cada família sobre estas questões.

O luto dura entre 49 e 100 dias e cada familiar coloca uma peça de tecido colorido na manga. Se o defunto era uma criança ou uma mulher a observância do luto não é requerida.

Acredita-se que a alma dos defuntos regressa a casa uma semana depois da morte, e os familiares têm de permanecer nos seus quartos durante esse dia.

A alimentação Os costumes alimentares estão mais relacionados com elementos culturais que religiosos.

Os pacientes podem desejar equilibrar a sua alimentação, compensando os alimentos considerados “quentes”, como as carnes vermelhas, as especiarias e a comida frita (*yin*), com alimentos “frios”, como a maior parte das frutas e vegetais e a comida cozida ou ao vapor (*yang*), e vice-versa.

Festas

- Dia de Confúcio. O nascimento do mestre é celebrado com rituais, em templos ou salões, que seguem uma estrita sequência de 37 passos.
- Os taoistas celebram as Três Divindades Puras oferecendo doces, intercambiando presentes e celebrando uma festa. No terceiro dia é interpretada uma dança do dragão ou leão, que celebra a imortalidade e a união com os espíritos. Ao longo do ano também celebram o nascimento de divindades e os solstícios.
- Nascimento de Lao Tse, no décimo quinto dia do segundo mês lunar.
- Ambas as tradições celebram o Ano Novo Chinês (*Chun Jie* ou “Festa da primavera”), durante duas semanas no início do ano lunar chinês (entre finais de janeiro e princípios de fevereiro). Os rituais celebrados podem incluir o culto ao céu e à terra, e a veneração

dos deuses familiares e dos antepassados. Uma festa familiar reafirma a união entre os parentes.

Objetos

- Amuletos: Para proteger a saúde e defender o portador de maus espíritos. Habitualmente têm um sortilégio pintado com um ídolo, ou caracteres chineses. Podem ser levados no cabelo ou na roupa, ou colocados numa porta, parede ou dentro de um saco vermelho.
- Jade: Considera-se que o jade tem uma relação positiva com a saúde, podendo ser levado como amuleto. Algumas pessoas acreditam que, se se parte, dá azar.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

O confucianismo possui uma ampla diversidade de formas, mas sem divisões significativas. Em Portugal não se conhece nenhuma organização oficial ou oficialmente reconhecida.

O taoísmo não tem uma organização central ou hierarquia, embora algumas pessoas o dividam em três tipos de organizações:

- Académicas: compostas por elites educadas e centradas no estudo dos mestres e dos textos clássicos.
- Comunitárias: interclassistas e com sacerdotes e rituais regulares.
- De autodesenvolvimento: centradas na procura do bem-estar pessoal, da paz mental e da imortalidade espiritual.

Em Portugal existem alguns centros taoistas, principalmente em Lisboa. Existem diversas organizações que permitem procurar centros noutros países, nomeadamente no Reino Unido (taoists.co.uk), na Itália (daoitaly.org) e na Suíça (ataos.populus.ch).

Livros

Confucianismo

- Os Cinco Clássicos: *Shu Ching* ("Clássico da História"), *Shih Ching* ("Clássico das Odes"), *I Ching* ("Clássico das Mudanças"), *Ch'un Chiu* ("Os Anais da Primavera e do Outono") e *Li Chi* ("Clássico dos Ritos").
- Os Quatro Livros, dos quais o primeiro volume é o *Lun Yu* (os "Analectos de Confúcio"), o texto mais reverenciado e que contém os principais ensinamentos do mestre. Os outros três volumes são *Chung Yung* ("Doutrina Média"), *Ta Hsueh* ("Grande Aprendizagem") e *Meng Tzu* ("Mêncio").

Taoismo

- O texto mais importante do taoismo é o *Tao Te Ching* ("O Caminho e o seu poder"). Alguns atribuem-no a Lao Tse (século VI a.C.). A maioria dos taoistas considera-o um guia essencial para viver em plenitude ética e espiritual.
- Existem outros textos taoistas importantes para determinados grupos específicos, que consistem em revelações de seres perfeitos, santos e avatares que vivem em reinos superiores e revelam o funcionamento secreto do cosmos.

Textos

Confucianismo

Analectos, VII, 35

Confúcio estava gravemente doente e Tzū-lu pediu para rezar em seu nome. Confúcio perguntou: "E há orações para tal coisa?" Tzū-lu respondeu: "Sim. A oração antiga era 'Imploram-te os deuses e deidades no céu e na terra'."

Confúcio disse: "Há muito tempo que essa é a minha oração."

Livro dos Ritos, 21.2.1

Ts'ai-wu disse, "Ouvi os nomes Kwei e Shan, mas não sei o que é que significam." O Mestre disse, "O espírito (inteligente) é da natureza de Shan, e demonstra-o da forma mais plena; a alma animal é da natureza de Kwei, e demonstra-o da forma mais plena. A união de Kwei e Shan forma a mais alta exposição da doutrina.

Todos os seres vivos têm de morrer, e morrendo, regressam à terra; isto é o que se chama Kwei. Os ossos e a carne decompõem-se no subsolo e, ocultos, transformam-se na terra dos campos. Mas o espírito avança e é apresentado nas alturas numa condição de gloriosa luminosidade. Os vapores e odores que produzem um sentimento de tristeza (e brotam da decomposição da sua substância) são as essências subtis de todas as coisas, e também uma manifestação da natureza de Shan."

I Ching: "Grande Comentário", 1.4.2

A união da semente e do poder produz todas as coisas; a saída da alma provoca mudança. Desta forma, chegamos a conhecer as condições dos espíritos que partem e regressam.

Analectos, 11.12

Tzū-lu perguntou como poderia servir os fantasmas e os espíritos. O Mestre disse: "Enquanto não tiveres aprendido a servir os seres humanos, como podes servir os fantasmas?" Tzū-lu acrescentou: "Posso atrever-me, então, a fazer uma pergunta sobre a morte?" E o Mestre disse: "Enquanto não souberes o que é a vida, como podes saber o que é a morte?"

Taoismo

Chuang Tzu, 23

Possui uma existência real, mas não tem nada a ver com o espaço; possui continuação, mas não tem nada a ver com princípios ou fins. Possui uma existência real, mas não tem nada a ver com o espaço, tal é a

sua relação com o espaço; possui continuação, mas não tem nada a ver com princípios ou fins, tal é a sua relação com o tempo; possui vida, possui morte; avança, entra, mas não vemos a sua forma. Tudo isto é o que denominamos a Porta do Céu.

Chuang Tzu, 6

Consideram a vida como um apêndice pegado, uma excrescência pegada, e a morte como a excisão do apêndice e a supuração da excrescência.

Chuang Tzu, 2

Como é que eu sei que o amor pela vida não é uma ilusão e que a aversão à morte não é como um jovem que se perdeu e não sabe nesse momento que na realidade se dirige para casa? Li Ji era a filha do guarda de fronteiras de Ai. Quando o governante do Estado de Jin a capturou inicialmente, ela chorou até as suas lágrimas lhe encharcaram a frente do vestido. Mas quando chegou aos aposentos do rei, e partilhou com ele o seu luxuoso sofá, e comeu da sua carne, alimentada a cereais e erva, arrependeu-se de ter chorado. Como é que eu sei que os mortos não se arrependem do seu anterior apego à vida? Os que sonham com os prazeres da bebida podem gritar e chorar de manhã, e os que sonham com gritar e chorar podem partir de manhã cedo para a caça. Enquanto sonhavam não sabiam que estavam num sonho. No seu sonho, podiam mesmo ter tentado interpretá-lo, mas quando acordaram souberam que se tinha tratado de um sonho. E haverá o grande acordar, após o qual perceberemos que esta vida foi um grande sonho.

Uma vez, eu, Chuang Tzu, sonhei que era uma borboleta, uma borboleta que voava de um lado para o outro, sentindo como me divertia. Não sabia que era eu. De repente acordei e voltei a ser eu, o verdadeiro Chuang Tzu. Mas não sabia se tinha sido Chuang Tzu quem tinha sonhado que era uma borboleta, ou se era uma borboleta a sonhar nesse momento que era Chuang Tzu. Mas entre Chuang Tzu e a borboleta tem

de haver alguma diferença. Isto é o que se chama a transformação das coisas.

O mantra da divindade Zi Qi Zhen Jun

Seguir a ordem da profundidade do universo.
Preservar a essência e refletir a luz da estrela polar.
Circular o chi do yin e do yang.

Apresentar e esconder sempre, encerrar o espírito.
Pegar no carro de jade para subir ao céu.

Levar o sino de ouro para voar para a Ursa Maior.

As estrelas dos quatro pontos cardeais seguem as fórmulas do céu.

A terra respeita sempre a potência do universo.

Consultores

Tian Cheng Yang, mestre taoista do Centro de Investigação da Cultura Taoista da China no Templo de Baiyun-guan (Pequim, República Popular da China), sede da Associação Taoista da China (Zhongguo Daojiao Xiehui) e fundador do Templo da Pureza e do Silêncio em Barcelona.

Arthur Mateu, vice-presidente de Associação de Taoismo de Espanha.

Notas

1. Origem do Zhou Yi ou “Livro das Mutações” e predecessor do *I Ching*.
2. “Livro dos Ritos”.
3. Os textos mais frequentemente lidos durante os funerais são o “Livro da Salvação”, o “Livro do Imperador de Jade” e o “Livro dos Três Oficiais”.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Ateísmo



*Busto de Bertrand Russell, Londres (Reino Unido).
Joan Carles Marset.*

Denominação

Ateísmo.

Origem e fundador

O pensamento ateu não tem um fundador e não está baseado numa revelação ou nos ensinamentos de um mestre, sendo construído de forma pessoal, a partir da própria experiência e reflexão.

Os primeiros autores ateus conhecidos no Ocidente foram filósofos gregos, como Protágoras ou Epicuro, embora se destacassem mais pelas suas críticas à religião e aos excessos dos sacerdotes que por uma visão realmente atea do mundo.

O ateísmo como sistema de convicções remonta-se ao século XVIII, citando-se frequentemente como o primeiro ateu Jean Meslier, sacerdote católico que aquando da sua morte deixou escrito um “Testamento” em que manifestava a sua convicção de que Deus não existe.

Fundamentos

O ateísmo é a posição filosófica de quem rejeita a existência de Deus, de um espírito ou de qualquer outra entidade sobrenatural de carácter transcendente em que se encontrem a origem e o sentido da existência. O ser humano é uma manifestação consciente da matéria, capaz de conhecer e refletir sobre a realidade, e de agir sobre ela de forma responsável para tratar de melhorar o seu destino, individual e coletivo.

O resultado é que, para um ateu, se Deus não existe, então a maioria das afirmações das religiões carece de sentido: ninguém ouve as orações, o paraíso não existe e a ressurreição também não, e é inútil esperar recompensas ou castigos no mais além. A morte marca o final da vida e, com ela, o final da existência do indivíduo. As pessoas ateias estão convencidas de que depois da vida não há nada mais, e consideram que o único que permanece é o seu legado, os seus entes queridos, as suas obras e porventura a sua memória.

O que o ser humano quiser fazer tem de ser feito neste mundo, e para o fazer só pode confiar no seu próprio esforço e no dos seus semelhantes. O futuro está nas suas mãos e é a sua responsabilidade construir um mundo mais justo onde todos possam viver em paz e liberdade.

Moral, comportamentos e compromissos

Para o ateu não há uma moral absoluta ditada por um ser superior. A moral é um conjunto de normas aceites por uma sociedade para possibilitar a convivência entre todos os seus integrantes. Por isso, encontra-se em constante mudança, adaptando-se às circunstâncias históricas e aos conhecimentos do mundo que temos em cada momento.

As normas morais têm de ter como objetivo a eliminação do sofrimento e a garantia do maior bem-estar possível para todos os seres humanos. É preciso, portanto, estabelecer um quadro de convivência e de respeito que todos os cidadãos possam partilhar, independentemente das crenças e convicções particulares. O enquadramento estabelecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos é um bom ponto de partida para tentar definir esse conjunto de valores comuns.

Práticas e ritos

O pensamento ateu é construído de forma individual e, portanto, não é homogéneo nem conta com um conjunto de práticas e ritos estabelecidos. Os ateus costumam seguir os principais ritos de passagem próprios das sociedades em que vivem: celebram o nascimento, a passagem para a puberdade e a convivência adulta, e realizam cerimónias para despedir os seus entes queridos ou pessoas que tenham exercido um papel social relevante.

A morte. Os ateus partilham o desejo de que aquando da sua morte, em qualquer ato que se realize em sua memória, se respeitem as suas convicções e a sua visão do mundo.

A vontade do moribundo tem de estar sempre por cima dos desejos, por mais bem-intencionados que sejam, de terceiras pessoas, mesmo que se trate de familiares diretos. Por isso, os ateus costumam considerar que os

serviços religiosos em residências, hospitais ou noutros centros de saúde públicos têm de se limitar às pessoas que os tiverem pedido consciente e voluntariamente.

Os ritos fúnebres. Para respeitar ao máximo a vontade do falecido, convém realizar uma declaração de últimas vontades em que se explicita o tipo de cerimónia que deseja.

O funeral costuma consistir num ato de despedida, com flores e objetos significativos que tenham feito parte da vida do defunto, e em que os seus seres próximos ou, se for caso disso, alguma autoridade realizem breves discursos recordatórios, alternados com glosas sobre a vida e as virtudes do defunto e com leituras de textos e poemas através das quais os seus entes queridos manifestem as suas recordações, afeto e dor.

O ato pode ser acompanhado por música pausada e serena para realçar a emotividade e conseguir que os familiares e amigos guardem uma boa recordação da cerimónia. É desejável que a música e as leituras respondam às preferências e aos desejos do defunto.

Enterramento ou incineração. Os ateus não têm uma preferência clara por serem enterrados ou incinerados. No entanto, é provável que muitos aceitem ser incinerados, dado considerarem que o corpo falecido se transforma em matéria inerte cujo fim último e inexorável é a decomposição. A cremação é pois uma forma de devolver à terra o que dela procede. A única condição seria realizar sempre um tratamento respeitoso dos restos do defunto.

Festas

- 12 de fevereiro, Dia do nascimento de Charles Darwin em 1809.
- 20-21 de março, equinócio de primavera.
- 20-21 de junho, solstício de verão.
- 22-23 de setembro, equinócio de outono.
- 10 de dezembro, Dia da Assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948.
- 21-22 de dezembro, solstício de inverno.

Organização da comunidade religiosa e do apoio aos doentes

O ateísmo é construído de forma individual e não homogênea. Não existem seguidores ou membros de uma concepção ateia particular, mas cidadãos que vivem em sociedade e partilham umas ideias elementares sobre a natureza da realidade e da existência humana.

No entanto, existem diferentes organizações que agrupam pessoas ateias e que podem oferecer orientação sobre o apoio a doentes e falecidos ateus. A organização de referência em Portugal é a Associação Ateísta Portuguesa. A nível global, uma das organizações de referência é a União Internacional Ética e Humanista (www.iheu.org).

Textos

ANTONIO MACHADO, *Provérbios e Cantares*

Tudo passa e tudo fica, mas o nosso destino é passar, passar fazendo caminhos, caminhos no mar.

Caminhante, as tuas pegadas são o caminho e nada mais;

caminhante, não há caminho, o caminho faz-se a andar.

A andar faz-se caminho, e ao voltar a vista para trás vê-se a senda que nunca se voltará a pisar. Caminhante não há caminho, mas esteiras no mar.

CZESLAW MILOSZ, *O presente*

Um dia feliz.

O nevoeiro dissipou-se cedo, estive a trabalhar no jardim. Os colibris detinham-se na madressilva.

Não havia nada na terra que eu quisesse ter. Não conhecia ninguém que pudesse invejar. Todos os males que sofri tinham sido esquecidos.

Já não tinha vergonha do homem que fui. Não sentia dores no corpo.

Quando me endireitei, vi o mar azul e as velas.

LÚCIO ANNEO SÉNECA, *Cartas a Lucílio*

Num ponto do caminho deixarás um companheiro; noutra enterrarás alguém; um pouco mais longe serás assaltado pela ansiedade. É através destes tropeços que tens de percorrer este áspero caminho. Porque todos os dias morremos, todos os dias perdemos uma parte da vida, e mesmo quando crescemos, a vida decresce. Perdemos a infância, depois a mocidade, de mais tarde a juventude. Até ao dia de ontem todo o tempo passado feneceu; e este mesmo dia de hoje é partilhado entre nós e a morte. E da mesma forma que não é a última gota que deixa a clepsidra seca, sendo parte de um processo com todas as gotas que caíram antes, a hora última em que deixamos de existir não produz solitariamente a morte, embora só ela a complete. A morte é um sonho tranquilo e sem perigo. Com ela acaba a felicidade mas também com ela se afasta a calamidade. Vive o suficiente, e quanto estiveres completo, espera a morte.

Seleção poética¹

- GARCÍA LORCA, FEDERICO. “Se morrer”. Despedida.
- KAVAFIS, KONSTANTINOS. “Quando empreenderes a tua viagem para Ítaca”. Ítaca.
- MARCO AURÉLIO. “Não desdenhes a morte...”.
- PARRA, NICANOR. “Até logo”. Chegou a hora de retirar-se.
- PESSOA, FERNANDO. “Quando crescer a erva...”
Poemas incompletos.
- WHITMAN, WALT. “Levanta a âncora!”. Folhas de erva. Adeus à minha fantasia. Zarpa para não regressar.
- YEATS, W. B. “Sei que encontrarei o meu destino”. Um piloto irlandês vislumbra a sua morte.

Seleção musical

- BACH, JOHANN SEBASTIAN. Suite para orquestra n.º 3 em Ré Maior, BWV 1068. II Ária.
- BARBER, SAMUEL. Adágio para cordas, Opus 11
- GIORDANO, UMBERTO. Fedora. Intermezzo.
- JOHN, ELTON. Your song.
- LENNON, JOHN. Imagine.
- MASCAGNI PIETRO. Cavalleria Rusticana. Intermezzo.
- MERTENS, WIM. Close cover.
- PUCCINI, GIACOMO. Gianni Schicchi. O mio babbino caro.
- RAVEL, MAURICE. Pavana para uma infanta defunta.

Autor

Joan Carles Marset, vogal da Junta de Ateus da Catalunha e membro do Conselho Executivo da União de Ateus e Livres-Pensadores.

Notas

1. Extraído de: RUBIO, Andrés: *El árbol rojo. Versos para ceremonias laicas* (Demipage, 2010).

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Apêndice

A morte e o luto na religiosidade cigana

A maioria dos ciganos portugueses são cristãos, principalmente membros da Igreja de Filadélfia (59%). Esta igreja surgiu em França cerca de 1950 da mão de um pastor não cigano, Clément Le Cossec, que predicava entre os trabalhadores sazonais ciganos, que ao regressarem difundiram a sua mensagem. A Igreja tem um elevado ritmo de atividades e celebrações. O culto é praticamente diário e combina a predicação, a oração e o louvor. A música e o canto ocupam um lugar destacado. Também realiza um trabalho educativo e social (que inclui projetos para prevenir e combater a toxicodpendência).

Mas, mais além da tradição religiosa específica de cada grupo, existe uma maneira cigana de viver a espiritualidade. Desde muito pequenos, os ciganos habituam-se a conviver com a morte como um facto natural: inevitável do ponto de vista humano e renovador para o crente. A vida é um caminho para o momento transcendental da morte, que é a entrada para a existência em plenitude e para o encontro com o Deus criador.

A doença e a morte. A doença e a morte são vividas de forma comunitária. Os familiares acompanham os seus doentes em todos os momentos e lugares, primeiro que tudo para verificar o seu estado. Um diagnóstico é uma abstração: se a pessoa não o vê, pode não ser verdade. E numa cultura baseada na vivência das coisas, e num grupo humano que fez do encerramento em si próprio uma estratégia de sobrevivência, para acreditar sem ver é preciso ter ganho previamente a confiança. Os ciganos só se fiam plenamente do diagnóstico de um profissional da saúde que já conheçam ou que também seja cigano.

Quando a doença leva indefetivamente à morte, a presença dos familiares tornar-se-á ainda mais intensa. Não há choros, mas esperança até ao final. Ora bem, quando se produz o óbito, a dor é expressa de forma aberta e máxima, chegando mesmo a chorar a gritos, a rasgar-se a roupa ou a atirar-se para o chão.

Muitos dos ciganos *kalderash* (aqui mais conhecidos como “romenos”) mantêm o costume de limpar o corpo do defunto com água salgada e de o vestir com roupa nova. Em qualquer caso, os familiares nunca permitirão, sob nenhum pretexto, que se pratique a autópsia ao cadáver nem que lhe sejam extraídos órgãos. A mera pergunta ainda hoje é considerada ofensiva.

O período de luto costuma durar três dias, durante os quais o corpo do defunto é purificado. Tentar-se-á não conservar nada desse período, desde a certidão de óbito até um recordatório e à roupa usada nesses dias. A família veste-se de preto, com lenços ao pescoço ou na cabeça, não realiza nenhum tipo de higiene pessoal e não faz nenhum tipo de atividade prazenteira. Também se detêm as atividades sociais ou laborais. A família dedica-se a ajudar o defunto a deixar este mundo através da oração e da própria dor.

O momento da separação física definitiva vive-se de forma diferente segundo a cultura. Os ciganos *caló* acentuam a dor com abraços coletivos e gritos de angústia, rasgando a roupa ou rebolando no chão. Os *kalderash* vivem-na de forma mais esperançosa, pensando no reencontro. Nem uns nem outros usam nenhum dos objetos pessoais do defunto, que os *caló* oferecem e os *kalderash* deitam fora.

A forma de sepultura também varia. Os *caló*, mais ocidentalizados, depositam o corpo num túmulo ostentoso, com o objetivo de que a memória do falecido perdure, enquanto os *kalderash* o enterram num campo virgem, não dedicado à agricultura, preferivelmente perto de um rio. Os *kalderash* nômadas abandonam o lugar do óbito e os que não o são abandonam ou vendem a casa.

Após a inumação o luto continua entre um mês e um ano. Durante este período, continua-se sem fazer nada que provoque ou evoque prazer. Os *kalderash* celebram um memorial diário do defunto comendo os pratos de que este gostava, deixando um lugar vazio na mesa e deitando para o chão a bebida e a comida restantes. Finalmente, passado o luto, a roupa utilizada é deitada fora (*calós*) ou queimada

(*kalderash*). As visitas ao túmulo servem para o adornar com flores (*calós*) ou velas e alimentos (*kalderash*).

Depois de purificados durante os três dias preceitos, transitam automaticamente para o Paraíso, onde passam a ser os principais protetores dos vivos, na sua condição de ponte entre a família e a divindade. Também são fonte de pureza cigana (a *marimé*) e energia espiritual (a *dji*). Ao emitir um juramento apelando ao mais sagrado, os ciganos juram sempre pelos seus defuntos. Isto confere validade à promessa, porque, se não a cumprir, o próprio defunto perseguirá a família com todos os tipos de desgraças. Qualquer ofensa à memória dos defuntos é a máxima ofensa possível a toda a família, que fará tudo o que estiver ao seu alcance para que seja retirada.

Autor

Sergi Rodríguez, consultor em temas ciganos da Conferência Episcopal Espanhola.

Se desejar proporcionar-nos qualquer informação adicional que considere relevante pode dirigir-se a secretaria@audir.org.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões apresentadas nesta publicação, e a Fundação “la Caixa” não as partilha necessariamente.

Se estiver interessado em requerer um exemplar, pode dirigir-se a:
recursosreligiosos@fundacionlacaixa.es

Os papéis utilizados nesta publicação são: cartolina estucada *Folding Incada Silk 300 g* para a capa, e papel *Universal Pigment Offset Edition 90 g* para o interior; ambos com certificação FSC (Forest Stewardship Council). Procedentes de florestas geridas de forma sustentável, com certificação total no que se refere à sua cadeia de produção.



logo FSC



ASSOCIACIÓ UNESCO PER AL
DIALOG INTERRELIGIÓS

ASSOCIATION UNESCO POUR LE DIALOGUE INTERRELIGIEUX

UNESCO ASSOCIATION FOR INTERRELIGIOUS DIALOGUE



Fundação "la Caixa"

Hinduísmo ou Sanatana Dharma **pág. 155**

Comunidade Hindu de Portugal

Tel.: 21 752 44 59

Correio eletrónico:

secretaria@comunidadehindu.org

Swami Satyananda Saraswati, um mestre Hindu que transmite o seu conhecimento das escrituras tradicionais e das práticas clássicas do hinduísmo.

advaitavidya@gmail.com / www.ad-vaitavidya.org

Geral: Congresso Mundial Hindu

www.worldhinducongress.org

Siquismo **pág. 169**

Sikh Comunidade Portugal

<https://pt-pt.facebook.com/pages/category/Community/SIKH-Comunidade-Portugal-884215698338129/>

Tel.: 920 084 229

Correio eletrónico:

gurdwaralisbon@gmail.com

Tradições chinesas: Confucianismo e Taoismo **pág. 183**

Associação Daoista de Portugal

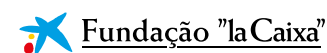
Tel.: 912 555 079 / 918 142 886

Correio eletrónico: adp317@gmail.com

Ateísmo **pág. 195**

Associação Ateísta Portuguesa.

<https://pt-pt.facebook.com/aateistaportuguesa>

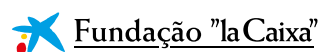


Espiritualidade, religião e cuidados no fim de vida

Informações úteis sobre
atitudes e crenças



Apoio integral a pessoas
com doenças avançadas



Catolicismo

pág. 19

Por norma, entra-se em contacto com o apoio religioso do hospital ou com a paróquia mais próxima do domicílio do doente. Caso não seja possível estabelecer contacto pode ligar-se a uma paróquia vizinha. Na Internet é fácil conseguir o telefone das paróquias ou da diocese.

Nos hospitais e nos lares de idosos pode-se pedir aos profissionais de saúde, ou na receção, que liguem a um sacerdote ou a um agente pastoral.

Conferência Episcopal Portuguesa. Comissão Nacional da Pastoral da Saúde. Coordenador Nacional: P. Miguel Ângelo Oliveira da Costa
Tel.: 218 855 498

Correio eletrónico:

pastoraldasaudefortugal@gmail.com
www.ecclesia.pt/cnpastoraldasaudefortugal

Protestantismo, incluindo Evangelicalismo

pág. 37

Conselho Português de Igrejas Cristãs:

Tel.: 222 007 410

Correio eletrónico: geral@copic.pt

Aliança Evangélica Portuguesa:

Tel.: 217 710 530

Correio eletrónico:

geral@aliancaevangelica.pt

Islão sunita

pág. 49

Recomenda-se acudir à comunidade islâmica mais próxima.

O Instituto Halal de Portugal oferece uma lista de lugares de culto e centros islâmicos no território português: <http://halal.pt/myihp/locais-de-culto/>

Islão xiita

pág. 63

O Instituto Halal de Portugal oferece uma lista de lugares de culto e centros islâmicos no território português: <http://halal.pt/myihp/locais-de-culto/>

Judaísmo

pág. 75

Em Portugal:

Comunidade Israelita de Lisboa:

Tel. 213 931 130

info@cilisboa.org

Comunidade Judaica do Porto:

Tel. +34 609 580 268

Internacional

World Jewish Congress:

www.worldjewishcongress.org/en

European Jewish Congress:

www.eurojewcong.org

Budismo (Buddha Dharma)

pág. 91

União Budista Portuguesa

Tel. 935 080 158

mail@uniaobudista.pt

Igreja Cristã Ortodoxa

pág. 109

O Episcopado Ortodoxo Romeno para Espanha e Portugal depende da metrópole para a Europa meridional e ocidental (com sede em Paris) e obedece ao Patriarcado da Roménia.

Sede do Episcopado Ortodoxo Romeno para Espanha e Portugal

Tel. 918 792 324.

contact@episcopiaspanieiportugalei.es

episcopia.spaniei.portugalei@mitropolia.eu

No caso de membros de outras igrejas ortodoxas, podem dirigir-se à *Assembleia Episcopal Ortodoxa de Espanha e Portugal*:

Tel. +34 913 454 085

metropoliespo@yahoo.es

rogeliosaez@yahoo.es

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons)

pág. 121

Para saber quem é o encarregado do cuidado dos doentes de cada zona de Portugal, é necessário perguntar pelo bispo da área de residência ou pelo presidente do ramo a que o doente pertença.

Testemunhas de Jeová

pág. 129

Em Portugal: **Serviço de Informação Hospitalar**
Tel. 914 587 629

Motor de pesquisa de contactos para todos os países:

<https://www.jw.org/en/medical-library/hospital-liaison-committee-hlc-contacts>

Fé Bahá'í

pág. 139

Em Portugal:

Comunidade Bahá'í em Portugal:

Tel: 217 590 474 - 926 483 883

Correio eletrónico:

info@bahai.pt

Outros países:

<http://www.bahai.org/national-communities/>
